

Estefania Cristina

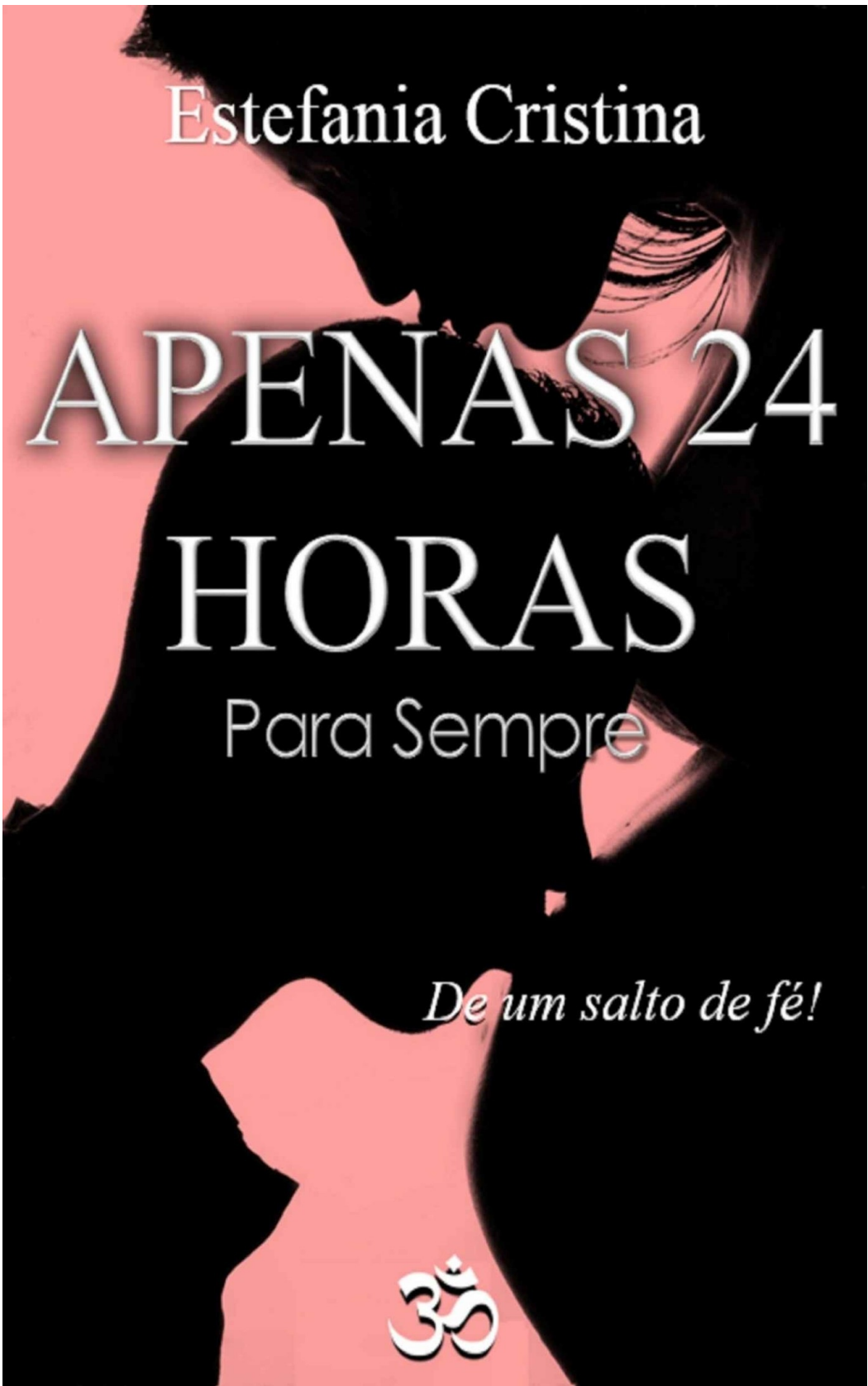
APENAS 24 HORAS

Para Sempre

De um salto de fé!





The background of the book cover features a romantic scene of a man and a woman in a close embrace, nearly kissing. The image is rendered in a high-contrast, artistic style with a pinkish-red color palette. The man's profile is on the left, and the woman's face is on the right, partially obscured by his shadow.

Estefania Cristina

APENAS 24 HORAS

Para Sempre

De um salto de fé!



Estefania Cristina

APENAS 24 HORAS
PARA SEMPRE

O amor é um salto de fé!

LIVRO III

Copyright©2018 by Estefania Cristina

Diagramação	Estefania Cristina
Capa	Emilly Cristina Estefania Cristina
Revisão	Luiza Medeiros Juliete Vasconcelos

C933a

Cristina, Estefania

Apenas 24 Horas Para Sempre/ Estefania Cristina.

2. Ed – Belo Horizonte, MG

Esta obra é uma produção Independente.

Copyright [2018] by Estefania Cristina

ASIAN: B01COG5OVM

Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra.

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance - Brasil CDD 869.93
2. Romance CDU (82) - 31

LIVRO REGISTRADO PELA BIBLIOTECA NACIONAL

SUMÁRIO

[PARTE 1 — A PRIMEIRA ILUSÃO](#)

[PARTE 2 — DE VOLTA PARA SEUS BRAÇOS](#)

[PARTE 3 — O PESADELO CONTINUA](#)

[PARTE 4 — ADEUS CAROLINA](#)

[PARTE 5 — O VELHO SONHO DA XÍCARA](#)

[PARTE 6 — 24 MESES COM VOCÊ](#)

[PARTE 7 — VIDA A DOIS](#)

[PARTE 8 — PRISÃO SEM GRADES](#)

[PARTE 9 — YOU TUBE](#)

[PARTE 10 — PERDENDO TEMPO](#)

[PARTE 11 — A BORDO](#)

[PARTE 12 — VOLTE A VIVER](#)

[PARTE 13 — ENTRELAÇAMENTO DO AMOR](#)

[PARTE 14 — BATE-BATE](#)

[PARTE 15 — É MENINA](#)

[PARTE 16 — APENAS UM FANTASMA](#)

[PARTE 17 — O ÚLTIMO GIRO](#)

[PARTE 18 — CAINDO DO CÉU](#)

[PARTE 19 — O MILAGRE](#)

[PARTE 20 — PARA SEMPRE VOCÊ](#)

[Projeto Semear](#)

[LISTA DE MÚSICAS](#)

“Você não consegue ligar os pontos olhando pra frente; você só consegue ligá-los olhando pra trás. Então você tem que confiar que os pontos se ligarão algum dia no futuro. Você tem que confiar em algo — seu instinto, destino, vida, carma, o que for. Esta abordagem nunca me desapontou, e fez toda diferença na minha vida” — Steve Jobs.

PARTE 1 — A PRIMEIRA ILUSÃO [PRESENTE]

“Eu faria você ficar, para não ter que dizer que você foi aquela que foi embora!” — The One That Got Away — Katy Perry

Fui o primeiro a pegá-la assim que a enrolaram em um lençol verde. Se não fosse o cabelo negro, ela seria cem por cento uma Beckham! A Mel não é apenas parte de mim, ela é parte de tudo que eu amo nessa vida!

Por vezes eu fico acordado só escutando o coraçõzinho dela bater sobre o meu! Ela só dorme quando eu a deito no meu peitoral e canto "Earned It - The Weeknd". E eu fico pensando: como é que ela consegue mudar o sentido dessa música para mim?

— *"I'mma care for you!"* (Vou cuidar de você!) — Quando ela fica muito agitada, eu faço beatbox da canção, assim ela sente a caixa torácica vibrar e dá aquela risada contagiosa. — Você não vai dormir, né?

Ela levanta a cabecinha, me olha com aqueles olhos gigantes e verdes e faz um barulho com a boca — como se fosse um balão esvaziando — tentando me imitar. Acaricio seu cabelo e olho para o lado vazio da cama.

— É, mocinha, agora somos só nós dois! — Com a Mel no colo, me levanto, vou até a cozinha e tento colocar ela no cadeirão. — Você está muito grande para chorar, sabia?

Ela faz um biquinho e os olhos derramam rios de lágrimas. A pego de volta.

— Que coisa feia, fazendo pirraça! — Pego o papel toalha e limpo seu narizinho. — Já parou o show? Parece sua mãe! *É, parece sim!*

Ela volta a sorrir enquanto eu coloco o leite no caneco e preparo o mingau de aveia. Lembro-me como esse apartamento ficou cheio de mulheres no dia em que Melissa nasceu. Vieram a minha mãe e a Tess! Certo, não é tanta gente assim, mas só as duas valem por um time de futebol.

Eu achei que não ia conseguir ser um bom pai, não sei se a maioria das pessoas tem noção de como é difícil o primeiro mês. É de cortar o coração ver aquela coisinha pequena sentindo tanta dor e tudo que você pode fazer é tentar confortar: dando algumas gotas de luftal, colocando de bruços nas suas pernas e dizendo como a ama.

Eu me lembro de sentar nessa mesma poltrona, aqui onde estou com

ela agora, e chorar! Eu chorei tanto a vendo sofrer. Ela nasceu tão pequena, que eu passava a noite toda vigiando sua respiração.

A minha mãe dizia “Koll, vai para cama, amanhã você tem que ir para a rádio. Eu cuido dela.”, mas quem disse que eu conseguia?

Sabe como é você mudar de cor de tão cansado? Tinha dias que eu ficava branco, pois me esquecia de comer. Os olhos ficaram fundos, pois eu não conseguia dormir, mas eu não ia suportar se algo acontecesse com a minha segunda pirracenta: a primeira é a Christina.

Só fui voltar a dormir quando Tess, minha irmã, passou a dormir abraçada comigo. Eu acho que nunca mais voltei a dormir pesadamente, eu fico sempre em alerta relembrando! E agora a casa está em profundo vazio. Tesha voltou para seu marido e filhos e eu mandei minha mãe, Ângela, voltar para casa.

Eu tenho que aprender a me virar com a minha menina!

Quem vê essa coisinha, hoje, bochechuda, nem imagina como me deu trabalho. Apanho o telefone ao lado da mesa e disco para o celular da Christina, que cai na caixa postal:

“Oi, eu sou a Chris, estou em tour. Deixe sua mensagem, assim que der, eu retorno! Beijos!” — Desligo o telefone e disco novamente, para ouvir sua voz.

— Oi, Chris, é o Koll! Eu disse que não ia ligar, mas eu estou com saudades e preciso de você. A Mel também sente sua falta! Então pelo menos liga de volta quando pegar essa mensagem. Te amo!

PARTE 2 — DE VOLTA PARA SEUS BRAÇOS [PASSADO]

*“Eu irei a qualquer lugar, e farei qualquer coisa, só para tocar sua face, não há montanha alta o suficiente que eu não possa escalar” —
Speechless - Michael Jackson.*

Koll senta-se na poltrona e, antes do avião decolar, envia outra mensagem para Christina, que insistia em não atendê-lo. Gardner sabe que aquilo é uma pirraça, mas não consegue evitar seu instinto de proteção. E se algo lhe acontecesse?

Não que ela precise ser tratada como um bebê, mas por quase toda a vida ela teve pessoas a sua disposição para ajudar a amarrar até o laço do sapato, e agora ela mora totalmente sozinha em um apartamento em Nova York.

Koll joga o celular no banco, encosta a cabeça no conforto e desvia o olhar para a janela. Seria mais fácil se ela aceitasse seu pedido e eles fossem morar juntos na Carolina do Sul, mas ela odeia praia. Como alguém pode não gostar de praia?

Já estavam juntos há um ano e meio, mas todos os encontros eram como se fossem o primeiro. Não conseguia evitar a ansiedade em ver o avião pousar logo e correr para seus braços.

O tempo não passa, e tudo que ele tem para conter a saudade são fotos da sua doce pirracenta. Apanha o aparelho e fica vendo as fotos dos dois juntos. Em uma delas, Chris sorri com o beijo que ele deposita em seu pescoço enquanto batem a "selfie" abraçados. Ele apenas de boné vermelho e sem camisa, ela com uma blusa de frio preta.

Koll sorri e passa para a próxima imagem, deparando-se com a foto que bateram na ponte de Rialto em Veneza, quando tudo começou.

“Por anos vivi uma realidade imposta e agora você está fazendo a mesma coisa. E eu não quero sair de uma prisão e cair em outra!”

Lembra-se do que conversaram naquele dia.

Gardner sabe que é só questão de tempo para que um dia eles oficializem seu amor para todos, entende que Christina precisa viver uma vida independente e sozinha. Precisa passar por suas dificuldades, correr atrás dos seus sonhos... literalmente, aprender a se virar, como ela gosta de dizer.

Em pouco tempo, Koll já está em NY dentro de um Sedan preto, que acabara de alugar. Seus olhos percorrem toda a extensa avenida abarrotada de carros tentando ver onde o trânsito termina.

— Vai logo! — diz em voz alta, vendo os respingos de chuva embaçarem o vidro. O celular toca e ele libera a chamada.

— Já chegou bonito? — Escuta a voz de Débora.

— Ainda não, minha musa! — Só de escutar a voz de sua melhor amiga, se sente mais calmo.

— Você vai falar com ela hoje?

— Assim que eu conseguir chegar. — Se aconchega no banco, desistindo de olhar o trânsito.

— Você acha que ela vai aceitar? — ela pergunta. Koll coloca os pulsos cruzados sobre a testa e encara o teto do carro.

— Tomara que sim. — Suspira — Deby, o que eu faço? Eu tenho medo de que ela não aceite. É o meu sonho.

— Você não pode desistir de algo que vem lutando para conquistar a quase sete anos, KG. Vocês vão encontrar um jeito de fazer dar certo caso ela não aceite.

— Eu a amo demais. E 910 milhas de distância já estão me matando. Mais do que isso, não sei se suportarei. Às vezes tenho vontade de jogar tudo para o alto e sair correndo atrás dela.

— Como você fez hoje? — Ele revira os olhos e sorri. Débora é a pessoa que mais lhe entende.

— Estou preocupado, ela não atende minhas ligações. Está distante. — O silêncio se instaura por alguns minutos. — Tenho medo que a distância nos separe. Isso vai soar egoísta, mas tenho medo de que ela não precise mais de mim como eu preciso dela.

— Koll Gardner! — Débora chama sua atenção. O sinal abre e ele avança alguns centímetros com o carro. — Que bobeira é essa? Graças a Deus que a Christina não precisa de ninguém, é o que nós queríamos. Amamos as pessoas, não pelo que elas podem nos oferecer, amamos o que elas podem nos fazer sentir. Duvido que ela encontre outro homem como você. Essa menina te ama, não seja bobo!

— Então por que ela não me atende? — Koll praticamente grita e solta

risadas com a loira.

— Para você sair correndo e ir vê-la pessoalmente.

— Espero que você esteja certa! — Finalmente o trânsito dá uma trégua. — Graças a Deus!

— A Gaby está me ligando, vou desligar.

— Manda um abraço por mim — Koll se despede e encerra a chamada.

Gardner chega ao prédio. O porteiro, já o conhecendo, libera sua entrada. Mais que depressa, Koll pega suas malas e a inseparável mochila, onde guarda seu notebook. Tenta o elevador, mas está em manutenção, então sobe as escadas, quase correndo de tanta alegria.

Quanto mais perto, mais os passos aceleram, assim como o seu coração. Para na porta e fecha os punhos para bater, ainda com o gesto no ar, a vê se abrir, revelando a mulher de sua vida.

Christina pula encima de Koll, trançando as pernas em volta de sua cintura e colando seus lábios na boca dele.

— Até que enfim você chegou! — diz ela entre os beijos.

Koll, esquecendo toda a bagagem no corredor, fecha a porta e abraça sua garota, sentindo o coração transbordar de satisfação por poder tocá-la.

— Senti saudades! — diz ele, subindo as escadas e levando Christina para o quarto. A senta na beira da cama e retira a blusa de flanela xadrez preta que ela usava.

Encaixa-se entre as pernas dela, que usavam apenas um short rosa e justo de dormir.

Koll tem tantas coisas para conversar com Christina, mas tudo pode esperar até ambos matem o desejo que sentem um pelo outro. Não que isso seja possível, pois parece que quanto mais eles se entregavam, mais necessitavam daquele toque.

De joelhos na cama, Koll retira a blusa cor vinho, deixando à mostra um corpo escultural que faria qualquer mulher agradecer por poder tocá-lo. Chris senta para beijar sua barriga e desabotoar a calça jeans do moreno que, logo, entrelaça as mãos no seu cabelo longo e com luzes. Gardner revira os olhos, sentindo Christina o levar para o céu com o toque aveludado de sua boca.

Finalmente Koll consegue ter um sono decente. Ao lado de Christina é como se pudesse fechar os olhos e se entregar ao descanso. É como estar completo. Será errado sentir isso por alguém? Como o culpar por amar tanto? Koll tem certeza de que estas dúvidas jamais caberão em seu coração, pois o que sente é puro e verdadeiro. Sabe que encontrou a pessoa certa para dividir tudo que seu espírito aventureiro pode compartilhar.

Acaricia sua garota deitada sobre seu peitoral e sorri.

— Pensei que estivesse dormindo! — sussurra Chris.

— Estava sonhando — responde. — Sonhando acordado com você.

Ele abre os olhos e Christina vai ao encontro de seus lábios. Todos dizem que ela mudou bastante, mas, para Koll, ela sempre foi assim, mas só agora se permitia revelar. Como um rolo de filme que ainda precisava se transformar.

Talvez ele tenha sido o único a vê-la como é, sem expectativas de perfeição. As pessoas esperam muito umas das outras e isso as magoa, pois acabam idealizando algo que não existe. Mas Christina é real, pois ele a aceitou com seus medos, manias e loucuras. Assim como ela o aceitou com as suas.

— Quer comer algo? — Koll ergue uma das sobrancelhas e sem querer acaba denunciando os pensamentos. Christina é péssima na cozinha.

Aliás, é péssima com tudo que se refere a ser uma dona de casa. Sem problemas, não é algo que ela precise ser, mas é algo que ela insiste em tentar, só porque o moreno é um "mestre cuca" e muito organizado, ao contrário dela.

— O que tem na sua cozinha? — Se apressa, antes que ela faça algo indigerível.

— Koll, não precisa fazer nada, eu mesma faço! — A frase proporciona a Koll embrulhos no estômago. Ele se levanta, coloca a boxe e procura sua bolsa para pegar a bermuda, só então se dá conta de que esqueceu tudo no corredor do prédio.

— Esqueci minha bagagem! — Sai do quarto, desce a escada e abre a porta.

A vizinha idosa da porta da frente, com o poodle branco nos braços, que acabara de chegar, arregala os olhos ao ver o moreno gigante e seminu a sua frente.

— Boa tarde! — Koll dá um sorriso torto, mas a senhora nem se mexe, quem dirá o cumprimenta. Assim que Gardner fecha a porta, Christina, que desce as escadas, solta uma gargalhada.

— Você assustou a sra. Marroy! — Se joga no sofá.

— Espero que ela não reclame com o síndico... — Veste a bermuda e vai para a cozinha.

— É mais fácil ela ter um infarto! — Koll olha para a porta preocupado com o comentário de Christina, mas acaba desistindo de ver se a sra. Marroy está bem. É mais fácil ela adquirir uma vida-longa e ficar esperando trombar com ele novamente.

Ele abre o armário e se depara com os mais variados tipos de miojos. Abre a geladeira e só vê iogurte, empanados, pizza e refrigerante.

— Christina, me diga que você está comendo em um restaurante! — Fecha a porta metálica e vê uma variedade de ímãs de geladeira com telefones de estabelecimentos.

Pega o do restaurante japonês, retira o telefone do gancho e se escora na bancada que divide a cozinha e a sala. Faz o pedido, então volta a atenção para sua linda namorada que não responde sua pergunta.

— Estou esperando uma resposta! — Senta sobre Christina, mantendo o corpo da jovem entre suas pernas. — Você vai ficar doente se continuar comendo besteiras.

— Você come um monte de besteira e está ótimo!

— Eu abuso do açúcar somente em festas. Pratico exercícios todos os dias e tenho uma alimentação saudável. Meu corpo está em equilíbrio. — Toca o rosto dela e vê seus olhos. — Você vai acabar ficando anêmica.

— Eu estou bem! — Irritada, afasta o toque dele e se distancia.

— Por que você não contrata uma empregada? Você não tem que fazer as mesmas coisas que eu faço! — Christina vai para o banheiro e Koll a segue, vendo-a fechar o box.

— Sai daqui! — ela o adverte e fecha o box, que foi aberto pelo moreno. — Eu sou adulta, sabia?

— Eu sei! — Koll abre a porta do espelho procurando o fio dental. — Você não tem fio dental?

— Procura aí! — Essa garota às vezes parece bipolar, mas é engraçada. Ele pensa enquanto abre todas as gavetas e se depara com o frasco de anticoncepcional cheio. Ele olha a data em que foi manipulado e percebe que já deveria ter acabado. Fica um tempo pensativo, receando soltar qualquer frase que possa parecer contraditória.

— Christina, você parou de tomar o anticoncepcional? — Ele guarda o remédio e a vê saindo, com a toalha branca enrolada no corpo.

Ela faz uma cara de quem foi pega de surpresa e finge trivialidade.

— Claro que não! — Passa por ele, voltando para o quarto, abre a gaveta procurando outra toalha para secar o cabelo.

Surpreso, Koll pensa um pouco no que dizer, já que nunca conversaram sobre ter filhos. É algo que, com certeza, ele deseja. E estaria

pronto para dar esse passo caso ela também desejasse. Ele vai até o quarto e senta ao pé da cama, vendo-a se arrumar.

— Chris, você quer ser mãe?

— Um dia, com certeza. — Koll não sabe direito o que é, mas tem algo estranho, que chega a causar um constrangimento entre eles. E isso é uma coisa difícil de acontecer com ele.

— Você está mentindo para mim, não faz isso!

— Koll, eu só utilizei o mesmo frasco você, mais do que ninguém, deveria saber que isso é ecológico. — Ela dá um sorriso, vai até ele e o beija. O interfone toca. — Nosso *almoço* chegou.

Ela diz em tom de brincadeira, já eram mais de cinco horas da tarde, já não era hora de almoço. Se retira para ir buscar o pedido e o deixa com uma sensação de vazio nos braços. Koll fica pensando que talvez seja fruto da sua imaginação toda essa preocupação com sua amada.

Queria ter se aprofundado no assunto com ela e ter dito o quanto desejava aquilo, caso ela ainda não tivesse percebido. Talvez ele não tenha demonstrado o quanto ficaria feliz em ter um filho.

Talvez Christina precise ouvir isso, mas escapuliu da conversa com tanta destreza que nem mesmo ele percebeu.

Sentaram-se no chão da sala e usaram a mesinha de vidro como mesa de jantar. Ficaram se enamorando, usando o hashi^u carinhosamente para levar o alimento um aos lábios do outro e assim trocar beijos. Koll a olhou com admiração, porém, inquieto.

— Chris, lembra-se da primeira vez que estivemos na casa dos meus pais e eu lhe falei sobre um projeto que eu estava desenvolvendo para a KGG? — A garota franze a testa tentando se lembrar.

— Está falando de quando estávamos andando de bicicleta?

— Exatamente! — Ela dá um aceno positivo tomando um gole de saquê. — Foi aprovado.

— Que maravilha! — Fica alegre e depois tenta se lembrar com detalhes do projeto. — Acho que você não chegou a me falar como se dará o projeto.

— É porque eu realmente não falei muito. — Tenso, Koll olha para ela, que parece cheia de expectativas. — Eu vou abrir uma nova sede da KGG.

— Isso é ótimo! Não é? — pergunta, vendo que o rapaz quase sua para lhe contar.

— Será em outro país. KGG Brasil. — Christina automaticamente enrijece, coloca os braços cruzados na mesa e sorri, já sabendo onde Koll quer chegar, mas evitando a verdade.

— Você já montou a equipe que ficará responsável por ela? Acho que seria ótimo para o Toddy virar um âncora, ele é muito carismático, mas é apenas um palpite! Todos que trabalham com você são incríveis — começa a falar sem parar, e isso só torna as coisas mais difíceis para Koll.

— É o meu sonho, Chris! Eu sempre quis abrir a KGG no Brasil e morar lá. Eles são tão parecidos comigo. Vamos a Kami Oshoa e eu. O resto da equipe será completada por brasileiros. — Christina fica séria, seu olhar pousa no chão.

— Está terminando comigo? — Seus olhos ficam marejados.

— Claro que não! — Koll segura sua mão, a retirando da defensiva em que se mantinha. — Eu quero que vá comigo! Não posso ter um continente separando o nosso amor. Já é difícil morar em um estado diferente. Eu sei que prometi respeitar o seu espaço. Mas agora é diferente. E eu não posso abandonar algo que sempre sonhei. Não é apenas um trabalho, é algo que faz de mim o que eu sou, mas não quero deixar você para trás, porque você é a minha vida.

— Koll, não sei se estamos prontos para morar juntos. E se der errado? Estamos tão bem agora. Talvez seja melhor tentarmos à distância, já fazemos isso. Podemos nos ver nos feriados. — A tentativa de agir como uma pessoa madura é dolorosa e faz com que Christina deixe escapar as lágrimas que ela mesma seca. — Está tudo bem!

— Eu sei que você acha que não está pronta, mas você está, sim. E, se você morar comigo, vou te amar ainda mais. Nada mudará no modo como eu te vejo, não tem rotina que me faça enjoar de amar você.

— Koll, você não está me pedindo para ir para Carolina do Sul, está me pedindo para mudar de país e abandonar todo o meu universo. Eu estou... — O ar lhe falta e Gardner senta mais perto para abraçá-la.

— Você está com medo, eu sei! — Afaga seu cabelo, mantendo o abraço. — Meu mundo também vai mudar, Christina. Às vezes é necessário sacudir a vida de cabeça para baixo. É isso que faz com que a vida não caia na monotonia. — Se afasta para encará-la. — Lembra como foi me reencontrar depois de dez anos?

— Você transformou minha vida. Você está entediado? É por isso que quer ir embora? Por que você não pode mandar outra pessoa no seu lugar?

É mais fácil Christina sofrer de tédio do que Koll. E saber disso, é o que o faz ter certeza de que ela precisa dessa nova transformação.

— Não estou entediado, esse é o único projeto a longo prazo que eu

fiz... E ter você! Não posso mandar outra pessoa no meu lugar, da mesma forma que você não pode mandar outra pessoa pintar quadros para você. — Christina se desmancha em lágrimas e o abraça para escondê-las.

— Você está me abandonando! — A frase de Chris quebra o coração do rapaz.

— Eu não estou te abandonando, vem comigo, pelo amor de Deus! — Ele a afasta, segurando a cabeça dela entre suas mãos, e a fita, também estando ele com os olhos repletos de lágrimas. — Vem comigo! A gente casa quando você achar melhor, e construímos uma família com quantos filhos você quiser. Podemos montar o Jackson 5, ou um time de futebol de bebês se assim desejar.

Os dois trocam sorrisos.

— Eu odeio praia! — diz Chris, pensando nas inúmeras praias que possui o Brasil

— Vamos para São Paulo, uma metrópole do jeito que você gosta. Eu já tenho tudo programado para ter você ao meu lado.

— Eu não sei falar português.

— Você vai aprender. A necessidade faz o homem... ou a mulher! — Eles trocam risadas. — Você vai aprender mais rápido que eu por conviver diretamente. São pessoas adoráveis, Chris, tenho certeza que você vai se sentir abraçada por todos, assim como eu já me sinto. Vem comigo — repete a frase distribuindo beijinhos em seu rosto. — Vem comigo, vem comigo!

— Eu vou! — Assim como ele, ela repete sua resposta, enquanto Koll a beija, logo ele a derruba no carpete da sala, tirando sua roupa novamente para comemorar a nova etapa de suas vidas. — Eu vou!

PARTE 3 — O PESADELO CONTINUA [PRESENTE]

“Conversando com a lua, tento chegar até você, na esperança de que você esteja no outro lado conversando comigo também” — Talking To The Moon — Bruno Mars.

Depois que a Mel nasceu, minha cor preferida se tornou o rosa! Tem rosa na parede, no tapete, no berço, até minhas blusas são rosas com corações e o slogan: Melhor pai do mundo. Sabe o que é engraçado? Eu uso! Mas não sei se sou o melhor pai do mundo, tenho a sensação de que estou fazendo tudo errado.

— Melissa Gardner, me deixe colocar seus sapatos! — Ela me chuta e foge engatinhando pela cama. Me ajoelho, a pego de volta e a deito. Ela grita irritada quando enfim coloco as sapatilhas. — Por que você está gritando?

Ela continua gritando e fecha o semblante, nervosa, porque eu estou rindo dela!

— Você sabia que fica feia gritando? — Na verdade fica muito fofinha, fica a cara da Christina quando está com raiva. — É, fica feia! Pare de gritar.

— Éee... baa... eee... Aaaaa! — tenta interagir, ela sabe que eu estou chamando sua atenção.

— Não adianta contestar! Quando você tiver argumentos bem formulados, você vem discutir comigo! — Na verdade, Mel é um doce, mas quando algo muda ela fica agitada: seja horário ou clima. — Não, não adianta vir com suas reclamações monossilábicas!

Ela tenta fugir de novo, mas eu a pego no colo e caminho para a sala, onde ligo o desenho animado.

— Amor? Eu te amo, grita não! Você quer ver a “Mika”? Não? E a “Kika”? — Mudo de canal e coloco no desenho “De onde Vem”. — Dá um beijo no papai!

Ela me dá aquele beijo babado.

— Bom dia “My Sweetheart” — A coloco no sofá e a deixo entretida com o desenho.

A vida dos pais sempre começa bem cedo. Acho que nunca tive tanta rotina como eu tenho com ela. Abro a janela, deixando a luz do amanhecer invadir a sala. Se fosse na casa dos meus pais, na Itália, seria melhor ainda.

Fico de olho em Melissa enquanto faço o café e a mamadeira. Ela come de tudo, mas não abandona o mingau. Sento ao seu lado e lhe entrego a mamadeira, com os olhos fixos na tela, ela desliza a cabecinha e deita no meu colo. É a coisa mais fofa do mundo!

Não demora muito e Loki, o Husky siberiano da Mel, aparece e senta ao lado dela. Eu e Christina o adotamos um pouco antes da Melissa nascer. Quando ele veio para cá era apenas um filhote, agora é esse gigante!

Vejo a mãozinha da Mel, abrindo e fechando, acariciando a cabeça do cão enquanto permanece de olho na Nika. Ela gosta muito desse desenho e das princesas da Disney. Também, quem não gosta?

Parece que, quando os filhos nascem, ficamos especialistas em coisas de bebê, pelo menos, do nosso! A gente reconhece cada carinha que eles fazem e tudo vira uma conversa anormal. Quem vê de fora, acha que somos doidos! Mas é só pegar essa coisinha gorda no colo que se descobre o dialeto dos bebês.

Afago seu cabelo liso e ralo enquanto fico de olhos fechados por alguns segundos. Acabo me lembrando de Christina, e aquela vontade de ouvir sua voz novamente bate, solto um suspiro e seguro a saudade, que golpeia todas as manhãs machucando no fundo do meu peito. *Oh, Deus!*

Abro os olhos e bufo, segurando as lágrimas. Preciso seguir a rotina!

— Filha, vamos? — Ela finge que não me ouve. — Vamos?

Ela aponta o dedo para TV enquanto masca o bico da mamadeira vazia. Melissa ama bicos, eu tento tirar essa mania, mas parece que as crianças amam. Tiro Loki do sofá e o levo para a varanda.

Volto, pego minha pirracenta e a bolsa. Quando eu saio com ela, não é uma saída, é uma viagem! Porque é tanta coisa que eu carrego nessa bolsa! Agora, imagine eu desse tamanho com uma bolsa rosa: fofo, não?

Tranco a porta e sigo até o elevador namorando minha pequena.

— Segura! — Desvio o olhar da Mel e coloco a mão pela fresta evitando que a porta metálica se feche. — Obrigada!

— Por nada! — A ruiva de cabelos cacheados entra. Curvo os lábios em um sorriso e volto a atenção para Melissa.

— Arthur, Fernando, venham logo! — Ela segura a porta para os dois gêmeos entrarem. Os ruivos parecem uma versão mais nova do Ed Sheeran. — Desculpa, desculpa mesmo! Mas crianças dão muito trabalho para arrumar de manhã. Meu nome é Evellyn, sou nova no prédio.

— Koll Gardner! — um Pouco desastrado com a Mel no colo, tento lhe dar um aperto de mão.

— E essa pequena? Qual é o seu nome, princesa? — Ela pega na mãozinha da Mel, que a olha com desconfiança.

— É Melissa, mas pode chamar de Mel. — Eu viro um pai bobo quando as pessoas se derretem perto da minha menina.

— A mãe dela deve ser muito linda! — Ela brinca com a Mel, enquanto o elevador desce. — Não que você não seja, com todo respeito! Cadê a mãezona linda?

Fico em silêncio por alguns segundos e ela desvia o olhar para mim:

— Está viajando, está fazendo um tour a trabalho, exposição de arte, ela é pintora! — respondo cadenciado, o elevador se abre e eu dou graças a Deus. — Até mais!

Deixo a versão da "Jess Glynne" para trás, nossa, como a Evellyn se parece com essa cantora! Daria até uma sócia.

Sigo de carro até a KGG Brasil, vez ou outra, desvio o olhar para ver minha pequena pelo espelho interno, ela morde a boneca de borracha da Mônica e joga no banco do lado, para depois tentar pegar novamente. Deixo ela lutar sozinha, tentando esticar o braço para pegar o brinquedo.

Paro o Chevrolet Spin no estacionamento da rádio, fico com as mãos presas no volante criando coragem para entrar lá. As pessoas esperam que eu volte a ser o mesmo, e eu também!

Eu me acostumei a ter a Christina do meu lado, como se fosse uma parte de mim. Como se ela sempre fosse parte do meu dia, agora que ela não está, eu me pergunto: Como era o meu dia antes dela? Era essa merda?

Escuto o choro de Melissa.

— Oh, meu Deus, perdão! — Devolvo o brinquedo para Mel. — Não é culpa sua!

Saio do veículo, pego o carrinho no porta-malas, e a coloco nele. Subo os andares torcendo para não encontrar ninguém. A única pessoa a quem eu quero dar atenção é a Mel, mas isso será impossível. Quando a porta do elevador se abre, lembro que preciso aprender a sorrir novamente.

Vejo Caroline que, com um copo de café, se vira e abre um sorriso direcionado automaticamente a minha filha.

— Koll! — Ela passa a mão na cabecinha da pequena Gardner antes de me cumprimentar. — Que saudade!

— Também estava com saudades! — A loira de óculos me dá um abraço acolhedor.

— Eu quero dizer... — Faço um sinal para que ela não toque no assunto que eu venho evitando, mas nem preciso me esforçar, quando olho para

o lado vejo Blank e Oshoa, que abrem um sorriso e praticamente correm para um abraço.

— Finalmente saiu da toca! — diz Oshoa. — Fiquei até com medo de passar na sua casa e encontrar o homem das cavernas (barbudo e fedorento) ao invés do meu amigo!

Todos caem na gargalhada. Cara, eu devo estar muito mal, a Kami está fazendo piada.

— Se fosse um tempo atrás, acho que você não estaria tão errada — digo com um sorriso que dói até a alma tamanha a força que tenho que fazer para trazê-lo. — Vocês não imaginam como essa garotinha pode revirar uma casa!

— Nossa, ela cresceu muito! — diz Blank abaixado ao lado do carrinho. — Ela está com quantos meses?

— Fez oito! — Quando digo isso, o silêncio mata a conversa. — Eu preciso ir. A Laura já chegou?

— Já, já chegou sim! — diz Caroline, e eu começo a empurrar o carrinho.

— Até mais galera! — me despeço, sigo pelo corredor até encontrar a sala da administradora da KGG Brasil. Bato na porta e giro a maçaneta, então tomo um susto.

— Desculpe, Koll, você não atendeu minhas ligações! — Puxo o ar enquanto lentamente fecho a porta. — Tive que chamar seu irmão.

— Bom dia, Gad, Laura! — Faz oito meses que não vejo meu irmão, ele está com tanta raiva que nem veio me abraçar. — Posso saber, por qual diabo de motivo você fez o meu irmão cruzar o continente para vir aqui?

Ela começa a me explicar que, na minha falta, o índice de audiência caiu, perdendo o patrocínio de várias empresas. E que embora sua função seja administrar, não é da sua competência organizar a área de publicidade, e que eu sou a vida daquele lugar. Acabamos todos discutindo por um longo tempo.

— Laura, me dê licença! — diz meu irmão. — Tem como levar a Melissa?

Olho para ele puto de raiva, então, quando a porta fecha, ele continua:

— Eu quero. O. Meu. Irmão. De volta! — Descruza os braços e grita cada palavra pausadamente. — Eu sei que, sem a Christina para ajudar, você está ficando louco. Mas já chega! Você tem que voltar à ativa!

— Não é fácil, Gy!

— Claro que é! Basta você querer. Não use a Mel como escape. — Me sento na bancada da mesa.

— Não é um escape, quando você for pai, vai saber o que eu estou falando! — Gad me olha como se eu tivesse lhe insultado, mas é uma frase que

todos os pais soltam na fúria. Muitas vezes não precisamos ter um filho para saber como é. Exemplo disso são: pediatras, babás e professores, que, por vezes, passam mais tempo do que nós com nossos filhos. — Eu sei que eu posso colocar ela em uma escola, focar no meu trabalho e voltar a viver a vida. Mas você acha que eu quero fazer isso com a minha filha?

Silêncio.

— Ela está ali fora com a Laura — digo apontando para a porta. — E o meu coração já está apertado. Eu me preocupo com ela o tempo todo.

— Você acha que o melhor para a Melissa é ficar entre adultos o tempo todo? Você acha que ela quer que você a esconda do mundo e a trate como uma boneca? — Percebo que o meu irmão tem razão, mas, ainda assim, fujo do assunto.

— Ela é um bebê! Não tem idade para pensar nisso! — respondo.

— Koll, ela é uma criança que precisa interagir com outras crianças, e você é um adulto que precisa voltar a interagir com adultos, precisa voltar a trabalhar! — Pausa. — Pelo amor de Deus, nós não fomos criados assim!

Não respondo.

— Koll, eu lamento! Eu sei como foi difícil... — O interrompo.

—Eu sei! — Sinto um nó na garganta, o qual vou continuar ignorando toda vez que sentir. — Não precisa agir como se eu tivesse... — Dou uma pausa e gesticulo caçando as melhores palavras. — Eu estou ótimo! É sério. Melhor impossível! Se te deixa feliz, eu volto...

Ele vem na minha direção e me cala com um abraço. Nossas brigas nunca vão muito longe!

PARTE 4 — ADEUS CAROLINA [PASSADO]

“Eu te conheci no escuro, você me iluminou, você me fez sentir como se eu fosse o suficiente” Say You Won't Let Go — James Arthur

Essa semana eu andei me atualizando sobre o lançamento de alguns livros, que carregam um nível de depressão bem alto. Não cheguei a ler, pois não é a realidade de estado de espírito que eu vivo. Mas, com certeza, são uma companhia importante para quem está passando por uma fase muito difícil.

Um dos livros falava de um rapaz que se suicidou sem que seus entes queridos pudessem se despedir. Eu acompanhei o debate online, vários leitores que se posicionaram em relação ao rapaz e a família.

Aquilo afirmou ainda mais minha filosofia de vida: sempre diga para as pessoas a sua volta o quanto elas são importantes para você. Pode parecer óbvio, mas as pessoas precisam ouvir e sentir que você está sendo verdadeiro.

Às vezes ficamos tão focados desejando que alguém se lembre de nós, que esquecemos de lembrarmo-nos dos outros. Como diria uma grande amiga “Você recebe aquilo que deposita”.

Então encontre sempre um espaço em seu dia tumultuado para dizer que as ama. Quando elas partirem, não adianta encher-lhes o Facebook com depoimentos extraordinários! Faça isso enquanto elas estão aqui!

Eu sempre procuro ativar o melhor nos outros, pois eu sei que todos têm algo bom para trazer ao mundo! Foi pensando nisso, que fundei a KGG! Montei minha equipe com pessoas que lutam pelos seus sonhos. E, durante todo esse tempo, eu tentei impulsioná-las em seus caminhos.

Hoje meu coração está dolorido, eu sei que fiz tudo por eles, mas agora inicia um novo ciclo, que dará lugar para uma nova equipe.

— Eu sou Koll Gardner, da KGG para o mundo! — Coloco a música do "One Republic - Counting Stars" para tocar, e saio do estúdio acompanhado por Débora. Quando entro na área de recreação, sou recepcionado por palmas de todos os funcionários, que planejaram uma festinha surpresa.

Esse é o meu último dia na KGG da Carolina do Sul.

O programa teve a maior audiência de todos os tempos, entrando para a lista de mais ouvidos na América. Atendemos várias ligações de fãs durante o dia, que choravam na linha pedindo que eu ficasse. Tento dizer algumas palavras, mas não consigo.

— KG, KG! — grita Débora, e todos começam a seguir o ritmo de suas palmas e a chamar meu nome. Quando chego ao último degrau, recebo vários abraços, e, por incrível que pareça, mesmo tímido, o primeiro a me abraçar é Ryo.

Subo alguns degraus da escada para poder ver a todos.

— Ao longo desses nove anos, vocês foram minha família, meus irmãos, minha matilha. Vocês fizeram do meu sonho, os seus sonhos. Passamos noites sem dormir, cometemos loucuras, invadimos festas, descobrimos estrelas, revelamos mentiras e vendemos sonhos para aqueles que já não sabiam sonhar! — Eles gritam, uivando, e eu os acompanho, mas rapidamente faço sinal para que me deixem continuar.

— Vocês acreditaram na KGG quando ela ainda era apenas uma rádio online, que a propósito, graças à persistência de vocês, é a mais acessada na Itália, França e México. Voamos por todos os estados buscando novidades, voamos para fora levando esperança de um mundo melhor. Fizemos valer nosso slogan “Da KGG para o Mundo”. — Eles se exaltam novamente. Fico pensando, como pode ter passado tão rápido seis meses. Continuo a falar.

— Eu gostaria de agradecer a todos. Quero que saibam que enquanto vocês tiverem garra, esse será o lar de vocês. Eu estou muito feliz de ir para o Brasil, será uma aventura e tanto. Quero fazer um agradecimento especial a Kami Oshoa, que topou entrar nesse barco comigo. — A puxo, dando-lhe um abraço lateral. — Tayguer? — Ele, que estava abraçado a Débora, dá um aceno mostrando que está sempre às ordens. — Eu estou muito feliz por você me substituir, seu puto!

— Agora a gente tem que trocar o nome da rádio para TKG, já pensou? — Todo mundo vaia a ideia dele, mas a verdade é que: o único que dá conta de ser âncora da rádio é ele.

— Vai nessa! — A galera solta uma gargalhada. Vejo Toddy sair da multidão, ele me abraça, me tirando do chão com uma cabeçada na barriga. — Ah, seu filho da mãe! Isso tudo é alegria porque agora faz parte da equipe “boss”?

— Velho, precisou você ir embora para me subir de cargo! Porra, não precisava. — Dou uma gravata nele. Como efeito dominó, ele substitui o Tay, no jornalismo de campo.

— Galera, como vocês perceberam, o DJ Boing entrou para nossa equipe há uma semana. Marcos Boing, eu fiquei muito feliz por você fazer parte da KGG. Eu nunca esqueci o presente que você me deu no meu aniversário, você fez a minha festa há dois anos atrás, e eu tive a melhor noite da minha vida! — A equipe se volta para ele que, antes escondido no fundo, tem a atenção toda para

si.

— Cara, eu não sei nem como agradecer, eu sou seu fã. Peço desculpas por ter invadido sua festa. Eu pensei que, depois daquilo, você não iria querer me ver nunca mais. Foi uma puta surpresa quando a Deby me ligou, depois de dois anos — ele me responde.

— Eu nunca deixo um membro para trás! E se eu esquecer, a Deby me lembra! Não é, minha musa? — Ela grita “sempre”. Agora que reparei, a Layla está ali também. Se ela está ali, quem está na portaria? — Sereia, quem está lá embaixo?

Ela chora sem parar, eu corto a multidão e vou até ela, a abraço.

— Não chora, não! — Ela tenta esconder o rosto nas próprias mãos. — Por que você está chorando?

Afago o cabelo de Layla. Ela está vermelha igual um pimentão.

— Eu vou sentir saudades! — Ela soluça. Christina acha que eu fiquei com a Layla, eu contei umas mentirinhas. Eu não fico com ninguém do meu trabalho ou com fãs.

— Você trancou a porta lá embaixo, não é? — pergunto, devido ao estado emotivo dela, não estranharia se ela esquecesse. Layla dá um sinal positivo e eu fico despreocupado. Imagina a KGG sendo invadida por um monte de ouvintes?

Lacro a caixa com fita adesiva. Não vou levar muitas coisas, já que a intenção é iniciar uma nova fase na minha vida. Isso inclui uma nova decoração com os gostos da Chris. Então vou separar algumas peças de roupas inseparáveis, livros, objetos e só! Eu não me importo em me desfazer do resto. Toda vez que eu faço uma grande mudança, eu doo tudo, porque eu sei que vou ganhar outras coisas melhores.

Cansado, me sento no sofá e verifico se tem alguma mensagem na secretária eletrônica:

“Bom dia, Koll, sou a Cora, assistente da Melanie Warn, nos conhecemos em seu último Cocktail, estive pensando em como irá divulgar nossos próximos lançamentos, pensei que poderia te atualizar sobre o que queremos, te espero em meu apartamento, venha com tempo, pois toda negociação pode demorar e estarei disponível a

noite toda somente para você.” — @carolinefactum

Tinha me esquecido completamente da Cora, nos conhecemos há uns três anos. Imagina se a Chris escuta essa mensagem! Pensaria um monte de bobeira. Ela diz que não é ciumenta, mas nem sei o que ela faz comigo se me pegar traindo até em pensamento! Deixo uma mensagem na empresa onde Cora trabalha, para evitar que ela me retorne.

— Olá, Cora, como você está? É o Koll Gardner. Agradeço pela proposta, infelizmente eu não poderei te assessorar diretamente. Estou me mudando para o Brasil e não tenho previsão de quando volto, mas você pode entrar em contato com o meu irmão, Gad Gardner, e marcar uma reunião com ele. Em nome de toda a KGG, eu agradeço a preferência!

Deixo o número do meu irmão e encerro a ligação, em seguida, escuto as próximas mensagens na caixa postal:

“Olá, Chris, por favor, atenda, quero falar com você, não posso esperar tanto tempo para falar com você e com o Koll. Espero que esteja bem, por favor, retorne assim que possível, pois sou sua fã e do Koll. Até mais!” — @Stephanie_Araujo_17

Ah, meu Deus, descobriram o meu número de novo. Uma grande parte dos fãs da Christina, também são meus. Para uma pessoa que tem fobia de palco, Christina fez os olhos de todos os apaixonados se voltarem para nós. O evento do Bercy Paris se tornou um marco!

Próxima mensagem.

“Bom dia, sumido, o que houve? Você não está atendendo a nenhuma das minhas ligações, teu irmão tá me deixando louca, aliás, tem notícias da Chris? Tá todo mundo louco atrás dela! Será que você não está por trás do sumiço de ambos e resolveram se esconder do resto do mundo? Bom, não importa, quero a felicidade de ambos mas, por tudo o que é mais sagrado, mandem notícias, seu bobo, antes que teu irmão e tua família me façam ficar louca por não ter notícias tuas! Beijos”— @AnaPaulaSouzaGuerra

Vou ter que responder, a Ana Paula é uma amigona minha e da Chris.

É ela quem está me ajudando a encontrar o meu novo apartamento. A conhecendo, deve ter mandado uma mensagem do mesmo tipo para Christina.

Ligo o WhatsApp.

— Oi, Paulinha, como você está, gata? Desculpe a demora em responder, só tive tempo de parar agora à noite, estou terminando de empacotar as caixas da mudança. Eu já me encontrei com o meu irmão, ele está muito estressado, manda ele ir pastar! — Risos. — Paula de Deus, a Christina não me responde também! Parece que não conhece o WhatsApp. Nem manda um emoji do tipo, estou bem! — Brinco. — Mas suspeito que ela deva estar no avião, vindo para a Carolina do Sul. Daqui, vamos juntos para o Brasil. Eu vi o apartamento que você me indicou no e-mail, ótimo lugar... tem alguém me ligando, depois a gente se fala. Agradeço o carinho, beijos!

A ligação da chamada em espera cai. Volto para o WhatsApp. Nossa, não dá para responder todo mundo. É muita gente. Scopelli... Scopelli... ah, lembrei. É a Verônica. Fofinha! Não a vejo desde o ginásio.

“Olá, Koll, quanto tempo, não??? Estou sentindo falta sua e da Chris, como estão??? Espero que bem, você conseguiu convencer ela a se entregar e confiar de corpo e alma em ti??? Beijos, saudades.” — @veronica03scopelli^[3]

— Oi, V, como você está? Nossa, tem tanto tempo que não te vejo! — Dou uma risada. — Você sabe como a Christina é, não confia nem na própria sombra, mas a gente tem se dado bem! Obrigado por lembrar de mim. Beijão!

A minha secretária eletrônica está cheia de mensagens destinadas para Christina, com a esperança de que ela atenda. Ela é ótima em fingir que o número não é dela.

Gente, ela não responde a mim, que faz o café da manhã e leva na cama dela. A única que tem essa dívida é a Lene Liz, sua cabeleireira, responsável por deixar a Chris quase loira.

Jogo o celular para o lado.

Olho para a cesta de basquete do outro lado, as caixas no chão e várias lembranças espalhadas por todo lado. Tudo vem rápido a minha mente. Estou feliz!

Escuto alguém bater na porta. A essa hora, só pode ser a Christina. Dou impulso e me levanto, com um enorme sorriso abro a porta. Escoro o braço no batente, o sorriso de alegria se torna irônico. Eu perguntaria como ela entrou aqui, mas somos jornalistas. Está no sangue invadir e conquistar os objetivos.

— A que devo a honra? — SJ. Simpson continua sendo minha musa inspiradora no jornalismo, mas a admiração não impediu uma desavença entre nós.

Não foi uma coincidência nos conhecermos no Bercy Paris dois anos atrás. Ela tinha ido atrás de mim procurando uma matéria comprometedora da família Watson. Acabou vazando um monte de mentiras sobre a Christina no jornal. O que me fez revidar e expor a sua identidade, até então, secreta.

— Não posso me despedir de um amigo? — Faço um sinal para que ela entre.

Samanta, em seu elegante terninho branco, passa por mim. Com um sorriso tão semelhante ao meu, ela se vira e me encara, cruza os braços. Sim, ela me deixa tímido. Ela nunca joga para perder!

— Sem ressentimentos? — pergunto. Francamente, não quero passar minha vida tendo inimizades com ninguém. O máximo de pendências que eu conseguir resolver, melhor. — Não quero ir embora e ficar com algum mal-entendido com você. Espero que me desculpe por tê-la exposto.

— Claro! Eu ia dizer a mesma coisa. Eu também espero que me desculpe, fui eu quem iniciou tudo. — Fico um pouco desconfiado de SJ Simpson, ela percebe. — Eu realmente admiro você, Koll, você realmente está crescendo e indo longe. A minha desculpa também é sincera. Tanto que, em sinal de paz, eu vim lhe trazer uma coisa.

Ela estica o braço e me entrega um envelope pardo.

— Eu sei que você quer casar com a Christina, mas antes de você fazer isso, abra esse envelope. — Estava bom demais para ser verdade. Faço um sinal negativo. Tudo que eu quero é arrumar minhas coisas e ir embora para o Brasil.

— Eu preciso arrumar minhas coisas, por favor, vá embora! — Eu sou direto quando alguém me incomoda de propósito, não sou gentil nesses casos.

— Koll, eu não estou aqui para atrapalhar seus sonhos, só acho que você precisa saber a verdade! — Vou até a porta, abro e faço sinal para que ela saia. — Se você não se importa com a verdade, basta não abrir o envelope.

— Agradeço sua preocupação. Eu vou me casar e vou ser feliz com ela!

— Adeus, Koll Gardner! — Fecho a porta.

Não quero saber de fofoca. Jogo o envelope na caixa de livros e lacro. Não vou desistir da mulher da minha vida. A propósito, será que ela chega hoje ou amanhã? Pego meu celular e ligo para Christina.

Três dias depois, Brasil — SP.

Passamos a vida inteira desejando encontrar alguém para chamar de “Meu amor”, mas será que sabemos o que é o amor? Quando você imagina o seu amor, como ele é? Bonito? Inteligente? Engraçado ou mais sério?

Eu vou ser bem sincero, eu não passei a minha vida procurando alguém para chamar de “minha”, porque o amor não é algo que você pode sair procurando como uma caça ao tesouro. O amor você encontra quando se permite viver a vida.

Invista em você!

Se você quer alguém bem-humorado, seja bem-humorado! Se você quer alguém inteligente, seja inteligente! Se você quer alguém com a pegada de “Boss”, seja a “Boss”, gata! Não espere do outro aquilo que você quer ser!

Mesmo porque, semelhante atrai semelhante!

— Koll — me chama Christina com a voz presa. Olho para ela e a vejo jogada no banco, enjoada. — Vai demorar para chegar? Não aguento mais!

— Estamos quase lá, amor! — Seguro sua mão. A verdade é que meus olhos estão cerrados de sono, também estou louco para deitar.

“Vire à direita” diz o GPS do Chevrolet Spin. A primeira coisa que fiz foi comprar um carro online e pedir para entregá-lo no aeroporto.

— Por que você comprou um carro tão grande? É um exagero. Imagina quando você for tentar estacionar? — Ela não perde essa mania de reclamar. É algo muito difícil de consertar na Christina, ainda mais quando é ela que tem que se dar conta de que isso é um saco às vezes. Dois anos atrás, ela tinha um buff^[4], era mal-humorada! Hoje, acho que posso considerar minha chatinha mais positiva!

— Logo você descobrirá, amor! Esse carro não é apenas para nós. Você vai fazer parte de uma nova família!

— Eu já acostumei com a família Gardner! — Olho para trás e vejo Kami Oshoa estirada no banco, dormindo com o capuz preto cobrindo a face.

— Estou falando da equipe KGG. — Ela geme, sentindo o estômago revirar. Desde quando ela é tão sensível, assim? Não me lembro dela passando mal em viagens. — Amor, quer parar em uma farmácia? Ou lanchonete?

Quando digo lanchonete, ela abre a porta do carro e vomita. Ainda bem que ele não estava em movimento. Pego a garrafa de água que estava no suporte e lhe entrego.

— Está tudo bem... — mal termina de falar e vomita novamente.

— Quer deitar lá atrás? Tem muito espaço! — pergunto. Ela olha para mim, sabendo que no fundo, eu estou dizendo “está vendo os benefícios de um carro grande!”

— Para com isso! — Sorrio e ela bate a porta.

— Eu não disse nada! — Aumento o ar-condicionado. Talvez seja o calor que está lhe fazendo mal.

— Mas pensou, Koll! Ou você acha que eu não estou vendo esse sorrisinho debochado? — Coço a cabeça e sacudo o cabelo.

— Amor, agora é sério! Vamos passar em uma farmácia, tem uma ali! — Faço menção de parar e ela quase me faz bater o carro com o grito que dá. Tiro a mão do volante e olho sério para ela. — Mas que histeria é essa, Christina?

— Desculpa, é o clima, a mudança, o cansaço, me desculpa! — Pego a sua mão e a beijo.

— Está tudo bem aí? — pergunta Kami, tirando o fone do ouvido.

— Desculpa, fui fechado no trânsito! — respondo. Nunca me assuste quando eu estiver dirigindo, penso entre sorrisos e volto a dirigir.

— Vou pular para trás — diz Chris, já se levantando e indo para os fundos para se deitar em um dos bancos.

Algumas pessoas me perguntam porque eu a amo tanto, talvez seja pelo fato de que eu tenha que me esforçar para ser melhor todos os dias. Ela muda o meu dia de uma forma muito louca. Ela me faz pensar!

A porta do elevador se abre e minhas mãos ainda estão sobre Christina. Ela se solta dos meus beijos, rouba o cartão magnético e sai correndo pelo corredor do hotel, procurando o quarto. Pego as mochilas e vou atrás dela. Encaixo meu corpo no seu e beijo seu pescoço enquanto ela abre a porta.

— As bagagens, Koll, pega... pega! — ela diz e escapa novamente, corre e se joga na cama. Coloco todas as malas para dentro. Ela tira a sapatilha, fica em pé na cama e começa a desabotoar a blusa de flanela rosa.

— Se você for negar fogo, para de colocar lenha na fogueira! — Ela joga a blusa na minha cara. Essa mulher é minha perdição. Vou até ela e desabotoo o short enquanto beijo sua barriga. Puxo o jeans para baixo de uma vez e a derrubo na cama, vendo as luzes de seu cabelo se espalharem pela seda cor pêssego.

— Eu não entendi nada do que você falou! — Ela dá uma gargalhada,

já que eu disse em português. Levo minha boca ao pé do seu ouvido e sussurro a tradução enquanto afasto a renda para o lado e acaricio sua parte íntima. Com os olhos vidrados nos meus movimentos, ela solta um gemido.

— Como diz “Me come, Koll Gardner”, em português? — Ela morde os lábios. Não tem preço ser o motivo desse sorriso. Suas mãos se entrelaçam no meu cabelo e me puxam para um beijo profundo.

Comemos por lá mesmo e tiramos um cochilo de quatro horas. Acordo com o telefone. A recepção me avisa que Christina pediu para avisar que foi para Mairinque com Oshoa, para saltar de *Bungee Jump*. Ainda tonto de sono, agradeço. Esfrego os olhos vendo a cama vazia. Agora entendi porque ela e Oshoa me imploraram para vir para cá.

Só agora me dei conta de que completaram dois anos após uma promessa que ela me fez. Ela vai saltar sem mim? Não acredito! Tomo um banho e me arrumo para ir atrás dela.

Escuto o celular tocar e começo a procurá-lo no meio da bagunça que Christina deixou para trás antes de sair. Olho no bolso da calça, na mochila, na mesa, na cama, jogo o forro de cama no chão para ver se está escondido no meio do edredom. Olho debaixo da cama e o encontro caído ao lado da calcinha de renda branca. Pego o aparelho e o atendo, permanecendo deitado no chão.

— Koll Gardner, boa tarde! — Quem escuta minha voz, me imagina no escritório, nunca estirado no chão no meio da bagunça.

— Boa tarde, Sr. Gardner, eu sou o Dr. Audrey Alexander, médico da Senhorita Beckham. Não estou conseguindo falar com ela. Como ela está se sentindo? — Meu semblante automaticamente se turva. Eu não tenho a mínima ideia do que ele está falando.

Preocupado, me sento.

— Ah, ela passou um pouco mal durante a viagem, mas parece bem! — Coço a cabeça e apoio o braço na cama. — Desculpe, eu não tenho a mínima ideia do que o senhor está falando. A Christina é um pouco fechada. Ela está bem?

— Eu imaginei. Acredito que o senhor tenha que conversar com ela. Peça a Christina para entrar em contato comigo, ela partiu para outro país sem me avisar. Fiquei sabendo por outras fontes.

— Claro! Obrigado por avisar!

Desligo o aparelho e vou ao encontro de Christina.

PARTE 5 — O VELHO SONHO DA XÍCARA [PRESENTE]

*“Vamos, frágil amor, apenas dure o ano. Coloque um pouco de sal
que nunca tivemos aqui, encarando a poça de sangue e reflexos
quebrados.” — Skinny Love — Birdy*

Quando criança, meu irmão mais novo Gad, foi responsável por todas as coisas, as quais me fazem ser o que eu sou hoje. Eu não era a pessoa carismática que todo mundo imagina que eu fosse.

Meu irmão sempre agiu como se fosse o mais velho: fazia festas e dizia (e diz) que fui eu. Convidava as garotas para o nosso quarto de madrugada quando nossos pais estavam dormindo e comprava cerveja com a minha carteira de identidade. Somos tão parecidos, que as pessoas olhavam para ele com a testa vincada, suspeitando, mas acabavam vendendo. Eu nunca estimulei meu irmão mais novo a fazer tais coisas!

No final das contas, ele montou o arquétipo de pessoa que eu estava prestes a me tornar. Sempre achei que Gad deveria ter feito marketing. Quem o vê quietinho em sua mesa assinando papéis, nem imagina o quão safado — no bom sentido — é esse garoto.

Ele desvia o olhar para mim — sentado no sofá — deixando os documentos de lado.

— O que foi? — pergunto.

— Eu é que pergunto! Viu algo que gostou? — ele responde.

— Vai se ferrar! — Levo a lata de cerveja à boca. Ele se levanta e senta ao meu lado para assistir o campeonato de basquete. — Se me encher o saco, te jogo daquela porta para fora.

— Se fizer isso, eu demito você! — Viro a cabeça e o encaro. — Você assinou um documento me deixando responsável pela KGG. Devia ler o que assina!

— Seu filho da puta! Está me roubando? — falo em um tom menor.

— Não, você ainda detém parte da KGG, mas me deixou como presidente. Então posso te destituir do cargo de locutor se você não voltar a trabalhar — ele está falando sério.

— Por que eu te dei tanto poder assim? — Me volto para a TV, pensando: que merda!

— Ah, sim! Isso foi há uns sete anos atrás. Você disse “Gad, se um dia acontecer algo comigo, você já sabe o que fazer” — ele imita minha voz. — Foi isso!

A linha de sua boca forma um sorriso e ele volta a encarar a tela como se não estivesse acontecendo nada. Dou um aceno positivo de quem diz “Entendi”.

— Você é muito putto! — repito tomando um gole. — Precisamos rever esse contrato.

— Para mim, ele está ótimo! — Soltamos um palavrão com o passe errado. — Seu cachorro come cereal?

Olho para baixo e vejo a Mel com as mãos cheias de bolinhas de chocolate, dando cereal para o husky siberiano comer.

— Ah, que saco! — Ela me olha com a carinha toda suja, e dá um risinho que parece um chiado. — Não pode dar doce para o Loki!

— Deixa ela, Koll! — Pego Melissa, jogo o cereal fora, e a levo até a pia da cozinha para lavar as mãos. — Está parecendo a Tess, com mania de limpeza.

— Não é mania de limpeza, cabeça, ela coloca a mão na boca. — Escuto batidas na porta. — Ah, eu não vou explicar para você, vá abrir a porta!

Sento Melissa na bancada, ela coloca a linguinha para fora, tentando fazer beatbox. Caímos na gargalhada.

— Devia gravar isso e colocar no YouTube! — diz Gad, enquanto abre a porta. — Oi!

Olho em sua direção e vejo Evellyn, que sutilmente vislumbra Gy, usando a camisa branca, aberta e segurando uma garrafa de cerveja. Ela desvia o olhar e inclina a cabeça, me procurando.

— Olá, rapazes!

— Oi, Evelliyn! — a cumprimento da cozinha. — Pode entrar! Esse é o Gad, meu irmão!

— Não, não vou entrar! Vocês poderiam me arrumar uma xícara de açúcar? — Coloco a Mel perto do Loki novamente.

— Claro! Entre, por favor! — Ela passa pela entrada e Gad olha para a sua bunda, modelada pela calça jeans.

Pelo visto, ele ainda não teve tempo de conhecer o país. Não que faça diferença — para mim — uma bunda grande ou pequena, mas a dela é pequena em vista das que eu já olhei.

— Eu sei que é ridículo pedir açúcar a esta hora, e espero que sua esposa não se incomode! — Quando ela diz, Gy me olha com desaprovação. — Mas é perigoso sair na rua agora, e eu não fico sem café! Eu devia ter me

lembrado, mas é tanta correria, levar criança pra escola, trabalhar, pegar os garotos de novo, correr até o supermercado com todos eles pedindo “Mãe, me dá isso” ou “mãe me dá aquilo”... A gente acaba esquecendo.

— A esposa dele... — Olho para Gy o fuzilado com os olhos, o impedindo de terminar a frase. Eu não estou pronto para dizer a ninguém o que aconteceu com Christina. Isso me forçaria a relembrar, e é a última coisa que quero.

Evellyn vai em direção a Mel, mas salta para trás com o rosnado do Loki. Ele é tipo um guardião da minha boneca, não deixa estranhos se aproximarem.

— Loki, não! — Sorrio.

Ela vem até a cozinha, se afastando do cão. Ao contrário de Thor, que era amigável com todos, Loki é desconfiado. Ah, sim, eu amo deuses nórdicos, são bem interessantes! Eu escolhi Loki, com o desejo de que ele se parecesse com o deus da travessura.

— Por que eu ia achar ridículo você pedir açúcar?

Dizem que os animais se parecem com seus donos, com certeza, ele se parece com a Christina, foi ela quem quis comprar o husky siberiano. Também, pudera, ele é lindo demais! Parece um lobo.

Pego a xícara vazia e sinto seus dedos longos e macios. Ela fica corada e desvia os olhos verdes para o chão, para em seguida colocar o cacho ruivo atrás das orelhas.

— A vizinha que empresta açúcar! É bem clichê! — Ergo o braço para cima da cabeça, pego o pote e começo a rir.

— Mas você precisa? — brinco, trazendo a xícara de volta. — Porque se não precisa, vou ter que pegar de volta.

— Preciso, imagina ir trabalhar amanhã cedo sem tomar café? É impossível para um brasileiro começar o dia sem tomar café! — Trocamos uma gargalhada. — Ela ainda está viajando?

— Quem? Ah, sim, está! — Gad me olha novamente do sofá.

— Obrigada! — Entrego a xícara. — Amanhã te devolvo, prometo.

— Por Deus, não precisa! É só uma xícara. — Me sento no banco alto.

— É uma xícara que agora está cheia de açúcar. Eu faço questão!

— Você parece cansada! — Quando digo isso ela se escora na bancada.

— Crianças, sugam a nossa energia! — Olha para baixo e se agacha pegando a Mel, que veio até ela. — Oi, princesa, coisa linda!

— Não precisa pegar ela, você está cansada, pode deixar ela no chão com o Loki! — Fico observando Melissa mexer no cabelo de Ivy, ela fica

encantada com os cachos vermelhos alvoroçados.

— Ah, para! — Ela faz um biquinho e diz: — Deixa de ser bobo! Como resistir a essa princesa?

Acho que a Mel está encantada com a figura feminina que a Evellyn representa, já que não vê uma há muito tempo.

— Senta, Evellyn!

— Me chame de Ivy! — Ela senta brincando com a Mel, que mexe no seu colar e brincos. — Vocês dois, pelo visto, passam muito tempo sozinhos, não é?

— Mais ou menos! — respondo. Queria tanto que a Christina estivesse aqui, para que eu pudesse observar a Melissa em seu colo.

— Você está bem? — Saio do meu transe e dou um aceno positivo.

— Ivy, quer ir ao pub amanhã? — pergunta Gad do outro lado. — Você, o Koll e eu. Se quiser pode trazer mais alguém.

Ambos olhamos para ele, constrangidos e pensando nas inúmeras impossibilidades de sair à noite.

— Eu até quero, mas preciso ver se a babá pode ficar com os meus meninos. — Ela me encara, com a expressão: se quiser fugir, é a hora. — Você está a fim?

— Sim, ele está. A sua babá pode ficar com a Mel também? — Gad toma partido novamente. — A gente paga ela para ficar com a Mel e com os seus.

— Bem, pode, acho! — Melissa se agita no seu colo. — Eu preciso ir. Então nos vemos amanhã?

— Claro! — respondo, ela me entrega a Mel, e eu lhe entrego o açúcar. — Às oito.

Fecho a porta.

Sabe aquele momento que você não chuta o traseiro do seu irmão, porque ele simplesmente é o seu irmão? É esse!

PARTE 6 — 24 MESES COM VOCÊ [PASSADO]

[CHRISTINA]

Todas as paredes que ergui desmoronaram com o seu amor. Koll entrou na minha vida e em meu coração, e eu deixei que ele me mostrasse cores na palheta da minha alma que eu não conhecia.

Durante esses dois anos que passei ao seu lado, senti como se eu tivesse despertado. Todos os dias eu acordo com a sua voz que soa na secretária eletrônica:

“Chris, eu sei que você está me ouvindo e não precisa levantar. Eu só quero dizer que estou com saudades, e só vou parar de te acordar às oito da manhã, quando você se mudar para o meu apartamento.”

Na verdade, ele faz isso todos os dias, apenas para se vingar, porque toda vez que eu vou para o seu apartamento, eu o acordo ao som de “*One Republic - Counting Stars*” ou “*Spring- Vivaldi*”.

É um pouco engraçado, ele levanta e se escora na porta com aqueles olhos cerrados de sono e me vê usando apenas uma das suas camisas enquanto pinto. Eu faço isso porque ele me irrita! Eu falo algo sério com Koll e tudo vira brincadeira, idiota!

E também porque ele sempre me abraça por trás e me carrega de volta para cama. Risos. Ele odeia quando eu acordo antes dele. Diz que eu bagunço a casa inteira.

O que é verdade!

Mas, quase sempre, é ele quem levanta primeiro, faz café e deixa tudo brilhando. Ele faz aqueles banquetes que eu não dou conta de comer, acho que se não fosse locutor, seria um chefe de cozinha.

Os nossos feriados quase sempre são com os pais dele, eu prefiro. Minha mãe odeia Koll, bem, ela odeia todo mundo, inclusive eu! Nós duas não conversamos mais, ela me culpa por tê-la falido. Me culpa por ter perdido “*O homem da minha vida*” ou será da vida dela?

Eu não queria que as coisas ficassem tão estranhas com Ashley, ela é

minha mãe. Queria que tudo ficasse bem entre nós, sinto como se tivesse perdido algo importante da minha vida sem o apoio dela. Afinal, ela é a única família que eu tenho.

“Christina, sou eu! Eu estou indo para Tennessee, fim de semana. Eu estive pensando... vem comigo? Eu estou indo a trabalho, mas seria uma ótima oportunidade de você conversar com a sua mãe, resolver as coisas com ela. Eu sei que você também quer isso... Pelo visto, você não está... Quando pegar minha mensagem, me liga de volta!”

Koll acha que não resolver as coisas com a minha mãe, me coloca dentro da bolha negra do passado, a gente briga às vezes por causa disso. Eu sei que ele tem razão, mas eu não vou me humilhar e pedir para Ashley ser a mãe que nunca foi.

Ela cortou os laços comigo, não o contrário. Ela disse que eu joguei o nome da família da lama — gargalhada —, que ela nunca mais vai ter uma chance de encontrar um bom partido. Também, quem vai querer casar com ela, sabendo que ela torra todo o dinheiro com coisas inúteis.

Eu tenho o meu orgulho, e não vou atrás dela.

“Chris... Eu sei que a gente já falou disso antes, mas você está no último ano em exatas. Eu sei que você não vai seguir a carreira do seu pai, Thomas, mas... é o último período! E eu tenho certeza que você vai sentir muito orgulho de pegar aquele diploma... Então... Porra, Christina, dá para atender essa merda de telefone?”

Não, não dá!

Normalmente eu o deixo falando horas com a secretária eletrônica, ele fica enfurecido, pega o primeiro avião e aparece no meu apartamento. Risos. Em relação à faculdade... eu não quero falar sobre isso agora! Já basta o Koll enchendo a minha paciência com esse assunto! Ele acha que se eu não me formar, vou me sentir culpada futuramente, por não ter concluído.

“Chris, eu já te disse o que eu vou fazer com você a próxima

vez que nos encontrarmos? Vou sentar você na beirada da minha cama, abrir suas pernas e chupar...”

— Oi! — Ajeito o fone auricular.

— É só falar bobeira que você atende! — Escuto a risada marota do outro lado da linha. — Christina Beckham, quando é que você mudou tanto?

— Passou um trem ferroviário aqui do lado. Eu não ouvi o celular chamar, seu idiota! — Subo na mureta da ponte e me coloco de pé na plataforma. — Onde você está?

— Estou na estrada, perto da linha de ferro. Ah, qual é? Você ainda está com raiva? — Escuto a música que toca dentro do carro dele “*A Thousand Years - Christina Perri*”.

— Eu não estou com raiva, Koll Gardner, raiva é o que você vai desejar que eu sinta quando chegar aqui! — Encaro a serra de Mairinque à minha frente e puxo o ar pela boca, sentindo minhas mãos suarem. — Você esperou dois anos para me contar que beijou aquela vadia da SJ. Simpson... corrigindo... para eu descobrir que você beijou!

Dou um grito contido para não cair.

— Eu não escondi isso de você, apenas... esqueci de mencionar, achei que isso não tivesse importância... — O interrompo.

— Você lembra o que ela escreveu no jornal sobre mim? Eu te lembro...

— Não, Christina, eu não me lembro, sabe o que eu me lembro? De ter exposto a imagem da Samanta em rede nacional. Você sabia que ela era famosa, por ninguém conhecer a face dela? — Fico em silêncio e tento prender o sorriso no canto dos lábios. — Isso você esqueceu, não é, meu amor!?

— Eu não te pedi para fazer isso! — Vejo o “*Chevrolet Spin*” preto parar lá em baixo.

— Não pediu, mas eu fiz porque te amo! — A porta do carro abre revelando Koll. Ele tira os óculos e olha para cima. — Christina, que diabos você está fazendo aí?

— Você não me deu escolha, Koll Gardner!

— Você não precisa fazer isso! — Ele começa a subir em direção à ponte.

— Preciso, sim. E a culpa de eu estar aqui encima é sua! — Faço um rabo de cavalo com meu cabelo. Ele cresceu muito, o Koll adora o fato dele estar grande e com luzes.

— Não coloque a culpa em mim! Você está aí encima porque quer!

Agora dê um passo para trás e saia daí! — Sabe o que vejo quando fecho meus olhos? O nosso amor. Para todo lado que eu olho, eu vejo um pedacinho de tudo que construímos nesses últimos anos. — Vamos conversar!

— E sobre o que você quer conversar, Koll Gardner?

— Vamos conversar sobre o quanto você mudou nesses dois anos! — Ele sempre diz isso.

— Você gosta da nova Christina?

— Eu disse que você mudou, não que virou outra mulher! Você se libertou de tudo que te prendia. Eu me sinto tão grato por te ver feliz! — O vento sopra e espalha alguns fios do meu cabelo que se desprenderam do nó. — Eu amo tanto você, que o meu único desejo é passar a minha vida colocando sorrisos em seus lábios! Me desculpa por ter esquecido de te falar sobre o que aconteceu com a Samanta.

— Eu te perdoo, mas ainda vou pular!

— O Dr. Audrey Alexander me ligou hoje de tarde, ele me perguntou como você estava se sentindo, estava preocupado com você! — Sinto meu coração gelar. Dr. Audrey tinha que abrir a boca. — Eu disse que não sabia do que ele estava falando. E quando perguntei do que se tratava, o Dr. Alexander me pediu para falar com você e agora *eu* estou preocupado!

Ele dá ênfase em sua preocupação.

— Não é nada! — Se eu contar o que aconteceu durante o ano... céus... ele vai sofrer muito.

— Christina, você coçou o nariz! Tá mentindo! — Olho para o lado e tomo um susto ao ver Koll alguns metros de distância. Caramba, como ele foi rápido!

Meus olhos se acendem quando encontram os dele. Toda vez que eu me perco no escuro, Koll brilha e me mostra o caminho de volta para os seus braços. Não posso mentir. Me sinto a pessoa mais feliz do mundo ao seu lado.

Antes eu me sentia assustada com coisas que não conhecia e agora, mesmo, quando me sinto perdida, não tenho mais medo de me lançar em direção à sorte.

Mas dessa vez é diferente, e isso está me arrastando aos poucos para o fundo do poço.

Eu sei que mais cedo ou mais tarde eu terei que contar para ele o que aconteceu, mas eu prefiro que seja mais tarde. Não quero que ele me culpe por ter perdido a coisa mais importante que poderia acontecer em nossas vidas.

Como eu vou contar que tive dois abortos espontâneos esse ano e nenhuma das vezes liguei para ele? Que eu escondi! Como eu vou anunciar que talvez eu esteja grávida e o bebê não sobreviva novamente?

Eu não quero que ele sofra como eu já estou sofrendo.

— Te vejo mais tarde, Koll Gardner! — A equipe me libera e eu salto de “*Bungee Jump*”.

Combinamos de fazer isso juntos há dois anos, mas como ele me escondeu SJ. Simpson... resolvi castigá-lo e pular sozinha. Ninguém pode dizer que eu não cumpro minhas promessas.

O deixo para trás com aquele sorriso iluminador que só ele tem. Sabe o que eu aprendi ao lado do Koll?

Que o amor é um salto de fé! E nesse momento, eu preciso mais do que nunca saltar.

PARTE 7 — VIDA A DOIS [PASSADO]

*“Amar pode doer às vezes, mas é a única coisa que eu sei, quando fica difícil, é a única coisa que nos faz sentir vivos.” —
Photograph — Ed Sheeran.*

Entro no quarto do hotel com Christina, sentindo vontade de gritar com ela, que passa por mim e se joga em um dos sofás do quarto, sem dar um pingão de atenção às minhas palavras.

— Eu estou falando com você, Christina! Não pode viver no seu mundo particular e ignorar todos a sua volta. Não é assim que as coisas funcionam! — Ela afasta o antebraço dos olhos e finalmente me encara.

— Eu não estou te ignorando. Você está sendo chato, tóxico e paranoico! — Fico de queixo caído, vendo-a se levantar. — É por isso que eu não queria morar com você! Nem é o nosso primeiro dia e você já quer controlar o que eu posso ou não fazer.

— Eu não estou controlando você! Estou preocupado. Eu recebi uma ligação do seu médico, se não fosse importante, ele não se daria ao trabalho de encontrar outra forma de falar com você.

— Eu devia processá-lo, por me expor! — Ela começa a se despir.

— Te expor para mim? Christina, estamos construindo uma vida juntos! — Agora é oficial, estou aos gritos. — Não deveria haver segredos entre nós!

— Falar sobre minha troca de anticoncepcional não é um segredo, Koll! — Ela sorri mordendo os lábios inferiores e entrelaça os braços em meu pescoço.

— Chris, não é assim que as coisas funcionam! — Me afasto, ela está com uma mania horrível de tentar resolver tudo à base de sexo. — Você não entende!

Pego uma garrafa de água no frigobar.

— Entender? — fala com ironia. — O que eu deveria entender?

— Que eu entrei no barco, só você que não! — Encosto-me na sacada da janela, tentando ficar longe da bagunça de roupas espalhadas. — Quando eu escolhi ficar com você, escolhi compartilhar minha vida e projetos. Quero deixar bem claro que é você que está me afastando. Eu estarei aqui sempre que você

precisar.

— Eu só quero espaço, Koll — diz abrindo a mala e jogando mais roupas pelo quarto.

— Está certo! — Vou até ela e beijo o topo da sua cabeça. — Se você quer espaço, vai ter que dobrar essas roupas, ou terá que nadar entre elas.

Ela ergue a cabeça com um sorriso e laça minha cintura me abraçando.

— Engraçadinho! — Aperto o nariz dela. — Eu amo você! Não vamos brigar mais.

— Está bem! — Vou em direção a saída. — Mas eu estou falando sério! Está parecendo o quarto do “Menino Maluquinho”.

— Sai daqui, Koll!

Vou para o lobby do hote para conseguir trabalhar longe da bagunça. Tem tanta coisa para organizar, entre elas, encontrar um apartamento.

Passamos duas semanas em Sorocaba, até o estúdio KGG Brasil ficar pronto e eu encontrar um apartamento para mim e para Oshoa no Morumbi. Como essa é a primeira vez que eu compro um imóvel, resolvi comprar o maior que encontrei: uma belíssima cobertura TRIPLEX, mobiliada, com todos seus ambientes avarandados.

Acredito que vou acabar perdido dentro desse apartamento! Espero que seja o suficiente para não tropeçar na bagunça da Christina. Particularmente, eu só me importo com o lugar que meu futuro cachorro dormirá.

Não sei porque, mas morar com a Christina está sendo um desafio. Ela anda muito diferente! Será que ela está de alguma forma me punindo por tê-la trazido para o Brasil?

Poxa, é um país tão lindo! Não é o fim do mundo fazer uma mudança. É a chance de fazer uma lua de mel. Ah, eu estou pensando em lua de mel e nem tive coragem de pedi-la em casamento oficialmente. Eu sei que morar junto é quase a mesma coisa, mas sei lá... acho que no fundo, ela também quer isso.

Eu me lembro do dia que a vi vestida de noiva, poxa, nem parece que já faz dois anos tudo isso. Ela estava tão linda! Ok, agora não é a hora para me preocupar com Christina. Bato na porta da administração da KGG e entro.

— Bom dia! — A garota de corpo avantajado e de olhos e cabelos castanhos se levanta. — Você deve ser Laura Carnegie, minha mais nova administradora.

— E você deve ser o sr. Gardner! — Ela vem ao meu encontro e aperta minha mão. — É um prazer conhecer o senhor pessoalmente.

Laura fará o papel do meu irmão, uma responsabilidade e tanto.

— Pode me chamar de Koll, ou KG. Posso te chamar pelo primeiro nome?

— Sim, claro! — Me dá um sorriso. Embora jovem, o terninho preto lhe dá um ar autoritário, se portando como se fosse mais velha.

— Eu quero participar do processo seletivo para escolher os membros da nova equipe. Vamos?

Havia tanta gente no prédio, que foi necessário distribuir senha para organizá-los. Nunca vi tanta gente chorando por desejar fazer parte da KGG.

Embora pareça fácil o que eu faço, não é!

Preciso criar um ambiente interativo, onde as pessoas confiem umas nas outras para se tornarem uma equipe. Preciso que elas entendam o sentido de coletividade. Passei a tarde conversando com várias pessoas individualmente, conhecendo seus sonhos e aspirações.

Para mim, é importante que alguém tenha um sonho para vir trabalhar na KGG, pois são os sonhos que nos fazem continuar dando o nosso melhor.

Acho que a parte mais difícil de abrir uma sede é montar a equipe. Foram as dez horas mais cansativas da minha vida, mas achei exatamente as pessoas que eu queria.

Olho para o meu relógio, ele já marca meia noite. Sigo pelo corredor escutando o grave da música “I Love It — Icona Pop” que faz vibrar o chão. Giro a maçaneta e abro a porta do meu apartamento.

— Deus! — O complexo está cheio de pessoas que eu nunca vi na minha vida pulando no meu sofá, outras bebendo em copos gigantes. Todas dançando loucamente enquanto um jogo de luzes se espalha pelo ambiente em degrade.

Dou um passo para trás e olho o número na porta do apartamento — 24 —, sim, estou no lugar certo. Adentro o ambiente tentando entender o que está acontecendo, por fim, trombo com Christina sobre a mesa, dançando.

Acabo soltando uma gargalhada e esquecendo o meu espanto. É impagável ver a Chris dançando encima de uma mesa. Parece um pouco irônico, sinto uma inversão de valores.

— “*I don't Care, I Love It*” (Eu não quero saber, eu adoro isto!) — Ela se vira e, ao me perceber, canta mais alto, desce da mesa e se joga em minha direção, me abraçando e beijando.

— O que você está fazendo? — pergunto.
— Comemorando! — Levanto a sobrancelha.
— Seu aniversário é só daqui três dias!? — digo, em um misto de afirmação e dúvida. Puts, não posso ter esquecido, ela me mataria. — Não é?
— A nossa mudança! É o nosso primeiro dia no apartamento novo! — Ela morde os lábios e em seguida me beija. — Relaxa, você não esqueceu!
— É claro que não! Eu nunca esqueceria! — Ela solta uma gargalha e bebe a cerveja no enorme copo vermelho de plástico. — Quem são essas pessoas?
— Acho que são fãs! Eu só coloquei no Twitter, “*Festa no Ap. do KG e da Chris, todos convidados.*” — E aí eles vieram! — Ela começa a me puxar para o meio da festa. — Não é incrível?
— Estou começando a achar que você foi abduzida! — Ela puxa meu blazer e joga no chão. — Amor, como você está conversando com eles?
— Eu não estou conversando com ninguém! Isso é uma festa, é para dançar e beber, não para conversar! — Minha namorada é uma maluca linda.
— Certo! O que eu vou te dar de presente daqui três dias, já que você fez uma festa? — Ela gira pulando, se exibindo com a blusa de flanela mostrando o umbigo e o short curto.
— Outra festa! — responde e eu tenho certeza de que é isso que ela realmente quer. Desisto. Me entrego a maluquice dela.

Três dias depois...

Por que eu estou com a sensação de que a festa de alguns dias atrás não acabou? Desço a escada e vejo Christina com um vestido de lantejoulas vermelha dançando. Me escoro no corrimão, admirando seu cabelo ondulado com luzes se agitar quando ela pula.

Quando percebe que eu a estou observando, ela para e mostra a língua, levanto a câmera e tiro uma foto dela. Sempre sobra para mim fotografar as resenhas que ela faz. Sim, ela é uma festeira de mão cheia. Pegou a mesma mania do meu irmão: marca a festa e diz que fui eu. Qual é o problema deles? Acho que deveria cobrar por usar meu nome como marketing. Observo todos. Até que essa festa foi uma boa para juntar a nova equipe da KGG.

— Feliz aniversário, meu amor! — Ela me dá um selinho quando chego ao último degrau.

— O que eu vou ganhar de presente? — pergunta, me lançando um sorriso brilhante.

— Você quer seu presente agora ou depois? — Vejo Chris morder os lábios de modo convidativo.

— Ah, que cara é essa, Koll? O que você está aprontando? — Dou um sorriso malicioso e saio andando.

— Yago? — chamo meu assistente. — Aquela surpresa está pronta?

— Prontíssima, “Magic Bofe”! — ele responde e se volta para Christina. — Vem comigo, Diva!

A puxa pela mão e a senta na cadeira no centro da enorme sala. Aponto o refletor de luz para o centro. — Silêncio. — Os curiosos se reúnem em um círculo para saber o que vai acontecer.

— Eu quero a atenção de todos! — Escuto Yago dizer no microfone chamando a atenção. — Teremos um presente especial para nossa aniversariante.

Duvido que ela esteja entendendo alguma coisa que o Yago está falando. Coloco a música “*Ciara — Ride*” e, quando tiro a blusa rosa, todas as garotas começam a gritar. Começo a dançar, coloco o boné preto e rebolo em movimentos sensuais.

Chris leva a mão à boca e joga a cabeça para trás.

Vou até ela, sento no seu colo e a faço sentir toda a extensão rígida que, em movimentos circulares, roça sua barriga enquanto a faço olhar dentro dos meus olhos.

— Você é louco! — ela sussurra.

Rebolo e escorrego, me ajoelhando em frente a sua cadeira, abro suas pernas e beijo sua coxa, mais que depressa, ela me afasta e puxa a barra do vestido, arrependida de ter colocado um vestido curto.

Deito no chão e a puxo para cima de mim, fazendo seu corpo quicar sobre o meu. Nunca vi a Christina tão vermelha. Quem mandou ficar assistindo “Magic Mike” e “Chocolate City” na minha ausência.

Rolo e a coloco debaixo de mim, deixo meu corpo brincar com o seu como uma onda, que a preenche suavemente. Seus olhos brilham. Embora seja possível ouvir gritos de várias pessoas a nossa volta — naquele pequeno espaço que separa nossos corpos de se entregar àquele desejo ardente — parece que há apenas nós.

Beijo a curva dos seus seios, escorrego para seus lábios e a beijo, ouvindo a música chegar ao final. As pessoas aplaudem.

— Eu amo você do jeitinho que você é!

— Eu também te amo! — ela diz. — Koll, se você ficar aí encima, vamos acabar transando na frente de todos!

— É verdade! — Me levanto e a puxo pela mão, ajudando a ficar em pé.

PARTE 8 — PRISÃO SEM GRADES [PRESENTE]

“Eu te odeio, eu te amo, eu odeio que eu te ame, não quero, mas não consigo, colocar mais ninguém acima de você.” — I Hate U, I Love U — Gnash feat. Olivia O'brien.

O ponteiro do relógio parece ter parado. Ou talvez eu tivesse o deixado parado por muito tempo esperando que as coisas voltassem a serem como eram antes, mas a gente sabe que quando nosso castelo é derrubado, por mais que o reconstrua, nenhuma pedra estará no mesmo lugar.

As pessoas então perguntam: porquê me apegar a cada detalhe, eu nunca respondo, mas, a verdade, é que cada bloco que usei para construir esse amor é importante. Cada bloco faz parte de uma linda história.

Então eu deixo seus vestidos pendurados no mesmo lugar, com a esperança de que seu perfume se espalhe por minhas camisas. Deixo os sapatos revirados, com expectativa de ouvir sua voz gritando a procura de um par. Ainda compro o iogurte natural e o queijo cheddar, penso que a dieta saudável foi para o ralo, mas que vou amá-la mesmo se engordar uns trinta quilos ou mais.

Ainda caminho de um quarto a outro, procurando encontrar seu rosto de menina mulher, mas no final, eu acabo sentado na poltrona vendo cada segundo do relógio se arrastar com a esperança de que ela passe por aquela porta.

O tic-tac bate e bate! Então eu acho que ele está batendo no meu coração. Porque cada segundo para mim sempre importou. E agora eu estou pensando: O que eu fiz de errado? A culpa é minha?

Estávamos tão felizes!

Então, por que ela não está aqui? Seria mais fácil se tivesse me enterrado com o meu amor, mas ao invés disso, deixou uma parte de si para que eu não a esqueça por nenhum segundo.

Como eu posso continuar se eu não consigo entender o que aconteceu? Eu quero respostas, eu quero o seu amor! Eu quero que ela volte e me toque. Eu preciso senti-la mais uma vez, preciso preencher esse vazio nos meus braços a abraçando.

Às vezes, sonho acordado sentindo e implorando pelos seus beijos. *Oh, meu Deus!*

Apanho o telefone ao lado, disco o seu número e ele cai na caixa

postal, então posso ouvir sua voz mais uma vez: “Oi, eu sou a Chris, estou em tour, deixe sua mensagem, assim que der, eu retorno! Beijos”.

— Oi, Chris, sou eu, Koll! Mas acho que você já sabe. Eu só liguei para ouvir a sua voz e dizer que a Mel completou oito meses. Ela está tão linda, cada vez mais parecida com você. Gad está aqui em casa, está me enchendo a paciência porque eu me descuidei da KGG. Não precisa se preocupar, eu já criei um planejamento de marketing. Vou produzir um cantor, estou escrevendo uma música. Enfim, Gy ainda está preocupado, tanto que praticamente ameaçou me chutar para fora da empresa. Pois é, longa história sobre contratos. Mas estou feliz que eu tenha dado essa responsabilidade para ele. Resumindo, ele está aqui em casa e está me jogando para cima da vizinha. Se eu fosse você, voltava logo! — Sorrio. — Mas não é nada sério, não se preocupe, vamos apenas naquele pub próximo de casa. A Mel vai ficar com a babá, eu não me sinto muito à vontade a deixando com uma, mas acho que nenhum pai se sente. — Suspiro. — Sinto falta de nós!

Vejo Gad passando pela porta.

— Eu preciso desligar. Eu ainda te amo! — sussurro antes de desligar.

— Você já está pronto?

— Estou, vai lá buscar a Ivy já que fez tanta questão de sair com ela — digo. — E leva a Mel!

— Você vai acabar criando mofo de tanto ficar sentado nesse sofá! — Ele está pegando no meu pé desde que chegou. Está bancando o irmão protetor.

Lanço o dardo no meu alvo e fico observando a uma distância segura o meu irmão se jogando para cima da Ivy, que sorri sem graça. Ver Gy sendo tão ruim em suas investidas faz a noite valer a pena. Acho que ele nunca deu em cima de uma mãe. Nossa, essa frase ficou uma bosta! Quero dizer, faz diferença qual cantada você vai dar quando uma garota já tem filhos?

Ela dá uma risada cortês e foge para o bar.

— Está tudo bem? — pergunto sem desviar os olhos do alvo.

— Me salva, pelo amor de Deus! — diz discretamente. — O que ele viu em mim?

— Seu cabelo — respondo e me viro em sua direção, pegando o meu copo. — E outras coisas.

— Nada contra, mas eu não quero ficar com o seu irmão só porque ele gostou do meu cabelo! — Me escoro na bancada, junto a ela. — Nem é grande coisa assim, parece uma juba de leão.

— Eu também acho lindo! — Me escoro no cotovelo e bebo. — O que te impede de ficar com ele? Seja sincera.

— Eu poderia dizer que saí de um relacionamento em que sofri muito e não estou pronta para ser usada e dispensada novamente... — Ela descasca o amendoim disponível na vasilha de vidro. — Mas é mentira!

O bom humor dela me faz rir e prestar ainda mais atenção em suas palavras.

— Em algum momento, nós dois não somávamos mais juntos. E ele começou a sair com outra garota. Vai parecer estranho, mas eu me senti aliviada em ter um motivo para poder terminar com o pai dos meus filhos. Ele era tão bonzinho, que eu me sentia um monstro por querer terminar. A verdade, é que não percebemos que nosso tempo juntos já tinha terminado.

— Eu sou um ótimo comunicador e, para mim, ficou evidente que você fugiu do assunto. O que isso tem a ver com o meu irmão? — pergunto.

— Eu sei que ele é lindo, mas quero alguém que seja certo para mim. Que goste de mais do que do meu cabelo.

— A pessoa certa não vem com uma placa pendurada. Isso é uma bobeira que alguém criou para que ninguém seja feliz! — Pego um amendoim. — Não existe certo ou errado. O que existe são duas pessoas em um mesmo lugar, doando felicidade um para o outro. E, quando elas não são mais capazes de se descobrir e divertir juntas, é necessário dizer adeus! Não porque deu errado, mas sim apenas porque não vai mais dar certo! Mas isso, você já sabe!

— Ela te deixou? — Saio do meu transe.

— Gad te disse isso?

— Não! — Ela me lança aquele olhar de piedade. — Foi sua cara ao se lembrar dela. Se precisar de alguém para falar sobre isso, eu estou aqui! — Continuo prestando atenção na música "I Hate U, I Love U" enquanto jogo as migalhas da casca na vasilha. Eu amo as músicas porque elas refletem muito bem o que você sente, por isso quis trabalhar na rádio.

— Quer cantar? — Me viro para ela. Não quero que as pessoas percebam o quanto eu ainda estou triste.

— O quê? — Se surpreende.

— Quem canta seus males espanta! — A puxo pela mão e peço para os músicos da noite que me permitam um momento.

— Não posso fazer isso! — ela diz.

— Eu também não, mas que se foda, estamos no palco já! — Começo a cantar e ela sorri. — *“Eu odeio você, eu te amo, eu odeio querer você”*.

— *“Você quer ela, você precisa dela, e eu nunca serei ela...”* — Morrendo de vergonha, ela continua a cantar, errando algumas notas.

Meu irmão me olha lá debaixo, cruza os braços e dá um sorriso de satisfação, mesmo tendo “roubado” sua garota. O que eu posso fazer? Ele estava matando ela de tédio. Seguro o microfone sentindo a aliança — que nunca foi aceita — gelada no meu dedo. Posso sentir nossos nomes talhados nela, ou talvez, em minha alma.

— *“Eu só sinto falta de você nos meus braços, sinos de casamento eram apenas alarmes”* — Levo a mão ao peito e deixo a canção continuar dizendo o que eu sinto. — *“Uma fita de isolamento ao redor do meu coração”*.

Abro os olhos vendo Ivy na minha frente se esforçando para acertar a letra e isso me faz sorrir, quando na verdade, gostaria de chorar. Ah, fodas-e! Eu estou sofrendo, eu sei sorrir, mas não me culpe por não te fazer feliz hoje!

Eu sei que uma hora essa dor vai passar, mas neste momento, eu não posso evitá-la, sendo que a ferida ainda está aberta. Para ela se curar, eu preciso abraçar o que aconteceu e aceitar que Christina talvez não volte.

Meu pai disse que a dor faz parte de ser humano, é que a dor também é bonita quando você aceita que ela é passageira. Que é apenas um sinal de que você sabe amar. Não queremos sofrer, mas precisamos, é só chorar um pouco e deixar sangrar.

Retiro o cabelo negro que cai sobre meus olhos, querendo tirar a Christina do meu pensamento, mas não posso e nem quero! Porque eu não me arrependo de tê-la amado, só me arrependo de não ter sido o primeiro a partir. Será que, se fosse ao contrário, ela sentiria minha falta?

Talvez eu esteja no próximo estágio de quando se perde alguém, primeiro dói porque você sente que perdeu um membro vital para a sua vida, depois dói porque você está com saudade, e, por fim, dói porque você odeia que aquela pessoa tenha lhe deixado.

Não parece justo ela partir depois de todo o amor que eu lhe dei, depois de termos lutado contra tantos monstros invisíveis e saltado pontes para construir a vida perfeita. E agora eu pergunto “This is it?” Então é isso? É o fim?

Eu estive ao seu lado quando estava confusa, estive ao seu lado quando sentiu medo, estive ao seu lado quando queimou minha face com seu ódio da vida, segurei sua mão quando a Mel nasceu...

E, agora, onde está a sua mão quando apenas quero levá-la ao parque, museu ou apenas beijá-la? Poxa, Christina, que merda! Não me faça te agradecer por ser a pessoa que eu mais amei, por ter me dado o maior presente que eu poderia ganhar — a Mel — e depois ficar confuso por ter sumido da minha vida.

Segurei a mão trêmula de Ivy. Descemos do pequeno palco improvisado e ela deu uma risada histérica tentando entender porque diabos subiu até lá. Acho que tinha tempos que eu não surpreendia ninguém.

Meu irmão acabou sumindo com outra garota, acabei ficando a noite inteira conversando com Evelleyn, comemos batatas fritas enquanto ouvíamos a banda local cantar, contamos as histórias engraçadas do nosso passado e rimos das merdas que acontecem quando se é pai de primeira viagem. Parece estranho que agora eu tenha um repertório de assuntos de bebês, é mais estranho ainda que tenha alguém que sabe do que eu estou falando.

Ok. Esse é o clube dos pais. Por favor, não diga que eu fiquei careta!

A levei para casa, ficamos parados um em frente à porta do outro com as chaves nas mãos e nos encarando, naquele momento éramos apenas dois jovens garotos novamente, sem nenhuma responsabilidade.

— Eu preciso entrar! — diz ela.

— Certo — silêncio.

— Você está no meu caminho! — ela sussurra com um tom de ironia.

Eu a encaro deixando o silêncio dizer muitas coisas, até finalmente puxá-la pela cintura e beijá-la, desesperado por recuperar o tempo perdido. Colo seu corpo contra a porta, tentando destrancá-la sem afastar minha boca daqueles lábios rosados.

A levo para dentro do apartamento escuro e retiro sua blusa, a sentindo jogar meu blazer vermelho no chão. Desacelero ao sentir suas mãos subindo pelo meu peitoral e tocando meu rosto. Fecho os olhos, sentindo as mãos de Christina me puxarem para seus beijos novamente. Sou devorado pelo devaneio de ter Chris de volta. Não vou abrir os olhos, porque eu quero que continue sendo ela a me tocar.

Deito Ivy na minha cama, jogo minha blusa longe, encaixo meu corpo entre suas pernas, afasto seu sutiã preto e sugo seus seios desejando me sentir amado novamente. Não é pecado eu voltar a viver!

PARTE 9 — YOU TUBE [PASSADO]

“Algo no seu jeito de se mexer faz com que eu acredite não ser possível viver sem você.” — Stay — Rhianna.

Eu não sou a pessoa mais perfeita do mundo, não sou o cara que irá mudar para te agradar, mas vou afagar teus cabelos, acariciar as curvas do seu rosto e ouvir sua respiração ficar suave até finalmente você conseguir cair no sono. Se você quer algo a mais, eu prometo garota, que vou te jogar naquela cama e te levar para o céu.

Quando os dias caírem na rotina do sossego, ficaremos imersos em travesseiros curtindo a preguiça que poucos podem se dar o luxo de desfrutar. Não me culpe se eu te der uma vida de princesa e trazer seu café da manhã na cama. Não, você não pode me culpar por te paparicar!

Mas se você quer fugir dos contos de fadas — *ah, garota* — vou te fazer viver aventuras que nem podes imaginar, nem que eu tenha que te sequestrar.

— O que você tanto olha no espelho? — pergunto, vendo Christina se olhar de lado.

— Eu acho que estou gorda! — Ela coloca a calça jeans.

— Está normal... — O que eu estou fazendo? É mentira. — Na verdade, amor, você está com mais corpo, não gorda!

— Você é um péssimo mentiroso! É o pior namorado do mundo! — A abraço e beijo seu pescoço.

— Que absurdo! Por que eu sou o pior namorado do mundo?

— Porque você está me engordando para ninguém olhar para mim, enquanto você fica mais sexy! — A giro, disfarço meu sorriso e mordo seus lábios.

— Você acha que estou mais sexy, amor? — A passos lentos, a direciono para a parede ao lado do closet. — O que mais que você acha?

— Que você é muito metido! — Ela gargalha jogando a cabeça para trás, enquanto eu mordo aquele queixinho lindo.

— Por que você colocou a roupa tão rápido? Agora vou ter que tirar tudo de novo! — digo. Escuto a campainha.

— Amor, eu preciso conversar com você! — Afasto-me, indo na direção da saída.

— Agora não, bebê, eu tenho uma entrevista!

— Quem você vai entrevistar? — Ela me segue, enquanto eu desço a escada. — Não é sua folga?

— Eu não vou entrevistar — respondo do andar de baixo, vendo-a escorada no corrimão do andar de cima. — Vou ser entrevistado!

— Legal! — ela responde. — Aqui em casa?

— É um programa de YouTube. — Abro a porta e dou de cara com a Kami Oshoa, Cauê Moura e Fabrício, o tatuador.

— Fala, mano! — cumprimenta Cauê. Dou um aperto de mão e o puxo para um abraço de urso. Em seguida, cumprimento os outros.

— Entrem, fiquem à vontade! — Eles parecem um pouco mais descontraídos, deve ser pela presença da Oshoa.

Ajudo a montar o cenário na sala, onde ligamos as câmeras. Me sento na poltrona cirúrgica que eles trouxeram, vejo Fabrício colocar a luva branca. Christina, sentada junto a mesa do outro lado, arregala os olhos tentando entender o que eu vou fazer.

— “Está começando mais um episódio de ‘Marcados’, o pior programa da internet, e não vem querer discutir comigo, não! Hoje eu estou aqui com... nossa! Que homem bonito, mano! Tô com um gostoso da porra, pra você aí, que é a audiência feminina, que representa doze por cento desse canal.” — A gente se cumprimenta novamente. — Koll Gardner da KGG Brasil!

— “Porra KG, que da hora você estar aqui!” — continua Cauê.

— O prazer é meu!

— “Esse moleque é foda, é brilhante! — Me enche de elogios. — É do caralho você estar aqui!” — Dou uma gargalhada alta. — “Antes de eu te dar o meu presente... — Ele afasta a garrafa de vodka para o lado, acho que todo mundo sabe que eu gosto de vodka e cerveja. — KG, a gente está com um programa novo que se chama Marcados...”

— Marcados para ser fodido! — brinco. — Por Deus, me dá essa garrafa logo se você vai me foder.

— Eu não vou foder ninguém! — Cauê solta uma piada de duplo sentido. — Galera, para quem não sabe, estamos com o novo programa “Marcados”, a gente chama um convidado e ele faz uma tatuagem durante a entrevista e o resto... fica aí que você vai ver a merda acontecer. Koll, eu fiquei muito feliz por você ter aceitado participar do Marcados.

— Ah, eu acompanho vários youtubers brasileiros, e você é um dos que eu gosto muito! Bem, na verdade, eu só aceitei te receber pela garrafa de vodka! — Trocamos risadas novamente. — Falando sério, eu já queria fazer uma tatuagem tem um tempo.

— O que você escolheu?

— O Yin e Yang. — O tatuador Fabrício senta ao meu lado. — Eu e meu irmão, Gad, prometemos fazê-lo para simbolizar nosso amor um pelo outro. No dia, eu amarelei, mas hoje, eu estou pronto.

— Aonde você vai fazer?

— No peito! — respondo.

— Agora é que a audiência feminina sobe! Gente, para quem não sabe, esse é o Fabrício, ele é um tatuador foda pra caramba! — Retiro a blusa branca e sinto o pingente de ouro com a medalha de “Santa Rita de Cássia” cair no meu peitoral. — É a sua primeira tatuagem?

— É sim! — Me encosto na cadeira.

— Você é religioso? — ele pergunta vendo a medalha.

— Eu tenho muita fé! — Não gosto de falar de assuntos que possam gerar polêmica. Dou uma resposta evasiva. — Minha religião é o amor.

Sinto a agulha entrar na minha pele, causando incômodo.

— Estou perguntado pela medalha. — Levo a mão ao peito.

— É Santa Rita, padroeira das causas impossíveis! — Caramba, esse barulho da máquina está fazendo minha mão suar. — Eu acredito que não existe nada impossível para quem tem fé. Se você quer algo, tem que ir atrás e se jogar sem medo.

— Ela representa sua crença!

— Deixando claro, eu não sigo nenhuma instituição religiosa! Mas, estudar PNL me fez entender como é importante se cercar daquilo que você precisa para acreditar que tudo dará certo.

— Isso vale também para outras áreas, não apenas objetos, não é?

— Com certeza, nos relacionamentos também: “Diga com quem tu andas e eu te direi quem és”. Você tem que procurar se cercar de pessoas que fazem bem para você. Não estou dizendo para se afastar de *quem te bota para baixo*... — Ele me interrompe.

— Se a pessoa te coloca pra baixo, você automaticamente deveria se afastar!

— Nem sempre vai ser fácil. Um ou dois ali, serão pessoas queridas que convivem diretamente, mas as outras pessoas que não são, você pode apoiá-las com palavras positivas e dar espaço para que elas absorvam suas palavras, e não o contrário.

— Eu estudei sobre sua carreira e achei incrível, você realmente parece ser tocado por Deus, pois nada parece ser impossível. Tudo que você faz prospera. Você já se sentiu dentro da cesta de maçã podre?

— Não. Minha família, além de ter condição financeira, sempre me

apoiou muito para que tudo desse certo... Porra, velho! Que incômodo isso! — Sem querer, troco de assunto e todos soltam uma gargalhada. — Quantas tatuagens você já fez?

— Cara, não sei, perdi a conta! Vamos estrear essa garrafa! — Ele prepara duas doses. — No três?

— Bora! — Ele conta e nós viramos o copo. — Voltando ao assunto! Quando nascemos, a vida nos dá uma quantidade de fichas. E não importa se são muitas ou poucas, você apenas tem que tentar fazer sua melhor aposta. É tipo Vegas, você pode sair de lá tendo que vender até sua esposa, ou com três coelhinhos da Playboy deitadas em um colchão cheio de dinheiro. O que te faz ser uma pessoa de sucesso está aqui — toco a tampa. — Não no bolso!

— Foi isso que você fez quando ganhou um milhão em Vegas?

— Foi aos 19 anos! Não me comprometa, minha noiva está ali! — Eles riem. — Ganhei na roleta, apostando no número 24. Fiz uma quadra de basquete na casa dos meus pais. — Todos brincam e soltam palavrões. As pessoas piram quando eu conto essa história.

— Críticas, como você lida com elas?

— Ao longo da minha vida, eu tive muitas pessoas que me amaram, mas tive também as que criticaram meus pensamentos de forma até agressiva. Eu sempre procurei relevar, porque, na verdade, quando alguém se sente incomodado com algo, é porque aquele algo pode estar ligado diretamente com uma característica que a pessoa está lidando.

— Eu ouvi falar sobre isso também em uma matéria no site do UOL, a psicoterapeuta cognitivista-comportamental, Betania Marques Dutra, disse “Se aquilo não tivesse nada a ver com as minhas dificuldades, não incomodaria, eu nem perceberia”.

— Exatamente! Eu não tenho muito o que falar sobre críticas, mas é fato que ninguém gosta de críticas... como eu posso dizer... com ódio! Com intenção apenas de magoar. Quando uma pessoa tem um fundamento e até te faz pensar, eu gosto, mas noventa por cento é...

— Inveja?

— Tem vezes que sim! Mas como eu disse: a maioria das vezes a pessoa que provoca confusão é a que está mais confusa consigo mesma, e se ela veio até você com toda aquela fúria, é porque no interior dela, ela enxergou em você a luz que precisa. — Pausa. — Não rebata, apenas tente entender o outro e, se possível, ajudá-lo. Não estamos no mundo para alimentar mais ódio, e sim contaminar os outros com o nosso amor.

— Cara, eu gosto muito de você! — diz Cauê. — Desejo que seu caminho continue sempre iluminado, e que você possa inspirar cada vez mais

pessoas.

O rapaz da tatuagem me libera. E a gente faz a propaganda do estúdio, responsável pelo o programa “Marcados”. Como eu já queria fazer a tatuagem, não cobre nada pela divulgação.

[5]

PARTE 10 — PERDENDO TEMPO [PRESENTE]

“Quando aprender a perdoar, vai aprender a voar! Pois, essa é única corrente que nos mantém presos ao chão” — Estefania Cristina

Um, dois, três, a bola bate no chão. Quatro, cinco, seis, meu coração bate no mesmo compasso. Sete, oito e nove, a espada do ponteiro cravada no meu peito diz que estou perdendo tempo. Dez, arremesso e acerto a bola na cesta.

Agarro a esfera alaranjada e corro pela quadra solitária. Acho que estou em uma prisão. O jogo de um continua. E as lágrimas que deixaram de ser derramadas há algum tempo, se transformam no suor que escorre pela minha têmpora.

Cesta, cesta, arremesso e, novamente, é cesta! Estou ficando sem ar. Encosto a testa na grade tentando não sentir, mas é impossível. Olho para o céu negro da madrugada e penso, se talvez, em algum lugar, aqui ou do outro lado, ela pensa e luta por nós. Todos dizem que eu estou perdendo meu tempo: eu sei!

Só não sei se ganhar tempo significa entregar o meu coração nas mãos de outra mulher. Me sinto culpado por ter ficado com Ivy.

Apanho a bola no chão novamente e corro pela quadra desafiando o único adversário que se encontra ali: eu mesmo. Eu preciso ganhar ar e tempo!

Erro a cesta, coloco as mãos na cintura e deixo o olhar vagar pelo infinito.

— Você joga muito bem! — Viro para o lado e vejo Ivy. — Embora tenha errado a última.

— Tem muito tempo que você está aí? — Ela entrelaça os dedos na grade.

— O suficiente para pensar no que você está fazendo aqui! — Ela se acomoda. — Corrigindo, como você conseguiu entrar aqui à essa hora?

— Você quer mesmo saber? — A vejo abrir a porta e entrar na quadra. — Eu me solidarizei em ajudar o zelador a arrumar a quadra...

— Roubou a chave dele e fez uma cópia? — Ela pega a bola no chão.

— Corrigindo: peguei emprestado e fiz uma cópia. — Ela arremessa a bola contra o meu peito. — Você é forte!

— Eu era uma boa jogadora no colégio, sempre me escolhiam. Isso deve significar que eu sou boa!

— Te escolhiam pela altura! — Ela se aproxima e tira a bola das minhas mãos.

— Vamos ver então! — Ela quica a bola no chão e eu a marco. — Por que você está me evitando?

— Não estou te evitando. — Ela dá um giro me driblando. — Estou bem atrás de você, se não percebeu.

— Engraçado. — Dá outro giro, lança e faz cesta. — Você entendeu bem! Isso tem a ver com aquela noite?

— Não. — Seguro a bola e arremesso em suas mãos. — Não tem a ver com você!

— É com ela? — Observo ela quicar a bola, usando as duas mãos. Ela está de salto agulha, calça e blusa preta. Toda deslumbrante e jogando basquete. — Fala sério, Koll, o que aconteceu entre vocês? Ela te abandonou, viajou?

— Eu não estou pronto para falar sobre o que aconteceu. — Ela gira a bola nos dedos. — Muito menos para iniciar um relacionamento, se é esse o motivo de você estar aqui. Eu não queria ter te usado...

Ela me interrompe.

— Não é isso! Eu vi como você estava sofrendo e deixei rolar. A culpa é minha, não precisa se sentir culpado por isso. — Olho para a ponta do tênis branco e depois volto a encará-la. — Eu só quero saber, se por um momento eu fui a outra. Eu sei como é ruim perder a pessoa que amamos porque alguém achou que tinha direito de destruir tudo que construímos.

Dá um passo à frente e completa:

— É horrível sentir que de alguma forma eu possa estar fazendo o mesmo! — Me aproximo. — Mas a minha história já passou. Eu quero saber da sua!

— É complicado, mas também não é culpa sua. Não posso te afirmar que a Christina foi embora, e também não posso afirmar que ela nunca mais vai voltar. Porque a culpa dela estar onde está, é minha!

— Você pode ser culpado de muitas coisas, inclusive de roubar as chaves do zelador para jogar às duas da manhã, mas duvido que uma pessoa doce como você possa ter feito algo tão horrível. — Sinto sua mão tocar meu rosto. — Mesmo que fizesse, teria a dádiva do perdão!

— Ivy... — Beijo a palma de sua mão, que escorrega, invadindo meu cabelo com os dedos longos. Fecho os olhos e sinto novamente a Chris e, com tamanha naturalidade, acabo puxando a garota à minha frente para um beijo ténue.

— Não me beije mais pensando nela — ela sussurra e se afasta. — Você me desrespeita e se machuca fazendo isso!

— Ah, me perdoe! — Dou as costas.

— Se você quer tanto tocá-la, porque não vai atrás dela? — Me volto para Ivy. — Tudo na vida tem um jeito, só para a morte que não!

As lágrimas sobem, deixando a tela dos meus olhos embaçada como o para-brisas de um carro em um dia de chuva.

— Oh, meu Deus! Ela não...? — A ruiva perde a fala.

Sigo o corredor branco, passando por pessoas que ficam desfocadas conforme eu ando. Já fiz esse caminho mais vezes do que posso imaginar. E nunca parece ter sentido, estou dentro de um pesadelo. Por que isso está acontecendo comigo? Estou sendo punido pelo quê? Não parece justo que isso esteja acontecendo comigo.

Sem ela, eu sou apenas mais uma alma fadada ao sofrimento, vagando sem sentido por aí! Paro em frente à porta, vendo o número 24 escrito com o metal espelhado. Espalmo a mão na madeira branca e aspiro fundo, criando coragem de atravessá-la.

E por alguns segundos eu me lembro de sua voz doce e feliz me acordando, dizendo todas as bobearas inimagináveis que fará comigo na manhã de domingo.

Giro a maçaneta e entro no quarto hospitalar. Fecho a porta e me sento do seu lado.

— Me desculpe por não ter vindo mais, Chris! — Ela dorme um sono profundo. Acho que dizer que ela está dormindo ou qualquer coisa é melhor que dizer que ela está em coma há nove meses. — Mas é difícil para mim te ver assim!

Pego sua mão e a esquento junto às minhas. No início, eu vinha todos os dias aqui, ficava a ponto de enlouquecer dividindo atenção com ela e com a Mel.

As duas garotas que mais amo necessitando de mim e eu tão impotente.

Os médicos dizem que a Christina só sobreviveu porque estamos a cinco minutos de um dos melhores hospitais de neurocirurgia de SP. Eu não sei se é certo afirmar que ela sobreviveu, porque todos os dias ela luta com ajuda daquelas máquinas para permanecer desse lado — o meu lado —, mas sinto-a cada dia mais distante.

— Na semana passada, eu saí com a Ivy, a vizinha da qual eu te disse na caixa postal. Então, eu não te liguei para te dizer o que aconteceu depois,

porque as coisas saíram do controle. Eu estou tão cansado, Chris! Todos dizem que eu devo voltar a viver... você foi uma dessas pessoas! Me fez prometer que, se acontecesse algo, eu continuaria, mas não dá, amor!

Continuo meu monólogo:

— Você está aí do outro lado, mas pode voltar! Eu quero que você volte. Vou me sentir eternamente culpado por ficar com outra que não seja você! Eu quero continuar te esperando. A não ser que seu coração pare e, mesmo assim, não vou acreditar que ele parou!

— Você não tem o direito de me abandonar depois de tudo que vivemos.

Minhas lágrimas caem. Continuo falando para que ela me escute:

— Você... não tem... o direito... de morrer! Está me entendendo, *srta. Beckham*? Não vai partir desse mundo sem vestir aquele vestido de noiva e aceitar oficialmente ser uma *sra. Gardner*! Não vai partir sem antes ver a Melissa se formando! Estou começando a achar que você está fugindo da responsabilidade de trocar aquela fralda suja! — Sorrio. — Eu não vou deixar você desistir! Pare de fazer pirraça e volte logo!

Silêncio.

— Não desiste de mim, meu amor! — Coloco sua mão flácida no meu rosto, desejando que a vida corra em seu corpo novamente. — Sem você, eu sou um homem-morto, sem atestado de óbito.

A porta do quarto subitamente se abre, revelando a imagem de Ashley Beckham. Ela desacelera o passo, deixa o copo de café na mesa ao lado e coloca as margaridas no jarro. Ashley vem ao meu encontro, me levanto e a abraço. Quando ela soube do acidente, pegou um jato com a família Watson e, desde então, não saiu mais daqui.

As duas já haviam feito as pazes, devido a minha insistência e de Jordan, mas o acidente fez aflorar nela a compaixão que sempre esteve consigo.

— Desculpe por ter me afastando no último mês!

— Você tinha que cuidar da Mel, é o que a Christina ia querer! — Ela se posiciona em frente à cama. — Eles disseram que ela está morta, Koll! Que seria mais humano deixar a natureza fazer seu percurso. Que se por acaso ela “acordar”, viverá em estado vegetativo, sempre com enfermeiras a sua volta, sem saber o que está acontecendo.

Ela dá uma pausa e continua.

— Eu tenho pensando no que os médicos disseram. Será que não estamos prolongando esse sofrimento, e não vivendo o luto?

— Ela não está morta! — Os médicos sugerem isso por não ver melhora no ECG^[6] dela. — A mão dela está quente, uma pessoa morta pode ficar

quente?

— Não pretendo desligar! — Ela segura a outra mão da Christina. — Apenas se você autorizar. Enquanto você tiver fé, eu também terei!

— Pelo amor de Deus, Ashley, não me passe essa responsabilidade! — Sei como Ashley está cansada. A espera pode ser exaustiva.

— Desculpe! — Arrumo a corrente da Santa Rita que coloquei no pescoço de Christina, inclino e beijo seus lábios. — Mas você é o meu parâmetro de quando devo desistir!

— Prometo vir mais vezes, não vou desistir! — Dou a volta na cama e abraço Ashley. — Obrigado por estar aqui me ajudando!

PARTE 11 — A BORDO [PASSADO]

“O amor deve ser como a respiração. Não é uma questão de estar amando alguém, é uma questão de ser amor.” — Osho.

Desço para o meu “escritório” — na verdade, é só o espaço onde guardo minhas coisas —, sento no braço do sofá e fico encarando as caixas lacradas e a estante vazia, acabo entrando em um transe meditativo causado pelo cansaço. É uma coisa boa, eu amo mudanças. Tenho uma paixão em ver caixas espalhadas e pensar como posso mudar tudo de lugar. Para mim, é como se eu nascesse de novo.

Será que é possível ficar mais feliz do que isso? Me sinto a pessoa mais abençoada do mundo e agradeço a Deus todos os dias: eu tenho uma família linda, a mulher que amo, um trabalho que me deixa feliz, e amigos! Onde quer que eu vá, uma nova recordação é gerada.

Ok. Hora de colocar minhas coisas no lugar.

Abro a primeira caixa e me deparo com o livro que comprei em Veneza há dois anos: O Relicário. Organizo a coleção da obra: A História dos Mundos, Em Busca de Poder e A Guerra dos Dragões.

Abro outra caixa, retiro o meu Atlas. Está tudo circulado com marcador. Um envelope pardo me chama atenção e eu faço força para lembrar do que se trata.

— SJ. Simpson. — Sento-me na cadeira de escritório e fico olhando o envelope. O que a faz pensar que eu largaria a Chris? Esfrego minhas têmporas refletindo.

— Vou abrir! — Rasgo a borda com cuidado. — O que você poderia fazer para me assustar, srta. Cristina?

Puxo o conteúdo do envelope: exames, diz o enunciado principal e eu continuo lendo o resto para entender do que se trata.

— Mas que porra é essa? — Viro a página sem entender nada. Vejo que ela deu entrada na clínica várias vezes ano passado. Duas delas me fazem empalidecer de susto. Se eu não estivesse sentado teria caído para trás.

Coloco os exames de lado e me levanto. Subo os degraus da escada caracol e me deparo com Christina sentada no sofá, lendo “O Segredo de Alexander”. Ela percebe minha presença e para de ler.

— Está tudo bem? — pergunta com um sorriso meigo.

— Sim! — Catatônico, sigo em direção à saída.

— Aonde você vai?

— Pegar um ar! — Fecho a porta e a deixo confusa.

Pego o meu carro e dirijo pela noite cheia de luzes de São Paulo. Eu penso melhor quando estou ao volante. Estou tão surpreso que não sei se fico com raiva da Christina por ter me escondido isso. Como ela pôde passar tantos meses mentindo para mim?

Resolvo parar no estacionamento de uma drogaria. Fico sentado no escuro do meu carro fitando a enorme placa do estabelecimento. O que eu devo fazer? Terminar com ela? Eu estou com raiva, mas não com tanta a ponto de querer ficar sem ela. Estou apático, pois não consigo sentir o luto desses dois abortos. É como se nunca tivesse acontecido! Não é justo ela ter me excluído de algo que é parte da minha história.

— Pensa direito, Koll! — Pode ser mentira da Samantha.

Saio do carro e entro no estabelecimento, compro um pirulito e uma lata de refrigerante. Fico um tempo conversando com a farmacêutica — abrindo meu coração para a senhora que se encanta com a minha presença — e me distraio. Resolvo conversar com a Christina antes de cometer o erro do pré-julgamento.

Volto para a casa e ela está no mesmo lugar, maravilhosa como sempre. Dou um beijo no topo de sua cabeça, ela sorri e continua lendo. Busco o envelope e volto até ela.

— Eu quero te perguntar uma coisa. — Christina finalmente abandona a leitura, sentando ereta no sofá. — Você está me escondendo alguma coisa? Por favor, não minta. Eu juro que vou tentar entender o seu lado.

— Do que você está falando? — Ela balbucia e eu me sento em frente a ela.

— Era sobre isso que você tentou me falar mais cedo? — Coloco os exames na frente dela.

— Ah, meu Deus! — Ela fica branca igual um fantasma. — Como você conseguiu isso?

— Não importa. Eu quero ouvir a verdade de você! — Ela desata a chorar, demonstrando o quanto estava sofrendo.

— Me perdoa, eu não queria que você sofresse. — Pulo para o seu lado e a abraço. — Eu acho que nunca vou poder te dar filhos.

— Amor, eu fiquei um tempão rodando pela cidade para esfriar a cabeça. Eu fiquei muito puto porque você mentiu para mim. Mais do que ter filhos, eu queria estar ao seu lado, não queria que passasse por essa dor sozinha. Você é muito importante para mim e, francamente, a gente já construiu algo tão

lindo para se importar com detalhes. Se por acaso você realmente não puder me dar filhos, a gente adota! Mas faremos isso do jeito certo, quando você se sentir pronta! Não tem que fazer nada para mim!

— Eu pensei que você...

— Que eu ia te largar? — Dou uma risada vendo sua expressão de assustada. — Christina, de que época você acha que eu sou?

Ela sorri.

— Amor, eu te amo! — digo abraçando-a.

— Eu não sei... eu fiquei vendo você com seus sobrinhos e pensei um monte de coisa.

— Um monte de coisa errada. — Aperto seu nariz. — Amor, sempre que estiver com problemas, por mais doloroso que sejam, me fale. Vamos dar um jeito. Não conte mentiras, se baseando em hipóteses do que eu penso.

Beijo seus lábios salgados e tenho que lutar para não a agarrar ali mesmo.

— Eu quero te fazer uma pergunta séria. Você quer ser mãe? Nossa vida vai mudar, vai ser outra realidade! Você vai ter que se preparar. É fofinho, mas não é igual gato! — brinco e ela sorri.

— Eu quero, eu quero te dar esse presente! — Afago seus cabelos. — Eu quero muito um pedacinho de nós. Só não sei se consigo...

— Amor, para de pensar no que deu errado. Como eu digo isso sem te magoar... você tinha uma vida muito maluca naquele apartamento. Aliás, se você quer isso mesmo, vai ter que se tornar uma pessoa mais tranquila... saudável...

— Não tinha nada de errado! — diz ela em tom agressivamente fofinho. Só os miojos, penso comigo.

— Eu quero que você faça uma coisa! — Pego a sacola que deixei na mesa e a puxo pela mão, levando para o nosso quarto. — Faz o teste!

— O quê? — pergunta ela parada na porta do banheiro.

— Não existe nada impossível para quem tem fé! Faz o teste. Dessa vez vai dar mais do que certo. — Ela segura o teste de gravidez entre as mãos e me encara como se tivesse uma grande revelação para me contar.

— Eu não estou com vontade de mijar! — ela sussurra e eu dou uma gargalhada.

— Espera um minuto! — Pego uma garrafa de água e um copo. Foram uns vinte minutos só fazendo ela beber água.

— Pelo amor de Deus, não é mais fácil eu fazer um exame de sangue amanhã? — pergunta ela deitada ao meu lado na cama.

— Não tem graça! É muito mais divertido esperar o palitinho mudar de cor. — A envolvo em um beijo e começo a desabotoar sua blusa.

— Desiste! Eu não vou deixar você ficar observando o palito dentro do copo cheio de urina. — Mordisco seu queixo.

— O que tem de mais nisso?

— É a minha urina! — Sorrio entre as pequenas montanhas dos seus seios. — Isso é muita invasão de privacidade!

— Amor, essa é a coisa mais ridícula que você já me disse! — A encaro, enquanto escorrego até o seu short. — Mas eu não quero falar disso!

— Espera! — Ela me empurra e sai correndo para o banheiro. Me joga na cama com os braços atrás das costas.

— Amor? Posso entrar aí? — pergunto por diversão. Não vou entrar lá.

— Some daqui, Koll Gardner! — Ela bufa. — Que obsessão! Estou começando a achar que você tem algum tipo de psicopatia.

— Minha única obsessão é por você, amor! — Tudo dela agora é psicopatia, virou uma mega fã de livros de mistério. Vejo-a abrir a porta.

— E aí, qual o resultado?

— Eu não consegui... não saiu... eu fiquei nervosa! — Dou uma risada.

— Eu ouvi dizer que se você ligar a torneira ou fizer o mesmo barulho, o cérebro relaxa e libera suas necessidades. Volta lá. Não vou conversar mais com você! — Ela fecha a porta. — Xiii... xiii

— Cala boca, Koll! — Garota nervosa.

Após uma crise de risadas, o silêncio se instaura e os segundos parecem não ter fim. Até o meu coração parou de bater junto com os ponteiros. Me levanto e começo a andar de um lado para o outro, ansioso. Até que finalmente a porta se abre, ela dá aquele sorriso moleca e eu já sei sua resposta.

Vou até Chris e a beijo tirando-a do chão, comemorando. Estamos grávidos!

PARTE 12 — VOLTE A VIVER [PRESENTE]

*“A tarefa é, não tanto para ver o que ninguém viu ainda, mas pensar o que ninguém ainda pensou, sobre o que todo mundo vê.” —
Erwin Schrödinger*

Quando você acorda pela manhã, o que você pensa? Antigamente, eu pensava no quão belas são as árvores nascendo e como é bom sentir a brisa quente bater no meu rosto. Eu saía do trabalho e corria para a praia. Quando não me jogava dentro do mar, eu me jogava de um helicóptero a mais de cinco pés de altura. E era tão bom perder o fôlego com toda aquela adrenalina!

Por alguns minutos, eu podia admirar a esfera azul flutuando no espaço e, com isso, criar minhas teorias. Dizem que estamos em movimento: nos expandindo, e indo para algum lugar. Qual? Minha teoria é que a galáxia é uma nave, levando seus tripulantes de volta para casa.

Já viu uma galáxia?

Tem um formato espiral como um cata-vento, formado por poeira e estrelas. No seu centro, há um denso buraco negro. Não o considero o destruidor, que suga toda luz em volta de si. Para mim, ele é o ponto chave. Uma grande estrela, tão brilhante quanto o sol, que se sacrificou para se transformar no motor que faz tudo estar em movimento.

É engraçado pensar assim, porque quando alguém fala: buraco negro, logo vem à mente algo parecido com um vilão da Marvel, que destrói tudo. Claro, é uma analogia de astrofísica — equivocada — com o mundo do HQ. Fugi do foco... desculpe..., mas quando eu salto de paraquedas, eu me permito sonhar com tudo aquilo que eu não conheço ainda.

Pois é! Estou voltando para casa.

Continuo a solitária caminhada pelo parque após visitar Christina no hospital. Até respirar sem ela é estranho: porque eu lembro, que talvez, eu não vá vê-la vivendo a vida.

Quando eu acordava e ela não estava lá, eu sabia que eu poderia procurar no atelier ou na cozinha queimando os ovos, mas agora...

— Koll? Koooll? — Escuto um grito e me volto na direção da voz feminina. — Te alcancei, estou te chamando já tem um tempo!

— Oi, Evellyn, bom dia! — Ela me dá um sorriso gigante. — Que coincidência nos encontrarmos!

— Vai por mim, acho que não é tanta coincidência assim! — diz girando o corpo para trás e mostrando. — Seu irmão me arrastou para cá!

Dou uma inclinada com a cabeça, o vejo com a Mel no colo e com os gêmeos.

— Ele é ótimo com crianças! — continua Ivy.

— A gente tem três sobrinhos, isso ajuda. Ou pode ser genético mesmo! — Dou um sorriso. — Está querendo dar um perdido nele, não é?

Ela abre um sorriso como se lesse minha mente, então se volta para frente, caminhando, até finalmente darmos um perdido no meu irmão. Quando estou com Ivy, me sinto mais leve, é como se ela revirasse minha cabeça, despertando um novo impulso pela vida. Como se fizesse eu esquecer... ah, deixa para lá!

— É aqui! — Atravessamos a porta de uma cafeteria muito acolhedora. Se eu fosse comparar ela com alguma outra cafeteria seria o "Talon" do "Smallville". — Senta em algum lugar, vou pegar um café. Você quer o quê?

— Chocolate quente Europeu com chantilly e castanhas. — Ela me encara por alguns segundos. — Se tiver, claro!

— Você não tem medo de ficar diabético? — Ela tira a mão da cintura. — Digo porque já reparei que você ingere muito açúcar!

— Já ouvi muito isso! — respondo, enquanto procuro um lugar para sentar, logo percebo uma mesa de pebolim, onde um monge budista jogava com um rapaz comum.

Curioso, me aproximo. Fico entretido vendo-os jogarem. O garoto perde e se volta para mim, percebendo que eu o observo.

— Pode vir! — O menino que nem chega aos dezesseis anos se afasta.

— Namastê* — diz ele, com as mãos juntas em frente ao tórax, dando uma sutil inclinação.

— Namastê. — Repito o gesto e em seguida coloco uma ficha no brinquedo. — Não sabia que monges podiam jogar.

— Alguma vez foi dito que não podia? — Ele faz um gol. — Você veio até mim por algum propósito.

— Por que acha que eu tenho um propósito? — Continuo prestando atenção na partida.

— Meu rapaz, a vida é feita de propósitos que nos aproximam da iluminação. E por mais desgastada que esteja nossa bússola, nós sabemos o

caminho que devemos seguir — ele responde e eu perco a atenção.

— Tem uma garota... eu quero muito voltar para seus braços. Ela faz meu coração vibrar de alegria e um arrepio subir pelo meu corpo, mas eu sinto que nunca mais vou vê-la.

— Você precisa voltar a viver! — diz o monge.

— Eu sei! Tem outra garota. Ivy. Ela mexe com a minha cabeça. Quando estou com ela, me sinto mais leve. Como se ela tivesse injetado várias drogas em mim. Anestesiando minhas dores, elevando minha energia... — Faço o último ponto. — Ela é alucinante, mas ela não é a Christina!

— Você precisa voltar a viver! — O monge repete a frase, se aproxima e coloca a mão no meu peito. — Apenas volte a viver, quando achar que é a hora certa!

Ele não diz mais nada, se afasta e abandona o estabelecimento.

Volto minha atenção a Ivy, que traz duas taças que, só de olhar, dão água na boca. Puxo a cadeira e ela se senta primeiro.

— O que vocês conversavam? — pergunta enquanto retira o canudo de plástico.

— Sobre como você tem sido uma companhia agradável.

— Obrigada, você também é! — Silêncio. — Então, você foi vê-la? Como ela está?

— Você se incomoda se não falarmos disso? Não quero mais ficar na zona de pena. Não quero que as conversas a minha volta sejam tão depressivas. Fica difícil se recuperar se as pessoas também não me deixam esquecer. Não quero ser a pessoa que, ao chegar, parece instalar uma nuvem negra no lugar.

— Você não está acostumado com isso, não é?

— Com o quê? — replico a pergunta.

— Em ser a pessoa que está esperando a ferida cicatrizar. Ninguém sabe como passar por uma situação difícil até passar. Quando você é alguém que brilha como o sol, todo mundo espera que você supere em um estalar de dedos.

Ela dá uma pausa e continua.

— Somos tão iluminados, que ninguém aceita que um de nós pode quebrar em algum momento e que pode precisar de um tempinho para colocar as peças no lugar novamente. O mundo parece insensível a nossa dor.

— Como se não tivéssemos o direito de senti-la. — completo.

— A dor faz com que vejamos as coisas de um modo egoísta e feio. Já parou para pensar que ninguém gosta de ver seu herói caído no chão? A não ser que seja para olhar as estrelas. Talvez seja por isso que ninguém aceita que pessoas como você possam ficar tristes. — Ivy segura minha mão. — Eu sei que, quando dói, só a gente sabe o quão profundo é, mas quando dói em alguém

como você, resvala nos seus irmãos, familiares, amigos e na Mel. Temos que ser fortes por eles! Temos que tentar superar todas as dores por eles. Temos que continuar sendo exemplos de fé!

— Obrigado, Ivy!

— Eu sei que você não me contou os detalhes do acidente, mas quando quiser, eu estou aqui. Quero que você se abra de verdade e coloque para fora o que está te fazendo sofrer, mas que, depois disso, você possa se libertar e voltar a viver.

Não sei quantas vezes ouvi essa frase "Volte a viver", mas é isso que eu pretendo fazer.

PARTE 13 — ENTRELAÇAMENTO DO AMOR [PASSADO]

“Agora você é tudo que eu quero, e eu soube isso desde o primeiro momento. Porque uma luz se acendeu quando ouvi aquela música.” — Can I Be Him — James Arthur.

O perfume floral de sua pele alva se espalha no ambiente. Christina arqueia o corpo deixando os seios empinados, minhas mãos sobem por suas costas trazendo-os para perto dos meus lábios. Ela ofega enquanto eu faço os nossos corpos se encaixarem com mais profundidade, aumentando o atrito entre eles.

Minhas mãos sobem um pouco mais e se entrelaçam em seus cabelos. Seus olhos se fecham e os lábios se abrem deixando escapar o calor de sua respiração reduzida.

A luz degrade laranja atrás da cama, que ilumina nossas peles como uma lareira, me faz pensar que esse momento deveria ser eternizado em uma tela.

Ela rebola e eu tenho a sensação que estamos em “slow motion”.

Trago seus lábios até os meus, sinto sua doce língua deliciosamente dançar com a minha. Nosso beijo é profundo e carregado de desejo. Somos dois amantes em um entrelaçamento quântico: conectados por uma força maior.

O suor faz meu corpo brilhar como bronze, deixando mais fácil a movimentação. Com a ponta dos dedos, acaricio os traços suaves da face de Christina, sinto sua bochecha ruborizada transpirar.

Suas mãos sobem pelo meu braço, massageando os músculos até chegar nos meus ombros, ela me empurra, fazendo com que eu me deite sobre a seda dourada. Sua pequena boca espalha beijos por meu queixo e pescoço, até encontrar a tatuagem no meu peito — ela é meu Yin-yang.

Coloco um dos braços atrás da cabeça e fecho os olhos. A sinto subir e descer, deslizando por meu membro. Ela continua a distribuir beijos, agora, acompanhados de mordidinhas.

Alguns anos atrás, eu estaria implorando por isso, mas hoje, ela me joga na cama e exige que eu a possua sempre que quiser. E ainda me diz: “Eu tenho direito sobre esse corpo sexy.” Então completa me informando que estou cumprindo pena por sequestro, e que minha punição é uma vida de escravidão sexual.

Se isso é uma punição, eu quero ser punido para sempre!

Ah, todos os dias eu agradeço a Deus, por ter tido coragem de levar essa garota para o outro lado do mundo. Não foi certo, mas eu estou pagando minha pena por isso! Risos.

Um arrepio se espalha por todo meu corpo, eu sinto sua boca brincando com os gominhos do meu abdômen. Dou um leve sorriso e ela avança o caminho.

4º MÊS.

Acaricio os cabelos de Christina, sentindo sua cabeça encaixada próxima ao meu coração. É tão bom acordar sentindo ela seminua sobre o meu corpo. Quando nos casamos, os detalhes do dia são o que nos faz feliz. Claro, fazemos coisas incríveis durante todo o ano: fazemos trilhas, escalamos montanhas, praticamos snowboard — e com muita insistência dela —, golfe.

É tão divertido andar com Christina, ela é a diferente da turma. Ela sempre se comporta como uma dama. Sempre elegante, não importa o quanto mude.

Ela tem aquele jeitinho todo correto de falar, parece até uma inglesa. É como se a mente dela narrasse tudo como um clássico romance de época.

Já a minha mente, parece narrar tudo sob o ponto de vista de um colegial apaixonado, que diz de várias formas diferentes a mesma coisa: eu amo você.

É a coisa mais fofa, ela vestida como "*Beckham*" — para mim, o nome dessa família é quase sinônimo de nobreza, de tanto que eles ostentam no estilo. No final do dia, após visitar um museu, ela abandona um dos sapatos na entrada, joga a saia longa na sala e a blusa encima do vaso de orquídeas. Em minha defesa, eu não a ensinei a fazer bagunça.

Após deixar um rastro que leva até a cozinha, ela abre a porta da geladeira só de lingerie e fica comendo tudo que vê, até finalmente tirar um iogurte, voltar para a sala e ligar o canal de arte moderna. Por fim, ela grita do sofá: “Amor, compra pizza e vem assistir TV comigo”.

Como eu disse, a vida de casado não é uma aventura recheada de adrenalina todos os dias, na maior parte do tempo é apenas o sossego do “viveram felizes para sempre” com algumas discussões.

A Christina, para mim, não é mais a garota que eu tentei conquistar, é a companheira que me ajuda todos os dias a tomar decisões que, sozinho, seriam

mais difíceis. É a pessoa com quem, ao voltar para a casa, compartilho minhas alegrias. É a garota que me apoia sempre que decido iniciar um projeto novo. É por ela que acordo todos os dias, desejando colocar o meu mundo aos seus pés.

— Amor? — ela praticamente boceja a palavra. — Mais para esquerda!

— Você é muito folgada! — digo, e afago perto da sua orelha.

— Eu sou uma Beckham, é de família! — zomba.

— Chris, por que a gente não oficializa? — Ela se aconchega. — Se torne uma Gardner!

— Não quero me casar, não estou pronta!

— Querida, já moramos juntos, tem um bebê meu na sua barriguinha! Pelo que eu sei, já estamos em um casamento! — Ela inclina a cabeça para cima.

— Não vou casar grávida, vão dizer que eu te dei um golpe! — faz piada, e eu dou uma gargalhada.

— Querida, nem a ponta do seu dedinho é pobre! Ainda mais sua conta bancária.

— Ah, verdade! Então é você que quer me dar o golpe da barriga! — Ela cruza os braços sobre mim, encaixando a cabeça entre eles, como uma gatinha.

— Com certeza! Te dei o golpe, fazendo tortas, x-burguer, pizza, macarronada... — Ele solta uma risada gostosa. — Não sei como você não está gorda, porque não é por falta de tentativas minhas!

— Para com isso!

— Ah, tem os doces também...

— Não, para, eu não quero ficar gorda! — Ela me interrompe. Eu a encaro sorrindo e ela me dá um selinho.

— Por que você não quer casar comigo, *srta. Beckham*? Meu sobrenome é lindo, minha família tem posses, me diga o que você quer de dote e eu te dou!

— Você não tem mais moeda de troca, querido, o que eu queria de você, eu já tenho!

— É mesmo, posso saber o quê? — pergunto. Ela senta-se, me colocando entre suas pernas e me deixando duro. — Ah, isso não vale!

— Vale sim! — A seguro e rolo, ouvindo um grito.

— Se você não casar comigo, eu vou fazer greve de sexo! — digo e ela solta uma gargalhada.

— Duvido! Vou andar nua pela casa, quero ver você aguentar!

— Droga! — resmungo. — Você ganhou essa! — Silêncio. — O que te incomoda?

Deslizo o corpo para baixo, assim posso acariciar e beijar sua barriga enquanto conversamos. Já é uma linda barriga de quatro meses. O tempo está voando!

— Quero ter certeza que vai dar tudo certo na gravidez. Não quero fotos minhas grávida durante o casamento. Se acontecer algo com o bebê, terei manchado uma lembrança boa com um acontecimento ruim.

— Deus me livre, Christina! — Dou três batidas na madeira da cama. — Achei que você já tivesse superado a fase do negativismo.

— Koll, é sério! Temos que ser realistas. Já aconteceu duas vezes! Não sei se aguento uma terceira.

— Vai dar tudo certo! O melhor médico está cuidando dessa gravidez. *Eu* estou cuidando de você! — Respiro profundamente, estou muito envolvido. — Pega o óleo, por favor!

Ela estica o braço, pega o vidro e me entrega. Espalho o conteúdo em minhas mãos e, em seguida, na sua barriga.

— Está bem! Esperamos ela nascer?

— Ela? — pergunta Christina.

— Ou ele! Não sei. Qual o nome daremos?

— Se for menina, Stefany! — Franzo a testa. — Se for menino, Davi!

— Por quê? São tão comuns!

— Davi, como a bíblia! E Stefany, porque eu tinha uma boneca com esse nome! — Escuto atentamente os motivos.

— Coloca Vitória, se for menina. E menino, Dante — sugiro.

— Vitória? Não, é ridículo. Dante? Como o jogo que você tem do Devil May Cry?

— Dante, como “A Divina Comédia”: escrito por Dante Alighieri” — Continuo acariciando sua pele.

— Uma excelente obra, mas, não! — Dou um sorriso e fico entretido. — Que tal colocarmos Mel? Já que você gosta tanto de doces.

— Eu gosto de Mel, mas acho que ela precisará de um nome mais completo, para a vida adulta! — Penso. — Melissa é melhor!

— Certo! Se for menino, Scott. Como seu pai! Eu gosto dele.

— Sério? — Ela dá um aceno positivo. — Nossa, ele vai amar, mas porque a gente não coloca Thomas, como o seu pai, uma homenagem à memória dele.

— Porque a gente tem que homenagear quem está vivo! Quem está morto não pode mais ver como foram importantes para nós.

— Você não sabe! E se tiver um mundo espiritual por aí onde eles continuam existindo com suas memórias?

— Você tem muitas crenças.

— Apenas creio no lado positivo de todas as coisas! — Espalho o óleo nas suas coxas. — Meu pai vai ficar tão feliz!

— Se tivermos a oportunidade de termos mais de um menino, colocamos Thomas.

— Certo! — concordo e me inclino sobre o seu corpo, afastando o seu short e a calcinha para o lado. — Que tal a gente brincar?

— Amor? — ela me chama em um gemido, sentindo minha extensão deslizar para dentro dela. — Me promete... — Ela geme. — Me promete...

— Prometo tudo! — Fico embriagado de prazer.

— Promete que vai continuar vivendo cada segundo de sua vida intensamente... — Ela solta outro gemido. — Mesmo que aconteça algo comigo?

— Sim... o quê? — Dou uma travada. — Não! Pare de pensar coisas ruins! Vai dar tudo certo na sua gravidez!

— Eu sei, mas me promete! Você me fez viver a maior aventura da minha vida nesses dois anos. É tipo aquela música “O que na vida ninguém fez, você fez em menos de um mês.” Se existe um outro lado, eu não suportaria saber que você parou de viver um segundo sequer por minha culpa.

— Você entende as implicações de me pedir isso quando estamos fazendo sexo?

— Sim, você fica mais propenso a aceitar as coisas! — ela responde. — Aceita logo antes que você...

— Que porra, Christina! — Ela sorri. — Nunca vai acontecer nada com você! — Ela espera uma resposta. — Eu prometo!

— Eu te amo! — diz mordendo os lábios.

— Eu te amo muito mais! — digo e a beijo profundamente.

PARTE 14 — BATE-BATE [PRESENTE]

“Cheguei até você sem fé, e você me deu mais do que uma mão para segurar” — [Jess Glynne](#) — Take me Home.

O vento bate forte em nossas faces, o grito coletivo se espalha quando o giro de 360° graus é completado. Evellyn e eu fomos os primeiros a entrar na montanha-russa. Não era assustadora, mas provocava risos e muita euforia.

Acho que o que mais me deixou tonto foi o Evolution, é até difícil explicar para qual lado ele gira. O brinquedo para, então nós saímos dele.

— Sério, eu nunca mais vou nessa coisa! — diz Ivy.

— Foi você quem quis vir aqui! — Me afasto indo em direção a Gad, que praticamente se tornou babá dos nossos filhos. — *My Sweetheart*, quer vim com o papai?

Ela estica os bracinhos, eu a pego e ergo sobre minha cabeça. Vendo-a com o vestido rosa, estilo body com saia de renda, igual uma bailarina. Trago minha bonequinha para um beijo e a jogo para cima novamente, ouvindo uma gostosa gargalhada. Os enormes olhos verdes ficam vidrados em mim.

— Vou beber algo, se precisar me chama! — diz Gy, se afastando para tentar se livrar da função de babá.

— Pode ir! — digo sem desviar os olhos do meu anjo, que se destaca no céu azul quando a jogo para cima. — Chega, pequena!

Ela tenta pular no meu colo, querendo continuar a brincadeira. Ivy fica de olho em nós enquanto conversa com os gêmeos, logo os libera para irem às máquinas de fliperama.

Quando Mel bate os olhos no algodão-doce, começa a dizer um monte de coisa sem sentido apontando para espuma rosa e fofinha.

— Só se você me der um beijo! — Faço um beicinho e ela me dá um beijo babado. A coloco no chão, segurando suas mãos a ajudo a “caminhar” na ponta dos pés até o seu destino. A puxo de volta para o meu colo e compro o algodão.

— Daqui dois minutos, você vai se arrepender disso! — diz Ivy, surgindo atrás de mim.

— Tenho certeza que sim! Mas é injusto dizer não para uma criança em um parque de diversão. — Entramos na fila do carrossel, que está

praticamente vazia. Entrego o bilhete. — Obrigado!

— Me dê sua câmera, vou bater uma foto de vocês! — Sento Melissa no cavalo. — Digam X!

— Me sinto no mundo encantado da Barbie! — Ela solta uma risada. — Eu gosto! É completamente diferente.

— A vida com filho homem é diferente, para onde eu olho tem um carro, um personagem da Marvel ou um videogame novo. Eles brigam o dia todo! — Ivy senta-se em um brinquedo e escora a cabeça no mastro. — Queria ter tido uma menina!

— Essa baixinha também não dá trégua, faz pirraça o tempo todo! Mas a culpa é minha, que praticamente faço todos os seus caprichos. Não é, amor? — Ela vira a cabeça para cima querendo tomar o algodão da minha mão.

— “*Papa, pa, pa, pa*” — ela balbucia. Retiro um pedacinho do algodão e coloco na sua boquinha, ela começa a bater a perna gordinha no cavalo, tentando galopar. — *Papai!* — ela finalmente grita a palavra certa pedindo mais. — “*Papai, Ko, Koll, papai, maxx, maxx.*”

— Ai, meu, Deus! Faz ela dizer de novo! — Ivy aproveita que a câmera está ligada e começa a gravar. — Sua filha é carioca! Maxx. — faz o som do X no final da frase. — Mel? Diz papai!

Ivy chama sua atenção, ela olha para a câmera com os olhos gigantes sem entender nada, aponta para o doce e os olhos marejam dizendo “papai”. Ela aprendeu a dizer o meu nome de tanto ouvir as pessoas me chamando.

— Toma, amor! — Dou o doce para ela, a deixando enfiar a mão e fazer a bagunça. Ficamos rodando ali até o algodão acabar. Quando saímos, um lindo crepúsculo já se fazia presente.

— Vamos no carrinho de bate-bate? — pergunta Ivy saltitando de alegria, mas a frase me faz sentir náuseas. — Koll, está tudo bem?

Me escoro no poste e ela tira a Melissa do meu colo, junto com a bolsa. Minha visão fica turva, a bile sobe pela garganta me forçando a debruçar no primeiro tambor que encontro. Fecho os olhos e tento bloquear as lembranças, mas sou ferozmente atacado por elas, minha mente começa a remontar o trajeto alegre da noite do acidente!

Meu irmão, que não está tão longe, corre na minha direção e me abraça por trás dizendo: “*Está tudo bem, já passou!*”

Minhas pernas ficam bambas e tremem, como se eu não fosse aguentar mais ficar em pé. “*Não desiste, Koll!*” — sussurra no meu ouvido.

— Eu o chamei para ir no bate-bate e ele começou a passar mal — diz Ivellyn.

— Ivy, você pode levar a Mel e trocá-la no fraldário? — pede Gy. —

Vamos embora daqui a pouco.

Sinto minha cabeça latejar e cada ruído parece tomar uma forma diferente, como se minha audição tivesse sido ampliada para ouvir o ranger dos ferros, as batidas dos brinquedos e os gritos.

— Devia ter sido eu naquela cama Gy! — solto a frase e ele me puxa, para sentarmos no banco. — Eu daria tudo para trocar com ela.

— Não devia ter sido ninguém, seu cabeça de vento! Pare de se culpar e dizer essas coisas. Abra os olhos, Koll! Abra os olhos e olha para mim, agora! — Levanto a cabeça, que antes estavam entre minhas mãos. — Você tem que voltar a viver cara, você prometeu!

— Eu sei! Eu vou cumprir a minha promessa! — Respiro lenta e profundamente. Escuto uma crise de risadas do Gad, que me faz abrir os olhos.

— Você dirige praticamente todos os dias, mas aquele carro ali você não pode? — Acabo caindo na contradição de rir de mim mesmo. — Eu estou brincando, eu entendo o motivo!

— Eu não posso simular uma batida de carro! Acho que é demais.

— Acho que você deveria se abrir com a Evellyn — diz Gad e, juntos, ficamos olhando para o céu.

— Para de me jogar para cima dela, somos apenas amigos! — Ele vira a cabeça em minha direção e me encara, com uma expressão de ironia.

— Amigos vocês seriam se eu tivesse dormido com ela! — Dou um meneio com a cabeça. — Mas não tem nada a ver com isso. Ela é psicóloga de um centro comunitário de mulheres.

— E eu pareço uma mulher? — brinco e ele me entrega uma garrafa de água.

— Parece! — Risos. — Não precisa ser doido para ir ao psicólogo. Vamos encarar esse leão de frente, irmão, você passou por um trauma, ninguém é de ferro. Eu entendo que você não queira conversar comigo, ou com a mamãe e com o papai. E você está certo! Nenhum de nós tem o preparo psicológico para dizer a coisa certa para você. Pois todos nós ficamos abalados também! Mas queremos você de volta. Inteiro! Não queremos um Koll de mentira que só sorri para agradar quem ama!

Silêncio.

— Você brigava com a Christina no início, mas é exatamente igual a ela, sempre tentando agradar os outros e se colocando em segundo plano! É nobre, mas você precisa buscar o que é melhor para você.

— Obrigado por estar do meu lado sempre! — digo, e ele se levanta, estende a mão me puxando para cima.

Pois é isso que irmãos e amigos fazem, te puxam para cima quando

voce precisa.

PARTE 15 — É MENINA [PASSADO]

“E eu vou tropeçar e cair, eu ainda estou aprendendo a amar. Apenas começando a engatinhar.” — Say Something. — Christina Aguilera e feat. A Great Big World.

6 MESES.

A vida é feita de pequenas porções de alegria, que montam um filme perfeito de tudo que vale a pena ser lembrado. Quando encontramos alguém semelhante a nós e casamos, parece que um novo capítulo se abre. E por mais estranhas que as coisas possam ficar — porque existem momentos de estranheza — você sabe que tudo vai dar certo.

Me pediram um conselho sobre um relacionamento que passava por uma singularidade, e eu disse: *“A gente não desiste de quem ama”*. Um casamento não se trata da disputa controladora de egos, onde um tem que estar no limbo para o outro estar feliz!

Pois é, isso acontece muito! O parceiro, ao invés de apoiar o avanço do outro, o sabotagem com chantagens emocionais embasadas no carinho ainda existente entre eles. Quando a chantagem é pegar o pote de sorvete na geladeira, tudo bem, mas quando isso passa a ser um pedido ridículo, como excluir alguém do Facebook ou até mesmo se afastar da sua mãe, você fica pensando: *“Onde diabos eu fui me amarrar?”*.

— Também acho, Jordan! — digo pendurado ao telefone. Pois é, eu voltei a conversar com o Watson. Foi ele quem me ajudou a encontrar o melhor médico para cuidar da Christina. Ah, sim, é ele quem está reclamando da namorada obsessiva.

Somos amigos, minha mãe é prima da mãe dele, não íamos passar a vida toda com raiva um do outro. É uma ilusão humana considerar alguém seu inimigo por causa de uma desavença. Não viemos a esse mundo para travar batalhas, viemos plantar uma semente do amor, para que mais pessoas possam se alimentar dela.

“Koll Gardner, não é tão fácil!” — Com certeza não é, meu amigo.

Não porque as pessoas são ruins, mas sim pelo fato de que é mais fácil sentir ódio. Quando alguém te atacar, não se contamine com a ira daquela pessoa, sinta compaixão por ela, por mais difícil que possa ser.

Pense no seguinte, se aquela pessoa tem o poder de te tirar do sério, você tem o poder de encher o coração dela com serenidade. A vida é um eterno exercício de paciência! E não espere gratidão por isso.

Clark Kent — Super Homem — e tantos outros heróis, fizeram boas ações no anonimato, salvando o mundo sem esperar nada em troca. Não estamos em um universo com superpoderes, mas a ideia de ajudar continua a mesma.

Jordan Watson poderia ter passado a vida inteira sem falar comigo. No entanto, ele pegou o telefone, ligou para nós e foi um dos responsáveis por eu e Christina sermos pais, trazendo uma das melhores médicas para cuidar da gravidez.

Agora, me diga, se você estivesse no lugar dele, o que você faria?

Muitos não se lembrariam que fomos amigos, e intimamente explodiriam de felicidade dizendo “*Bem feito, é karma!*” — Como eu disse, não é fácil ser uma pessoa boa!

— Jordan, eu não gosto de dar conselhos em campos amorosos. Se você gosta da garota, não desiste dela!

— Você não entende, tem uma série de complicações. Ela é muito ciumenta! — Me inclino na poltrona, ouvindo-o falar.

— E ela tem motivos?

— Ela é mais velha, então fica com medo de me perder para qualquer garota nova! — Ele suspira. — Ela é muito legal, me apoia bastante, quer que eu seja tão grande quanto o meu pai. Acho que ela está me manipulando, não sei se está sendo sincera.

— Por que você acha que ela está te manipulando?

— Ela tem fama de ser manipuladora, mas é uma mulher tão adorável, KG! — Ele solta outro suspiro.

— Com tantos suspiros, devo considerar a hipótese de você estar realmente apaixonado por ela. — Rimos juntos. — Coloca na balança, se ela soma mais do que subtrai, fica com ela.

— Ah, como ela subtrai! — Sinto um duplo sentido na frase.

— E os seus pais, já a conhecem? — Jogo a cabeça para trás vendo Christina descer a escada caracol bem devagar, com uma camisola de seda rosa. Com uma mão, ela segura o corrimão, e com a outra, a enorme barriga de seis meses.

— Eles conhecem, mas não como minha namorada! Eles se confraternizam maravilhosamente bem, mas desconfio que, quando disser que ela é minha namorada, ouvirei gritos.

— É o Watson, amor! — Coloco no viva-voz. — Jordan, coloquei no viva-voz.

— Oi, Chris, como você está? — Christina senta-se no meu colo, sentindo o claro incômodo que é dividir o corpo com mais alguém.

— Gorda, eu pareço o globo terrestre, dá para desenhar um mapa na minha barriga, mas estou bem, obrigada! — Todos damos gargalhadas, esse é o jeito amoroso da Christina de dizer que está amando a gravidez. É o momento que ela pode ser extremamente manhosa e ninguém reclamar com ela.

— Deveria fazer isso! — diz Jordan. — Estou falando sério!

— Ah, eu farei com certeza! — Ela respira forte e eu a abraço acariciando sua barriga, sentindo os chutes que fazem Christina fechar os olhos. — Acho que tem um zagueiro morando dentro da minha barriga!

— Deve ter ficado inspirado por estarem perto do Maracanã — brinca Jordan. — Como é morar no Brasil?

— É quente! — Cristina e eu dizemos ao mesmo tempo. Mas o meu tom de voz é de alegria, o dela é de desânimo. Ela prefere lugares frios.

— Vou desligar. Tenho que fazer uma viagem para Washington, mas estou muito feliz de ver que vocês dois estão ótimos. Desejo toda a felicidade do mundo para vocês!

— Obrigada, Jordan, saiba que consideramos muito você! — diz Christina se inclinando para perto do telefone. — E se você aceitar, queremos você como o padrinho do nosso filho, mas tem que dizer quem é a namorada misteriosa!

— Koll, com quem a Christina aprendeu a fazer barganhas? — pergunta Watson.

— Com a mãe dela, com certeza! É um *superpoder* da família Beckham para conseguir o que quer, mas só aflorou agora durante a gravidez! Você não imagina as exigências que ela faz! — Caímos na gargalhada mais uma vez.

— Falando na sua mãe, Chris, já ligou para ela? — ele pergunta.

— *Então*, estranhamente minha mãe me ligou durante a semana e tivemos uma conversa bizarra no telefone! — responde Chris.

— Bizarra como?

— Ela foi gentil! — Novamente rimos muito. — Ela está se esforçando, eu estou feliz por isso! Ou talvez sejam os hormônios que estão mexendo com a minha cabeça!

— Não seja exigente! Sua mãe te ama, só que do jeito dela. Quando você perdeu o seu pai, Ashley perdeu o marido. Por muito tempo você foi um lembrete do que ela perdeu. Dá um desconto para ela! — diz Jordan e eu e Christina nos entreolhamos. — As pessoas têm formas estranhas de demonstrar o seu amor.

— Eu nunca parei para pensar em como ela se sentiu quando Thomas morreu. Obrigada por abrir meus olhos para isso, Jordan, vou tentar ser mais sensível do que já estou com ela — responde Christina.

— Tenho que ir, mas antes que eu me esqueça, faço questão de ser o padrinho do bebê. E não aceito chantagens! Beijo, amo vocês!

— Obrigada, Jordan, também amamos você! — diz Christina e eu mando um abraço.

Não é incrível como a vida pode nos surpreender? Se pudéssemos observar o nosso futuro por uma fresta, talvez não reclamássemos e sofrêssemos tanto.

Me lembro de quando eu era adolescente e queria muito, muito mesmo, uma moto, e meu pai me disse: “Se você quiser, vai ter que comprar por conta própria, não vou te dar essa máquina perigosa. Mesmo porque, você não daria valor para ela.”

Ele não se referia ao valor do dinheiro físico, porque sempre tivemos condições, ele queria que eu atribuísse a ela a sensação de gratificação, e que isso fizesse do objeto algo que eu tivesse orgulho de ter, porque eu me esforcei.

Assim foi durante toda a minha vida, algumas coisas foram mais fáceis, outras nem tanto. Isso faz parte de não desistir dos nossos sonhos. E eu digo, se você quer muito uma coisa, vai ter que ter força — ou fazer brotar força —, porque no início, você começa com empolgação e aquilo te dá um puta gás para você ir longe. Depois, surgem as dificuldades e você percebe que dá muito mais trabalho sonhar do que fazer a mesmas coisas que os outros.

Dá muito mais trabalho olhar para um quadro e fazer o pensamento tomar forma. Dá muito mais trabalho, passar dias e noites estudando e escrevendo algo que toque um coração. Dá muito mais trabalho cantar de forma que encante. Dá muito mais trabalho sonhar quando o mundo te exige uma responsabilidade que não é sua! O que fazer?

Sabe quando você está dentro da piscina? E usa a parede para dar um empurrão e, no resto do percurso, você tem que nadar muito forte para chegar na outra ponta? Pois é, continue nadando até poder tirar a cabeça para fora da água e, enfim, respirar!

A gente ama muitas pessoas, mas, nem sempre, o que elas querem para nós será o que irá nos trazer felicidade. O tempo é uma ilusão que existe não existindo! Sabe quando você sente que não está no caminho certo? Que deveria seguir o seu coração? Então, siga!

O tempo é um presente! Cada um tem o seu para usar da melhor forma, então use o seu do jeito que lhe traga mais recompensas: as quais chamamos felicidade!

— Está vendo? — A médica mostra no monitor o bebê. — Aqui são as mãozinhas, os pés... esse é o som do coraçãozinho!

— Ai, meu coração! — Levo a mão da Christina ao meu peito, mais ansioso que ela, que sorri despreocupada. — Já dá para saber o sexo, doutora? Não me aguento mais de ansiedade.

— Calma, Koll. Deixe a dra. Arwen fazer o ultrassom tranquila! — Beijo sua mão.

— Já dá para saber! — Silêncio. — Parabéns, é uma menina!

— Koll, você está chorando? — Levo a mão ao rosto escondendo as lágrimas. — Oh, meu amor!

Christina se inclina para frente e me envolve em seus braços. Seco as lágrimas de felicidade. Provavelmente, eu sou o cara mais bunda mole desse planeta, mas quando eu ouvi o coração do meu bebê, o meu foi invadido por uma sensação nova. Uma felicidade inimaginável. Para mim, o milagre da vida é o mais belo!

— Fico feliz em saber que essa criança será muito amada! — diz a dra. Fátima Arwen.

— Me desculpem, eu não sei porque eu estou chorando! — Elas caem na risada.

PARTE 16 — APENAS UM FANTASMA [PRESENTE]

Somos luzes, que faíscam no caos! — O Rappa — Auto-Reverse.

Pego o livro favorito de Melissa na estante e me sento com ela na poltrona do seu quarto, que mais parece um mundo cor-de-rosa. Ela me encara com os lindos olhos grandes e verdes, faz um beicinho como se estivesse mandando um beijinho, mas na verdade, está tentando mastigar o pedaço de empanado que lhe dei.

— “*Buuu*” — ela abre um sorriso batendo a mão no livro, ela sabe que eu vou ler. Então eu começo.

— “Quando morremos, nós renascemos e nossas boas ações são recompensadas em uma próxima vida. Quando eu renasci nessa vida, meu pai, o rei Suddhodana, tinha as maiores esperanças em mim.” — Ela encosta a cabeça no meu peito, me vendo mudar de página. — “Meu pai criou um mundo perfeito para mim por mais de vinte anos, e me deu tudo que eu poderia querer, mas haviam coisas que nem o rei podia controlar...”

Viro a outra página ouvindo a música de ninar que soa do móbile no berço.

— Um dia, porém, atravessei os muros do castelo e vi o meu povo que ali morava, só então eu descobri a doença, a velhice e a morte. Não poderia mais ser feliz sabendo que tal tristeza em algum momento me abateria, levando todos que eu amo... — Ela toca o desenho do príncipe e murmura. — Naquele dia, fui questionar o meu pai, por ter mentido para mim, e acabei descobrindo que meu filho nasceria. Saí do palácio para meditar, e encontrei um mestre, que assim como eu, procurava a verdade para libertar o povo.

Melissa volta a encostar a cabeça no meu peito.

— “Decidi partir naquela noite, e eu chorei. É doloroso se separar daqueles que amamos, mas eu sabia que, quando eu achasse aquilo que estava procurando, voltaria para compartilhar. Shanna levou-me para floresta, troquei minhas roupas reais por outras mais simples, cortei meu cabelo e pedi a Shanna que dissesse ao meu pai que eu não voltaria para a casa, que estaria em busca da paz mental”.

Os olhos cerrados de sono ainda teimam em olhar as páginas.

— “Passei dois anos com dois velhos mestres da meditação, eles ajudaram a treinar e acalmar minha mente, mas eu sabia que não havia encontrado aquilo que procurava. Eu continuei o caminho, onde conheci outros cinco homens, que também estavam na busca. Eles me ensinaram a negar os meus desejos. E o que eu mais desejava, era comer. Passei fome por seis anos. Só comia três sementes de gergelim, e a única coisa de que eu tinha certeza, é de que estava mais perto da morte”.

"Buuu" — balbucia Melissa, tentando dizer o nome do príncipe.

— “Quando estava ali, perto da morte, eu tive saudade do meu filho e lembrei de quando eu tinha a idade dele. Essa lembrança me encheu de energia. Então percebi que não precisava passar fome para encontrar a paz que buscava...” — Viro a página. — Você só precisa encontrar o caminho do meio. Me sentei em baixo de uma árvore, determinado a encontrar a consciência especial que detém a verdade e que está dentro de nós: a luz!

"Brurrr, pruuu" — a Mel faz um ruído de desaprovação, quando vê o desenho do vilão.

— “Mas nossa mente tem um inimigo terrível, seu nome é Mara” — ou ego, penso comigo. — “Ele procura destruir e seduzir. Primeiro, ele manda seus belos filhos e filhas para provocá-lo e distraí-lo. Mara sabia que se eu encontrasse a luz, eu contaria aos outros como destruí-lo. Mantive a concentração, mas Mara enviou meus maiores pesadelos e me perguntou: Siddhartha Gautama, você acha que é um merecedor da luz?”

Viro a página.

— “Então eu toquei o chão e a terra falou: ele merece. Revi minhas centenas de vidas passadas, e vi que, o que fazíamos em uma vida, influenciava a próxima. Eu vi a vida como uma roda. Para alguns, sempre indo para frente, e para outros, sempre indo para trás. Não há como escapar da roda do nascimento, da morte e renascimento. E não há como escapar dos três venenos: a ira, a ganância e a mentira.”

Pausa.

— “É aquilo que fazia a roda girar. Percebi que na vida, sendo fácil ou difícil, não se pode fugir da morte. De repente, o que eu procurava foi revelado. Se eu não temesse a morte, a morte não teria poder” — Mel está quase dormindo. — “Observando a lua naquela noite, compreendi aos poucos que a maior maneira de evitar o sofrimento, é se libertando do desejo, e estando sempre pronto para dar e receber.”

Dou uma pausa e viro para a última página.

— “Eu encontrei a luz e me tornei Buda, O Iluminado.”

Olho para baixo e vejo os olhos da minha princesa fechados. Eu não

sei porque, mas a história do Príncipe Sidarta (Buda) é o livro favorito dela. Logo depois, vem o “Pequeno Príncipe” e “Alice no País das Maravilhas”.

Deixo o livro na estante ao lado, fico afagando sua cabecinha e pensando em como esse dia rendeu. Começando pelo encontro com a Ivy durante a madrugada — na quadra —, a visita a Christina no hospital e nem um sinal de recuperação, o reencontro com Evellyn no Ibirapuera e nossa repentina ideia de ir ao parque de diversão, que culminou comigo passando mal. Acho que devo uma explicação a ela, mas acredito que ela já imagine o que aconteceu.

Coloco a Mel no berço e sorrio pensando como ela fica bonitinha naquele pijama de macacão panda. Não tem como não morrer de amores vendo essa coisinha de bochechas rosadas fantasiada. Isso me faz pensar que tudo vale a pena por ela! Eu já amei muito, mas nada se compara ao tanto que eu a amo.

Melissa é uma luz para mim, sem ela eu não suportaria a falta que a Christina me faz. Só não sei se ainda devo ter fé de que Christina voltará. Já está quase completando um ano. Afasto-me do berço e apago a luz, deixando apenas a do abajur acesa.

— Ela dormiu? — pergunta Gad, revirando todos os documentos da rádio e vendo se estava tudo certo.

— Dormiu — digo enquanto vou até a cozinha. — Tenho um novo projeto para a KGG. Vou escrever uma canção e produzir um músico.

— Vai atacar de compositor e produtor musical agora? — ele responde deixando as folhas de lado.

— Vai por mim, dá dinheiro e resolve essa queda nos lucros que tivemos! — Vou em direção à saída com uma garrafa de vinho.

— Ou, ou, ou... onde pensa que vai? — ele chama minha atenção.

— Você tem razão, esse vinho não é bom! — Gad fica de boca aberta sem entender nada, ao me ver ir até a adega e pegando outra garrafa.

— Eu não disse isso... Koll... — Passo por ele novamente. — Koll, seu bundão, onde você vai?

— Eu vou chamar a Ivy para beber comigo, enquanto isso vou tentar criar algo!

— Koll Gardner!

— Eu sei, eu estou te fazendo de babá, mas você não queria que eu voltasse a viver? Que eu me desse uma chance? Eu estou tentando me dar essa chance!

— Com a Ivy? Achei que ela fosse um passatempo — ele responde.

— Vai parecer estranho dizer isso, ainda mais pelo pouco tempo que eu a conheço... — Me perco nos meus pensamentos. — Mas, quando estou com a Ivy, é como se todas as minhas dores passassem.

— Eu estou feliz por você! — Ele tira os óculos. — Mas não é meio cedo para se apaixonar?

— Não é paixão, é algo diferente, é como se eu tivesse uma conexão com ela. — Me escoro na porta. — Talvez seja porque ela tem o humor ideal. Ela é positiva, bonita e entende a minha vida.

— Você não acha que, o que você sente, não é só uma empatia? — Ele se levanta e dá a volta na mesa. — Pelo fato de vocês dois serem pais solteiros, com questões mal resolvidas no campo amoroso? Ah, e sim, o notável bom humor dela!

— E daí se for? — O encaro. — Eu já tenho trinta e dois anos, Gad, não sou mais aquele garoto de quatro anos atrás que sequestrou Christina e a levou para Veneza. Eu poderia dizer que a paternidade me mudou, mas francamente? Eu só quero ficar com uma garota legal até nossas mãos ficarem enrugadas com o tempo, e eu morrer de diabetes daqui quarenta anos.

Meu irmão solta uma risada, calculando a probabilidade disso realmente acontecer.

— Talvez isso aconteça antes! — ele zomba.

— Não estou dizendo que vou ficar com a Ivy. Mesmo porque, ninguém pode substituir o espaço de Christina no meu coração, mas eu tenho que deixar o ponteiro do relógio andar para frente e ver o que acontece.

— Koll, cala a boca! — Fico em silêncio. — Pega essa garrafa e some daqui! Eu não sou seu pai para me pedir permissão de nada. Seu bunda mole, está morrendo de medo!

Silêncio.

— Você deveria continuar tentando me impedir! — Silêncio. — E se ela acordar?

— Esquece a Christina, quem tem que cair na real aqui é você! — Ele sorri. — Talvez a Ivy seja apenas um caminho para você voltar a viver a sua vida novamente! Eu gosto dela. Ela é um anjo que faz bem a você. Vai lá... eu banco a babá novamente!

— Obrigado! — murmuro de longe.

— Não precisava desse drama para me pedir para ficar com a Mel! — Abro a porta. — Mas vou começar a cobrar!

— Põe na minha conta! — grito, e fecho a porta.

Dou três passos e fico encarando a madeira vermelha, resolvo bater e espero. Não demora muito e ela abre a porta.

— Koll? — ela diz meu nome surpresa.

— Posso tentar te compensar por hoje mais cedo no parque? — Ivy faz um gesto para que eu entre.

— Estou cozinhando. Isso é para nós? — Entrego a garrafa e ela olha a marca, indo na direção da cozinha. — Já que você trouxe vinho, sou obrigada a te convidar para o jantar. Só não espere nada muito elegante!

— Eu te ajudo, sou um ótimo cozinheiro! — Vejo os gêmeos sentados na sala jogando X-BOX.

— Oi, Koll — os dois me cumprimentam praticamente juntos.

— Boa noite! — Os vejo entretidos jogando "God of War", há quanto tempo eu não pego em um videogame. Me sento no banco alto da cozinha e vejo ela cozinhando. — Por que eu acho que te conheço de algum outro lugar?

— Talvez dos seus sonhos! — ela responde e coloca o macarrão para cozinhar. — Estou brincando. Duvido que já nos vimos antes. Embora sua voz seja muito familiar.

— Mãe, ele é o Koll Gardner! — Pedro e Arthur respondem sincronizados.

— Eu sei quem ele é! — Sorrio. Ninguém é obrigado a conhecer um locutor. Normalmente somos alguém que faz parte do seu dia a dia, passando mensagens positivas, ou apenas te convidando para uma viagem para o Sul do seu país. — Ele é o vizinho da porta da frente!

Quando a Evelyn me dá as costas, eu chamo a atenção dos meninos e sussurro:

— Não contem! — Prefiro quando as pessoas não sabem quem eu sou. Elas agem “normalmente” comigo. Bem, acho que ninguém fica normal ao meu lado.

— Não contar o quê? Eu estou alguns centímetros longe de você, e minha audição é ótima! — Me levanto e começo a ajudá-la.

— Que eu sou cozinheiro! Um ótimo por sinal! — Encaixo meu corpo atrás do dela e experimento o sabor do molho.

— Para com isso! Não vai rolar, eu e você! — ela murmura.

— Falta sal! — Dou um sorriso.

— Agora você foi longe, dando “pitaco” na minha comida! Pode sentar com os meninos! — Me afasto.

— O que significa pitaco? É sério. Eu não sou daqui. Tem algumas palavras que vocês misturam e eu não tenho ideia do que é!

— É palpite! — Ela fica me olhando curiosa. — De onde você é?

— Mãe! — Me viro para trás e faço "Shhh" pedindo silêncio.

— Eu nasci na Itália, mas praticamente fui criado nos Estados Unidos. Normalmente meu público acaba sendo mais jovem, DJs, músicos e empresários. E, no geral, garotas que me pedem para assinar o sutiã delas.

Vira e mexe, sai alguma manchete me colocando entre os caras mais

sexys, por causa da minha pele, as pessoas acham bonito o tom acobreado bem claro, o cabelo negro e os olhos pequenos, como se estivessem sempre cerrados de sono.

A outra parcela de seguidores, se deve a Christina. Ela deu um "BOOM" na nossa carreira depois que fez aquela loucura no Bercy Paris. As pessoas vivem criando perfis com o nosso nome "Koll&Chris". Tem vezes que eu recebo inúmeras mensagens no meu WhatsApp quando descobrem o meu número.

Jantamos, ficamos rindo e conversando, finalmente eu estava me sentindo tranquilo. É tão bom deixar as coisas para trás, mesmo que elas teimem em ficar. Ela enche minha taça mais uma vez enquanto encaramos a lua cheia, sentados na cadeira de praia na sua varanda.

— Então, vai me contar porque passou mal hoje mais cedo? — Fico em silêncio. — Tem a ver com a sua esposa, que dorme como a bela adormecida?

— Se ela fosse a bela adormecida, seria mais fácil. Eu daria um beijo e ela acordaria!

— Talvez você não seja o príncipe dela! — Sorrimos juntos. — Você desistiu dela?

— Não, eu nunca vou desistir, mas minha fé não parece suficiente para lidar com isso!

— Até onde você me disse, parece que foi um acidente sério — ela diz, séria.

— Foi, terrível! Eu ainda sinto dores no corpo. — Me inclino, colocando os braços sobre os joelhos com as mãos unidas. — Foi um milagre a Mel ter nascido e eu ficado bem. Nem sei se posso fazer mais pedidos para Deus.

— Pode sim! — Olho para ela. — Deus ouve todos os pedidos que são feitos com o coração. O problema não é Deus, o problema é você, que está se sentindo culpado e acha que não merece outra chance de ser feliz.

Silêncio.

— Você está perdido entre o que foi e o que pode ser! Tem que escolher e despertar.

— E se eu escolher o novo? — Olho para ela, pensando na hipótese de iniciar uma nova vida — O que acontece?

— Você vai ter que deixar todo o seu passado no lugar dele e criar um

novo presente, onde você se tornará alguém diferente. — Franzo as sobancelhas. — Você sabe o que está acontecendo, Koll?

— Eu estou bêbado!

— Você está parado no meio do caminho, as pessoas estão sofrendo, porque você não escolhe se vai voltar a ser quem era, ou se vai trilhar um novo caminho. Estão todos esperando você!

— Você está brilhando igual a lua! — Fico aturdido, nunca fiquei bêbado nem com vodca. — Eu ainda estou processando o que aconteceu.

— Koll? — ela chama minha atenção.

— Desculpa, é que eu nunca falei daquela noite com ninguém, mas você tem razão, eu estou no meio do caminho.

— Por que você não me conta como aconteceu? Vai fazer bem a você.

— Não quero ficar revivendo! — Me levanto e ela vem atrás.

— Koll, por favor, me conta. Eu quero te ajudar a seguir em frente! — Segura meus dois braços evitando que eu saia. — Você precisa se lembrar do que aconteceu. Está bloqueando a lembrança porque está com medo. É uma tentativa do seu cérebro de lidar com o que aconteceu, sem que você sinta a real dor que está sentindo, mas você não pode ficar para sempre nesse estado de inércia, fingindo que está dando o seu melhor, porque você não está!

Silêncio.

— Encare esse monstro da sua mente e volte a viver! — Ela me solta. — Encare os fatos e os veja como realmente são. Não fuja para dentro do armário como uma criança medrosa que vê pela fresta meias-verdades.

— Ivy, eu estou muito chapado. Seus cabelos estão iluminando como fogo. E você está linda! Eu posso estar fugindo por mais um dia, mas é porque eu prefiro ter a imagem de você como um anjo na minha mente, pelo menos, por hoje. — Fico vidrado na energia que ela emana.

Ela me encara, então eu continuo:

— Eu quero esquecer o que aconteceu para sempre. Como se nunca tivesse acontecido. Quero me apaixonar de novo, me sentir novo! Sabe... apenas tudo novo!

— Se você pudesse mudar o que aconteceu, mudaria? — Me afasta, antes que eu faça uma investida. Fecho os olhos e posso sentir o perfume de Christina, como se estivesse ao meu lado. Posso sentir suas mãos nas minhas, sua voz dizendo que me ama e pedindo para ficar com ela!

— Mudaria, porque eu vou amar a Christina para sempre! Mas talvez o meu amor não seja suficiente para trazer ela de volta. — Vou em direção à porta dupla. — Todos os dias, eu oro, rezo, imploro para que tudo tenha sido só um pesadelo, mas eu ainda acordo sem ela ao meu lado! Não quero viver outra

vida que não seja com ela.

— Se você a quer de volta, deve enfrentar seus medos!

— Pare com isso! — Me volto e grito com ela. — Eu vim aqui porque me sinto vivo quando estou ao seu lado! Quando não estou com você, é como se eu fosse um fantasma sem vida, mas eu não sei o que sinto por você.

Silêncio.

— Compaixão! — Coloco as mãos na cintura. — Você se sente grato, porque eu estou me esforçando para te trazer de volta a vida. — Ela estaca na minha frente e ergue o meu queixo, me forçando a tirar os olhos do chão e a fitá-la com seu lindo vestido branco. — Você é lindo, e sempre será amado por onde quer que vá. E não há motivos para se sentir culpado ou para ter medo!

— Foi um acidente de carro! — murmuro.

— Eu imaginei que fosse. A não ser que você tenha jogado ela da varanda... — Dou uma risada. — Seu irmão me disse que você é apaixonado por paraquedismo. Eu sempre quis saltar. Que tal, você me ajuda a superar o meu medo de pular de cinco mil pés, e eu te ajudo a superar o seu fantasma.

— Se você está querendo voltar ao parque de diversão amanhã e me colocar no carrinho de bate-bate, pode desistir! Não tenho estômago para isso.

— Que pena, era o que eu realmente pretendia! — Ela espera uma resposta. — Por favor, tem que ser amanhã!

— Tá legal! Eu vou ligar para alguns contados e entramos no primeiro helicóptero logo cedo! — Ela pula em cima de mim e me abraça.

— Ainda não é hora de desistir, Koll Gardner! — sussurra no meu ouvido.

E por algum motivo, eu acho que nem ela e nem ninguém está falando das mesmas coisas que eu. Eu preciso sair desse universo paralelo, porque aqui eu sou apenas metade feliz! Se é que tem como ser metade.

[7]

PARTE 17 — O ÚLTIMO GIRO [PASSADO]

"O amor não conhece sua própria intensidade até a hora da separação." — Khalil Gibran

8 MESES.

A vista começou a ser preenchida pela paisagem do paraíso. Flores de cores calorosas compunham os mais belos jardins do Solo Sagrado de Guarapiranga em São Paulo. O sol, gentil, ainda se escondia por trás das árvores trazendo uma manhã de temperatura amena.

— Que lugar maravilhoso, como você o encontrou? — pergunta Christina enquanto eu estaciono o carro. — Preciso pintá-lo. Nunca vi nada igual. É como estar...

— No paraíso? — completo. — O local pertence à igreja Messiânica. Ela foi fundada no Japão em 1935 por Mokiti Okada, ou, Meishu-Sama (Senhor da Luz), como chamam os messiânicos.

Saio do carro, dou a volta e abro a porta, a ajudando a sair. O vento sacode o cabelo castanho claro com luzes nas pontas. Dou um beijo naquela boca linda, pego minha câmera e mochila enquanto continuo a contar sobre a história do local:

— O objetivo principal da Igreja Messiânica é a construção do Paraíso Terrestre. — Começamos a caminhar.

— Não sei, se irão fazer do mundo um paraíso, mas pelo menos aqui conseguiram! — Laço sua cintura para caminharmos juntos.

— Eles têm outros cinco Solos Sagrados: em Saraburi na Tailândia, Cacuaco na África, Hakone, Atami e Kyoto no Japão — Christina fica encantada com a flora e com os caminhos ladeados de arbustos. — Meishu-Sama ensina que um dos caminhos da salvação da humanidade é o Belo, representado como a arte, pois a missão da arte é enobrecer os sentimentos do homem e enriquecer a sua vida, proporcionando-lhe alegria e sentido.

— Por isso é tudo tão lindo! — O vento sacode o seu vestido rosa com estampa florida, que cobre até os joelhos — Amor, onde você arruma tempo para ficar estudando essas culturas?

— Na maioria das vezes, quando você está dormindo e babando. — Ela me empurra.

— Eu não babo!

— Baba e ronca! — zombo e ela fica de boca aberta com o meu comentário. — Brincadeira, você não ronca! Amor, senta ali, vou tirar uma foto sua!

— Eu achei que eu ia ter direito a um Book! — Ela senta-se perto de um misto de flores de cor rosa e azul.

— Outro book, amor? Já fizemos uns dez! — Chris ajeita o bolero preto e sorri, o flash dispara uma, duas, três... e ela continua mudando de pose.

— É, mas nenhum deles foi aqui! Tem muitos parques aqui em São Paulo. Essa é a parte boa.

— As pessoas são a parte boa! — Penduro a câmera de lado e continuamos a nossa jornada seguindo até o Jardim da Paz.

— Você é a coisa mais adorável do mundo, sabia? — Ela joga os braços no meu pescoço. — Eu não vejo a hora de poder te dar um abraço completo... e deitar de bruços também!

— Vira! — Ela me dá às costas e eu a abraço por trás enquanto caminhamos. — Pronto, agora estamos coladinhos! — Sussurro na sua orelha enquanto vamos em direção a um corredor de espelhos d'água. É como se o arquiteto tivesse se inspirado em Moisés abrindo o mar.

— Ele é um excelente paisagista — comenta Christina. — Amor?

— O quê? — Dou uma mordidinha no lóbulo da sua orelha.

— Eu estou excitada! — Solto uma risadinha, olho para os lados vendo-a se afastar e encostar no muro.

— Amor, aqui é um lugar sagrado! — comento com o olhar malicioso. Espalmo as mãos na parede, deixando Christina no centro delas. — Amor, eu até tentaria algo inusitado, mas com essa barriga, você só ganha uns beijos bem picantes. Acho que nem chupar seus seios vai rolar, vai que sai leite!

Ela dá uma gargalhada.

— Se tivesse que sair, já teria saído hoje mais cedo na nossa cama! — Ela me provoca e me puxa para um beijo que se espalha em chupões pelo seu pescoço. — Eu quero você todos os minutos! O que é isso?

— Hormônios! E eu amo eles! — Continuo beijando seu pescoço, descendo para o seu colo.

— Você não sente mais atração por mim porque eu estou gorda como uma melancia?

— Eu sou louco por você! Sua maluca cheia de tesão! — Paro de beijá-la e a puxo pela mão, a levando por entre as árvores de campo até chegar ao lago.

— O que você está fazendo? — Retiro a toalha de piquenique e

estendo no gramado. — Vamos tomar café agora?

— Vem cá! — Ela senta do meu lado e eu volto a beijá-la empurrando-a na direção do chão, onde a deito enquanto namoramos sob o céu azul das sete horas da manhã.

— Não é pecado fazer isso aqui? — sussurra.

— Parece errado — comento acariciando sua barriga. — Mas aqui não é o “Paraíso”? O paraíso, até onde eu saiba, é feito de amor, e mais amor do que isso é impossível!

— Meu coração está palpitando! — Distribuo beijos por sua face, arrastando meus lábios por sua pele alva até que encontrem sua boca macia. — Como você consegue sentir tesão comigo assim?

— Porque eu amo você de verdade! E isso inclui quando você está descabelada, gripada, sem maquiagem, suja de tinta, com máscara facial verde e principalmente quando você está com vinte quilos a mais por estar carregando a minha filha! — Acaricio entre suas pernas e ela solta um suspiro. — Se você não acredita em mim, acredite no meu pênis duro!

— Você é o idiota mais romântico do mundo! — Olho para os lados para ver se não vinha ninguém. Não sei se Deus vai me dar uma advertência por isso, mas a polícia com certeza.

— Amor, você está um show grávida! Assim que a Mel nascer, vamos fazer outro filho.

— Não brinca! — ela me diz entre os beijos. — Amor, eu estava brincando, não vamos fazer isso aqui!

— Eu não pensei nisso sua depravada! — Ela cerra os olhos desacreditada. — Mesmo porque, você sabe que não tem coragem.

— Não mesmo! — Trocamos sorrisos.

Volto a acariciar sua barriga, enquanto namoramos.

Ficamos encarando o céu, vendo as nuvens formarem desenhos, dizem que, se você pode enxergar no céu os seus sonhos, pode realizá-los. Basta imaginar uma forma e dar vida a ela. Cristina brinca com a corrente de Santa Rita caída sobre a justa camiseta cinza.

— Eu achava que o santo das causas impossíveis era Santo Expedito — comenta Chris.

— Ele é o santo das causas urgentes — respondo e ela passa a mão no meu rosto arrumando a franja do meu cabelo. — Vamos?

— Para onde? — Me levanto, ofereço a mão ajudando-a a se erguer.

— Para o templo! — Voltamos a caminhar até chegar à enorme construção composta por colunas e um anel sobre elas, o qual as une.

— O anel significa união! — explico. — A torre de setenta e um metros de altura no centro, simboliza a união do céu e da terra, ou com aquilo, que para você representa Deus. Está vendo o sol?

— Maravilhoso, a simetria na qual foi construída a torre, faz parecer que o sol está no topo dela! — Continuamos subindo até chegar ao centro do templo. — Qualquer um pode vir aqui?

— O Solo Sagrado é uma instituição privada que pertence a Igreja Messiânica, mas é aberto para todos que queiram vir aqui meditar e se conectar com o divino, independentemente de sua crença. — Chegamos ao centro do templo. — Eles chamam aqui de Nave. Legal, não é?

— Você sabe que a palavra Nave não é destinada apenas a alienígenas, não é? — Ela caminha admirando os detalhes trazidos pela cultura japonesa enquanto desenha em um bloquinho de papel.

— Eu sei, o significado da palavra é amplo, mas eu gosto de deixar minha imaginação ir longe!

— O que eles estão fazendo? — Observa dois rapazes.

— Guarda o bloco, amor. — Ela me faz virar de costas para colocá-lo na minha mochila. — Se chama Johrei, que em japonês, significa “Purificação do Espírito”. É um ritual de purificação através das palmas das mãos adotado pela Igreja Messiânica.

— Igual ao Reiki? — Retiro os óculos e entrego para que ela guarde também.

— Sim e não! REI significa “Divino” e KI “Energia Vital”. Reiki é uma prática espiritual, que não está ligada a religião. E o ministrador não precisa estar presente. A energia pode ser direcionada para alguém presente ou não. Para uma pessoa ou para o planeta! Depende da intenção, mas, no geral, o Reiki é conhecido por cura através do toque.

Mostro para ela os dois rapazes ao longe e completo:

— O Johrei nunca toca!

— E o passe? — Está ficando difícil a pergunta.

— O passe tem conexão religiosa com o espiritismo e também com outras religiões. O passe é cura através do magnetismo, ele tem a intenção de te ajustar para frequência certa: do amor, da luz e cura.

— Como se eu fosse um rádio fora de sintonia?

— É uma boa analogia. — Vislumbramos o jardim arco-íris enquanto eu continuo.

— Eu não sei porque algumas pessoas têm medo disso! — comenta ela e eu dou um sorriso.

— Muitas vezes vamos a igreja católica, ou até mesmo a evangélica, e pedimos para o representante ali presente para que nos abençoe. Qual é a diferença disso para um pastor que toca na sua cabeça e ora?

— Amor, você sabe aplicar o Johrei?

— Não! — Encosto na sua barriga. — Sei aplicar intuição!

Emano todo amor e luz que tem no meu coração para que proteja sempre Christina e o meu bebê. A minha intuição diz, que todo o bem que você deseja para alguém com verdade, é a forma de benção mais poderosa que há.

Passamos o dia todo fora de casa porque Christina disse que estava entediada de ficar no apartamento. Além do piquenique nos Campos Messiânicos, o almoço ao lado do Jardim da Felicidade, batata frita no McDonald's e a sorveteria na volta para casa, ela ainda me fez dar uma última parada no Morumbi Shopping para comprar chocolate.

— Koll, achei! — Ela vem em minha direção trazendo uma barra de chocolate mista enquanto eu me permito ficar perdido em outro corredor, enchendo o cesto com marshmallows, balas de goma e meu precioso alcaçuz. — Vamos embora, eu estou cansada!

— Agora você espera! — Ofereço um doce para ela.

— Eu não quero. — Ela se pendura no meu ombro enquanto eu como um dos palitos de alcaçuz. — Acho que você deve pagar primeiro antes de comer.

— O que você acha do alcaçuz com açúcar? — pergunto e, mesmo sem resposta, coloco no cesto.

— Que você vai acabar adquirindo uma diabetes. Vamos embora! Minhas pernas estão doendo. Estou com sono. — Ela faz aquela carinha pirracenta. — Eu estou grávida!

— Ah, chantagista! — Começo a caminhar em direção ao caixa. — Só para constar, são cinco horas da tarde, ficamos fora o dia todo porque você quis! — Sorrio para a mocinha que me olha como se estivesse vendo um... famoso!

— Você é o KG? — As mãos trêmulas passam com dificuldade o doce pelo leitor de código de barra. — E você é a Christina?

— Boa noite, somos sim! Como vai? — Ela deixa a caixa de leite condensado cair na plataforma metálica.

— Meu nome é Fernanda. Eu sigo vocês dois no Instagram. — A

Chris dá um oi tímido. — Desde o dia em que eu vi vocês juntos pelo YouTube, no Bercy Paris, eu acompanho a carreira de vocês. Principalmente a sua KG, eu fiquei tipo “Oh, meu Deus” quando você abriu a KGG aqui! Desculpa, eu estou tremendo!

— Tudo bem, relaxa! — Seguro sua mão entre as minhas para acalmá-la, mas acabo tendo medo que ela desmaie. Aqui no Brasil, o reconhecimento nas ruas é um pouco menor, já que eu cheguei para ficar tem pouco tempo, mas minha carreira nos Estados Unidos atingiu um nível que comprar bala na esquina ficou difícil. — Não, não chora, por favor!

— Desculpa! — Ela derrama lágrimas. — Por favor, autografem na minha blusa?

— Oh, sim? — Olho para Christina.

— Claro! — Quando a Chris diz isso, a mocinha sai correndo dizendo para nós esperarmos, volta rápido e aos tropeços, trazendo uma blusa com uma imagem minha e da Christina se beijando no Bercy com os dizeres “*Mais Amor, Bercy Paris*” — Ah, meu Deus, que fofo! Sorte a sua ter uma blusa dessa aqui.

— Ah, mais ou menos, eu acabei de comprar. Estão vendendo do outro lado! — Pego a caneta e autografo. Acho que o maior feito da minha vida foi beijar Christina nesse palco, aliás, o da vida dela. Passo a caneta para Christina, que deixa sua assinatura também.

— Meu anjo, tem como você... — Ela me interrompe.

— Claro! Sim, senhor, nem precisa dizer! — Ela começa a passar os objetos. — Você, grávida, e eu te fazendo ficar em pé! A propósito, parabéns. Vocês nasceram um para o outro!

Saímos do local em silêncio e, quando entramos no carro, caímos na risada. Eu não me considero uma pessoa diferente, sou tão normal quanto o seu vizinho, embora a mídia diga o contrário. Eu gosto do carinho das pessoas!

Saio do estacionamento e entro na Avenida dr. Chucrí Zaidan. Uma chuva bem fininha cai, formando um crepúsculo perfeito para se entregar ao conforto do sofá e ver TV até cair no sono.

— Anda logo, amor, eu quero chegar em casa! — ela me apressa. Não gosto que ninguém me apresse quando estou dirigindo, ou que me deem sustos! Enfim, o único momento em que eu não brinco é quando estou dirigindo.

— Não me apressa, tem uma placa ali me dizendo qual velocidade devo seguir! — Olho em sua direção e percebo que não colocamos o cinto. — Coloca o cinto, amor.

— Já estamos chegando, não devem faltar nem dez minutos. Ele me incomoda, Koll!

— Coloca o cinto! — Faço a volta e entro na Av. Morumbi. — É por

isso que eu tirei carteira e você não! Não basta saber dirigir, tem que seguir as regras.

— Você está sem cinto! — ela diz, mas, mesmo a contragosto, coloca, sentindo o incômodo da faixa. — Agora você segue as regras! — murmura a última frase e eu sorrio.

— Eu esqueci, assim que eu parar no primeiro sinal, eu coloco. — O carro entra na ponte. — Só tem duas regras que eu sigo nessa vida, uma é colocar o cinto, a outra é não beber no volante!

Dirijo com uma mão e, com a outra, seguro a sua, trazendo-a para um beijo. Lanço o olhar em sua direção, mas rapidamente mudo o foco ao ouvir o som estridente. Foi o um segundo mais longo e impotente que eu tive na minha vida.

As quatro cornetas cromadas continuavam gritando enquanto eu via o caminhão passar ao meu lado tentando desacelerar.

Eu vou morrer!

São cerca de 14 toneladas tentando desacelerar sobre uma pista molhada. Escuto o grito de Christina que se mistura com as trombetas, enquanto vejo em câmera lenta o caminhão tombar para o lado e vir em nossa direção.

Por impulso, tento desviar a direção, fazendo um giro de 180 graus. Ouço o som dos pneus cantando no asfalto, logo em seguida o estrondo do carro batendo na mureta e capotando para fora da ponte.

Como um chicote indo e voltando, bato a cabeça no teto do carro e em seguida no volante. Não vejo mais nada. O abrupto choque da pancada me apaga, como se o último capítulo da minha vida simplesmente fosse uma página negra. [\[8\]](#)

PARTE 18 — CAINDO DO CÉU [PRESENTE]

*“Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim!” — O Rappa —
Anjos.*

O helicóptero começa a subir e o frio a aumentar. Ivy entrelaça meu braço no seu para se esquentar. Trocamos um sorriso e ela encosta a cabeça no meu ombro. A última vez que fiz isso, foi há quatro anos, com Christina ao meu lado. Ela estava morrendo de medo, e, por mais que disse o contrário, confiava em mim o tempo todo. Ela sempre foi uma bipolar, dizendo não, quando era evidente que gritava sim para mim e para o mundo.

Acho que a maioria das pessoas faz isso. Não sei o motivo, acho que tem a ver com o fato de que passamos muito tempo tentando impressionar os outros e esquecemos de impressionar a pessoa mais importante de nossas vidas, nós mesmos!

Deveríamos dizer mais vezes, sim, para nós!

O perfume de sabonete preenche agradavelmente o ambiente. A mão de Evelyn esfrega o meu peito, me afagando com seu carinho e afeto.

— A última vez que fiz isso estava com a Chris — comento.

— Como se sente?

— Com muito frio, como se estivesse morrendo de hipotermia. — Ela me abraça. — Eu preciso preparar você para saltar comigo.

— Koll — ela chama minha atenção, antes que eu comece a nos preparar. — Eu não tenho medo de altura e não preciso de você para saltar.

— Então, por que me fez levantar às seis horas da manhã? — Bufando vendo as nuvens de vapor se formarem. — Com todo o respeito, eu sei que você é psicóloga, mas as suas atividades ao meu lado têm sido duvidosas.

Ela solta uma risada.

— Por que propositalmente eu te vigiei e esperei você entrar no elevador para nos conhecermos? — A encaro. — Ou por que eu usei o clássico clichê masculino: bater à sua porta e pedir açúcar sendo que o meu pote estava cheio?

— Eu ia falar sobre a noite que fizemos sexo, mas tudo bem! — Trocamos uma risada.

— Isso também! — Ela entrelaça sua mão na minha. — Meu objetivo

era usar qualquer gancho que te trouxesse de volta para a vida, e energia sexual, no primeiro momento, funcionou.

— Eu agradeço, funcionou bem! — uso de sarcasmo.

— Eu te pedi para vir comigo aqui, porque anos atrás você fez Christina se libertar de seus medos saltando de paraquedas. E, dessa vez, é você quem está com medo! — O helicóptero continua subindo.

— Eu estou ótimo!

— Certo! Então me conta o que aconteceu no carro! Eu preciso que você se lembre. — Me levanto, me segurando nas barras de ferro.

— Mas que inferno! — grito, e ela também se levanta.

— Você não se lembra do que realmente aconteceu, não é? Está bloqueando. Você tem que lembrar.

— Koll, é a sua vez! — diz Michelangelo, o ruivo que libera meu salto. Desvio meu olhar. Vou em direção à porta, onde encaro o sol brilhante.

— Tudo que você tem que fazer é se lembrar! — Ivy grita, forçando a imagem do acidente a vir em minha mente. Eu não quero me lembrar, eu estou com medo!

— Foi um acidente de carro, que colocou a mulher da minha vida na cama... — Me lembro do caminhão vindo em minha direção. — Não tem o que lembrar. A não ser o fato do quanto eu a amava, o quanto me sinto culpado por não poder trocar com ela.

— Tem certeza? — Fico pensativo. Do que essa mulher está falando?

— De que eu a amava? — Escuto o som da hélice batendo, se misturando ao som do meu carro capotando. — Não importa o que aconteça, com quem eu esteja, ou se a vida escapa pelos meus pulmões, eu vou amá-la para sempre! Eu vou continuar vivendo a minha vida, porque ela continua até depois da morte, porque eu tenho uma filha que me faz acreditar que sonhar é possível até depois do fim. Porque ela é a minha luz!

— Koll, pelo amor de Deus, volte a viver! — ela grita do outro lado.

— Eu estou vivo! — Entro em desespero. — Por que todo mundo me diz isso?

— Porque você ainda não deu um salto de fé! — ela diz e eu encaro a esfera azul pálida. — Volte a viver, agora!

Respiro forte. Eu estou tentando voltar a viver. Eu só quero que esse pesadelo passe, eu não aguento mais lutar com essa dor!

Mas parece que enfrentar esse medo é a única solução. A Chris superou sua fobia social, seu medo de altura e desconfiança, para fazer aquele salto comigo. Talvez Ivy tenha razão, eu preciso deixar esse medo de lado e dar um salto de fé! E acreditar que tudo dará certo.

Mergulho no espaço vazio, sentindo o vento cortante congelar meu espírito. O sol, de cor laranja, brilha ao meu lado, me fazendo companhia. Nesse momento, eu sou apenas um pingo azul no universo.

“*Coloca o cinto, Christina*”— a lembrança invade minha mente, e eu vejo Christina puxando o cinto. — “*Eu esqueci, assim que eu parar no primeiro sinal, eu coloco.*”

Minha cabeça começa a doer e eu fico tonto. Puxo a corda do paraquedas e ela não funciona. Um, dois, três! Puxo novamente e nada. Tento o extra e ele também não funciona. Merda!

Olho para cima e vejo o paraquedas de Evellyn se abrir como asas de anjo.

Tento relaxar, revejo todos os momentos felizes que eu vivi. Eu não quero morrer, ainda mais vivendo uma das coisas que eu mais amo. Talvez eu sobreviva! Eu já li sobre um britânico que teve falha no paraquedas e sobreviveu a 120 metros de queda livre. Vai que eu sou um desses casos raros. Tudo é possível!

Mas que merda!

Deus, eu não posso morrer, eu tenho uma família e eu preciso voltar para ela! Fecho os olhos e respiro fundo! Tudo vai ficar bem! Tudo vai ficar bem! Continuo repetindo mentalmente a frase na minha mente, como um mantra.

Sinto um choque por todo o meu corpo, uma sensação de afogamento me arremete pelos segundos que se seguem. Eu sinto uma mão me puxando.

“*Koll, vai ficar tudo bem!*” — Escuto a voz de Christina. — “*Fica comigo!*”

Novamente, a imagem do carro batendo vem a minha mente, eu me lembro do veículo saindo da ponte. A diferença é que agora eu tenho outra visão, nela eu vejo o meu sangue pintado no vidro rachado da janela do meu carro enquanto lentamente eu morro.

“*Volte a viver!*” — Vejo o rosto de Ivy saindo do helicóptero enquanto sua voz não obedece ao tempo da imagem. É como ver um filme com o áudio adiantado. — “*Não é sua hora, rapaz!*”

Os paramédicos me retiram com cuidado do veículo e me colocam em uma maca para voar para o melhor hospital de São Paulo que, para minha sorte, estava há dois minutos ou menos de onde eu estava.

“*Chris, salva a Chris e a Mel!*” — É o que meu subconsciente grita, mas ninguém pode me ouvir. Aquela estranha sensação de poder me ver como se estivesse em um pesadelo, é a coisa mais aterrorizante que já senti.

Eu não poderia me lembrar disso. Aliás, a única coisa que eu me

lembro é de sofrer, sofrer e sofrer sem parar por todos esses meses. De chorar no chão do banheiro enquanto minha filha grita desesperada pelo colo da mãe, de ter que passar por cima do luto para cuidar dela.

Fecho os olhos, morrendo de medo de abri-los. Eu nunca estive tão desesperado em toda a minha vida. Desesperado pelas duas garotas que eu amo, desesperado pelo medo da morte!

Mas eu não posso continuar de olhos fechados. Eu preciso ficar vivo! Olhando agora, eu vejo que eu não tive culpa. Eu não estava bêbado, distraído ou com sono. O caminhão tombou na minha frente e eu perdi o controle. Não importa o que eu fizesse naquela pista, não se pode lutar contra a aceleração da física. Não posso mudar o passado, mas posso mudar tudo que vem depois dele.

Abro os olhos bem devagar. Não vejo portas, paredes ou janelas. Tudo que vejo é uma luz branca! Como se eu estivesse no céu divino.

PARTE 19 — O MILAGRE [AGORA]

“Vamos voltar ao começo!” — Coldplay — The Scientist.

Koll abre os olhos devagar, a luz do ambiente o cega pelos primeiros segundos, lhe tirando da escuridão na qual se encontrava. Os olhos giram como se estivessem saindo de órbita, mas, no fim, as pupilas se acostumaram com a claridade.

Sem entender o que estava acontecendo, varre o ambiente com o olhar, para enfim encontrar o irmão, que dorme segurando sua mão, com a cabeça apoiada no seu colchão. Gardner começa a engasgar com o tubo de oxigênio em sua traqueia, o que causa agitação do seu corpo, que tenta expulsar o invasor.

— Ah, meu Deus! — diz Gad que, ainda em choque, se levanta e sai correndo do quarto, voltando acompanhado por uma neurocirurgiã ruiva de cabelos cacheados.

Dra. Helberg retira o tubo de respiração de sua garganta, ao que ele engasga um pouco. Ainda sem entender nada, Koll tenta dizer alguma coisa, mas as palavras fogem de sua mente. O irmão pula em cima dele e o abraça chorando como nunca antes tinha feito.

— Che cosa è successo a me? — pergunta Koll em italiano “O que aconteceu comigo?”. A médica olha para ele sem entender uma palavra.

— Hai avuto un incidente. (Você sofreu um acidente) — responde o irmão.

— Il paracadute non si è aperto. E 'un miracolo che sono qui. Ma ho creduto che fosse possibile (O paraquedas não abriu. É um milagre eu estar aqui, mas eu acreditei que era possível). — O irmão leva as mãos para a face, admirado com a resposta do outro.

— Sicuramente è un miracolo (Com certeza é um milagre) — diz Gad, e antes que continue, Koll se volta para a ruiva.

— Evellyn, buono siamo qui! — A moça, embora desconcertada, tenta não deixar transparecer.

— Ele disse: Evellyn, que bom que você está aqui! — traduz Gy.

— Meu nome é Linda Helberg. — Ela se aproxima verificando seus sinais. — Eu sou a neurocirurgiã que salvou a sua vida!

Comenta com um sorriso.

— Non capisco! (Eu não entendo) — responde Koll, certo de que ela é Evelly, com quem passou os últimos dias.

— Koll, você se lembra como fala português? — pergunta Gy.

Koll estava certo de que estava falando a língua em questão. Tenta colocar para fora as palavras, mas sua mente está desorientada.

— Não precisa ficar nervoso, aos poucos, sua memória irá se organizar! Você já está falando, é um ótimo sinal — responde dra. Helberg. — Você lembra quem é ele?

A partir desse momento, passam a falar apenas em inglês.

— Meu irmão! — Koll se esforça para tentar falar português, mas não se lembra de uma palavra, embora estivesse entendendo. — Merda! Eu te entendo, mas não consigo te responder.

— Pode ficar tranquilo, senhor Gardner! É completamente normal. Você ficou um longo tempo em coma. O fato de você me entender significa que logo suas habilidades voltarão.

— Você é a Evellyn. Eu passei as últimas semanas com você. Nos conhecemos no elevador. Você é a vizinha da porta da frente. Tem dois filhos! — Cada afirmação era seguida por uma pausa, esperando por uma resposta. — Gy?

Muito sério, Gad pega a mão do irmão mais velho e se encosta na cama.

— Você sofreu um acidente de carro, ficou um longo tempo em coma, 24 semanas para ser exato, agora é oficial, esse é o seu número da sorte! — Koll o interrompe.

— Eu já entendi, vocês dois estão fazendo uma pegadinha! Muito engraçado. Agora tragam a minha filha. Eu quero ver a Mel! — Tenta se

convencer de que é uma loucura. — Gy! Por favor. Eu não posso perder mais ninguém! Eu fui o primeiro a pegá-la no colo! A coloquei para dormir. Eu... eu... fui... eu lembro...

Começa a chorar desesperado. Se os últimos meses foram mesmo criação de sua mente, o que é real? Nesse momento, começa a considerar que algumas de suas lembranças dos últimos meses não pareciam fazer sentido, já que muitas eram distorcidas.

— Gad, pelo amor de Deus! O que aconteceu? — O irmão nada diz, apenas se levanta e dá curtos passos, se afastando. — Eu não posso perder mais ninguém, eu prefiro a morte! Ah, meu Deus, eu devo estar morto!

Gad estava tão catatônico em tê-lo de volta após seis meses e com o desespero de Koll, que não consegue dizer nenhuma palavra. Apenas se afasta e sai do quarto.

— Calma, senhor Gardner! — Dra. Linda, que passou os últimos meses de sua vida se dedicando a trazê-lo de qualquer forma a vida, o abraça.

O cérebro ou o plano espiritual tem uma forma muito especial de trabalhar conosco. Talvez Evellyn fosse uma parte de Koll: a parte que é cheia de fé e positividade.

Ou uma representação de sua mente, que capturou inconscientemente aquilo que a médica simboliza: alguém que lhe traz uma sensação de bem-estar, tira suas dores e tenta lhe trazer de volta à vida.

Ou, talvez, Evellyn fosse alguém mais especial, se você acredita em sobrenatural.

Não importa quem Evellyn realmente é. O que importa é que ela se esforçou para trazê-lo de volta a vida, junto com a memória de todos que Koll ama.

Com a vista embaçada de tanto chorar, Koll olha para a porta e tem a visão que realmente o faz questionar de que lado do mundo ele está.

Com as bochechas vermelhas de emoção, assim como o seu vestido, Christina para na entrada do quarto e quase cai para trás. Ela leva a mão trêmula à boca e, com o coração batendo descompassado após tanto esperar, corre para os braços do seu grande amor, que a recebe com um abraço e um beijo apaixonado.

— Você está viva? — Afaga o seu cabelo. — Ou eu que estou morto?

— Estamos vivos, amor! — Christina distribui beijos em toda sua face. — Como eu senti saudade!

— Eu não posso viver em um mundo onde você não exista — diz Koll, com as mãos percorrendo toda a cintura de Chris. Precisava tocar para ter certeza de que é real.

Sua visão é redirecionada novamente para a porta, onde atravessa Jordan Watson com a mão em volta da cintura de Ashley, que carrega um lindo bebê de enormes olhos verdes. A senhora Beckham se aproxima e ele abre os braços recebendo a sua pequena *"Sweetheart"*.

— Koll, eu quero te apresentar a sua filha — diz Christina. — Melissa Gardner.

Nesse momento, Koll respira aliviado, pois tem certeza de que o pesadelo chegou ao fim. Mal podendo acreditar que essa é a primeira vez que está pegando sua menina após sonhar tanto com isso.

Beija Mel, que o encara curiosamente depois de tantos meses assistindo-o sem vida naquela cama de hospital. A menininha fica tocando no seu rosto, enquanto Koll agradece a Deus por ter recebido uma nova chance de ser feliz!

Olha para Christina admirado, pois ela conseguiu ser mais forte do que imaginava. Ele podia imaginar como foi cuidar da Mel sem sua presença.

Durante o longo sofrimento criado na mente de Koll, que o fez desejar por tantas vezes trocar de lugar com Christina, parecia inacreditável que ele realmente estivesse em seu lugar.

Existem várias formas de amar, mas muitas vezes, apenas na perda é que descobrimos o tamanho desse sentimento. Há vezes em que dói tanto que você sente que seria capaz de doar sua vida para salvar aqueles que você ama.

A morte não é o fim! Mas devemos dizer àqueles que amamos, em vida, como eles são importantes. Em relação ao sofrimento, a dor faz parte de ser humano. Não precisamos fugir dela — embora seja assustador —, quando aceitamos que tudo passa, coisas inacreditáveis acontecem.

Basta dar um salto de fé!

PARTE 20 — PARA SEMPRE VOCÊ [AGORA]

“Me deixar te abraçar, e te apresentar pro meu mundo, e te apresentar pro melhor lado da vida que você nunca viu.” — Let Me Hold You — Bow Wow.

Christina para na porta da sala com o jarro de rosas amarelas e fica vendo Koll dançar, sensualizando ao som de "Shorty Like Mine" de Bow Wow. Ele realmente parece um rapper fazendo seu próprio show em frente a TV.

Ela se escora no batente da porta, só para observá-lo se movimentando. Após seis meses com ele entrevado na cama, sem dar sinal de que um dia voltaria, essa visão realmente era um absoluto milagre.

“Senti falta dessa bunda” — pensa Christina, o vendo requebrar atijando seus desejos, imaginando aquelas duas covinhas no cóccix, escondidas pela regata branca.

Quando Gardner acordou, a médica realmente ficou admirada — ele parecia um caso perdido —, a única sequela foi a voz, que ficou com o tom mais rouco. Quem não o conhece, não percebe a diferença.

Com o tratamento, ele voltou a andar praticamente junto com sua filha, Melissa. O que deixou a pequena morrendo de amores pelo pai, que compartilhava a mesma dificuldade que ela, em dar os primeiros passos.

Embora fosse solicitado que ele ficasse de repouso, a primeira coisa que Koll fez, assim que recuperou a memória completamente, foi iniciar um projeto musical que retirou Sura do anonimato com as músicas que ele compôs.

“Ele acabou de sair de um coma, como conseguiu pensar nesse projeto?” — Todos se perguntavam, embora soubessem como Gardner é imperativo, mas a única resposta era:

“Não posso ser demitido pelo meu irmão” — Gy, que foi o primeiro a ouvi-lo contar a história vivenciada por sua mente. Gy ficou embasbacado, pois sempre dizia brincando no leito do irmão: “Não me obrigue a te demitir, acorde logo”. E quando achava que tinha algo errado, corria para trazer a dra. Helberg ao leito de Gardner.

Já Christina, quando ouviu Koll lhe contando a história, caiu na risada com a preocupação dele ao falar do flerte com Ivy. Depois de tanto esperar, o que importava era eles estarem vivos e juntos! E, por incrível que pareça, essa história apenas inspirou Christina a criar aquela que se tornou sua maior coleção

de arte, conhecida no mundo todo como "Insight", onde narra a compreensão da alma através de verdades ocultas.

Koll para de dançar ao perceber Christina escorada na porta com a face coberta de lágrimas. Ele abaixa o volume da música e vai até ela.

— Amor, por que você está chorando? — Se aproxima, retirando a jarra de flores das mãos de Christina, para logo em seguida secar suas lágrimas com as costas das mãos.

— Eu te amo tanto! — Ela abraça sua cintura, aliviada por poder estar de volta com o amor de sua vida. — Eu não sei o que faria sem você, sua alegria! Sem você, eu não existo e nada tem graça!

O CD do Bom Wow continua rolando, e na sequência toca "Let Me Hold You".

— Amor! — Ele puxa sua mão e senta-se no sofá para ficar da sua altura. — Quando eu fiquei em coma, fiquei preso em um pesadelo, onde eu é que vivia em um mundo sem você. Embora grato por ter sobrevivido, por ter a Mel como minha filha, e condições de viver minha vida, eu não conseguia ser o homem cheio de vida que eu sou quando estou ao seu lado.

Ele dá uma pausa e continua.

— Eu estou tão acostumado a doar uma parte minha para que as pessoas sorrissem e se divirtam, e, de repente, eu estava em um mundo onde eu era a pessoa que reclamava e chorava de tristeza procurando me agarrar em qualquer bote para, literalmente, salvar minha vida.

Koll solta o ar, definitivamente a pessoa que ele foi, dentro de sua mente, não representa o que ele realmente é.

— O que me fazia chorar do outro lado, era pensar que era você quem estava em coma. E eu ficava o tempo inteiro me culpando... — Chris o interrompe.

— Por que se culpando, amor? A última coisa que você fez antes do acidente foi colocar o cinto de segurança em mim. Por incrível que pareça, o que salvou a Mel e a mim, foi esse gesto.

— Quando eu estava do outro lado, eu não me lembrava dos detalhes do acidente. Estava tudo confuso. Primeiro veio a sensação de que você tinha me abonado. Depois uma sensação de luto, como se você tivesse morrido, por fim, a culpa, quando eu vi você em coma.

Silêncio.

— O que eu quero dizer é que eu dei graças a Deus quando acordei e vi que era eu quem estava em coma e não você. Naquele momento, todo o meu sofrimento terminou e eu pude voltar a ser eu mesmo!

— O meu sofrimento terminou quando eu vi você acordado! —

Christina diz e beija Koll, acariciando seus fortes braços. — Eu tenho que agradecer muito a minha mãe, sua família e aos Watsons, eles tornaram suportáveis os minutos sem você.

Koll começa a gargalhar com a lembrança que lhe vem em mente. Quando despertou, ele não entendeu muito bem porque a primeira coisa que viu foi Jordan e Ashley.

— Do que você está rindo?

— Da sua mãe! — Christina levanta a sobrancelha, indagando. — Uns cinco anos atrás, o sonho dela era casar você com o Jordan e, no final, ela acabou casando com ele!

Gargalhadas.

— Era o sonho dela! — diz Christina, enquanto Koll observa a vista do mar atrás dela. Pois é, quando você se salva dos braços da morte, pode fazer pedidos inegáveis. Um deles foi convencer Christina a morar próximo à praia.

— Agora que eu estou inteiro, e Melissa com dois anos, eu quero te fazer um pedido! — Christina se afasta, vendo Koll se levantar para em seguida se ajoelhar. — Quer casar comigo?

Pergunta, abrindo a caixinha vermelha que revela uma aliança de ouro. Christina arregala os olhos e fica sem fala.

— Esse é o momento que você diz “Sim, eu aceito” — ele murmura imitando uma voz feminina. — Meu joelho está doendo, amor!

— Sim, sim! — Ela sorri e se joga em cima de Koll, o beijando.

A brisa empurra a cortina da porta dupla, levando-os para o futuro, onde um casamento ao ar livre os aguarda. O evento, feito apenas para poucos convidados, recebeu todos os funcionários da KGG e as três famílias: Gardner, Watson e Beckham, além de amigos.

— Será que ela vai desistir? — pergunta Koll. — Eu acho que eu devo ir lá.

— Nunca se sabe quando alguém vai roubar sua noiva! — diz Jordan, curtindo com o desespero de Gardner.

— Não liga para ele, KG! — Débora chama sua atenção. — Volte para o seu lugar, Garoto Watson.

— Débora, e se ela desistir porque eu estou de bermuda e camisa? Ah, eu devia ter feito o casamento na igreja! — Ashley e Lisa Watson caminham de um lado para o outro conferindo a decoração de margaridas e tendas brancas que foi organizada no gramado em frente a enorme casa.

— KG, ela topou um casamento estilo luau — diz Gaby, que é madrinha de casamento e par de Débora. — Meu amigo, vocês já foram longe demais para ela desistir.

— Com certeza! Como diz a mãe dela, “ela te ama mesmo”, você a convenceu a fazer um casamento hippie — completa Jordan, no seu lugar como padrinho de Christina junto a Naomi. Embora seja coincidência o casal de ex-noivos juntos no altar, todos achavam engraçado, mas a verdade é que os dois realmente são os melhores amigos da Chris.

Koll volta seus olhos para a radiante loira de vestido de cetim azul assim como seus olhos, e percebe que Naomi trocava olhares intensos com o seu irmão — sentado no banco da frente —, que pareciam soltar faíscas no ar.

— Eu acho que a Christina escolheu o par errado para a Naomi! — comenta Gardner, fazendo a loira desviar a atenção para ele.

— Amorzinho, agora já era, você está com a minha melhor amiga! — Ela dá um a piscadela para Gad e todos soltam uma risada.

— Nay, eu amo você, mas está na cara que não prestou atenção em nada que eu disse!

— Tá, tá, tá! — O ignora mais uma vez, para continuar flertando com o outro Gardner.

As pequenas luzes de led ao lado do tapete vermelho são acesas e a mãe de Koll lhe dá um beijo no rosto, se posicionando ao lado de Scott. Assim, dá o sinal que todos esperavam.

A música inicia. Na frente, entra Luiza — a filha de Tesha — como dama de honra em seu lindo vestido lilás, jogando pétalas de rosas brancas. Todos ficam olhando apreensivos para a porta, esperando, esperando... O coração de Koll saltita, não acharia absurdo se ela desistisse.

Mas, para alegria de todos, as cortinas brancas são afastadas revelando Christina em um vestido longo simples, com uma coroa de flores, e nas mãos um buquê de margaridas cor-de-rosa. O longo cabelo ondulado e com luzes ilumina o sorriso da noiva mais feliz do mundo.

Pela primeira vez na vida, Christina deu um passo em direção ao que sempre quis. Encara Koll Gardner, que a espera a poucos metros de distância com sua pele acastanhada e o cabelo negro e liso de tal forma que era empurrado com a brisa, com um lindo sorriso tão brilhante quantos os brincos em sua orelha — os quais foram colocados por Christina em seu aniversário — ele espera ansioso.

Enquanto caminha, é impossível não rir das piadas que passam em sua mente, nem de longe era isso que sua mãe planejava para um casamento. Tem uma ideia do que Ashley deve estar pensando ao ver Koll de bermuda e camisa

de botões.

O *flashBack* de toda a aventura que Chris viveu começa a passar em sua mente, e ela vai entendendo a importância de cada momento que vivenciou.

Nenhuma história de amor é perfeita na verdade, às vezes, as coisas não acontecem como planejamos, ou planejaram para nós. Às vezes, acontecem melhor.

Há cinco anos, ela odiava Koll e precisou ter sua vida revirada de cabeça para baixo para que seu orgulho viesse abaixo, como uma parede velha que desmorona. Tudo isso para entender que o tempo não espera quem não sabe perdoar.

Deveríamos nos apegar a sorrisos e toques apaixonantes, a olhares admirados, a momentos que arrancam suspiros, ao invés de nos agarrarmos a lembranças que nos tornam pessoas irreconhecíveis na frente do espelho.

Transforme sua vida, pegue as rédeas dela.

Quando sentir que é hora de mudar, mude! O tempo é a coisa mais preciosa que temos. O amor não é se apoderar de alguém. É apenas viver momentos memoráveis, os quais são guardados com carinho em sua lembrança. E não se apegue ao paradigma de viverem felizes para sempre!

Para sempre é muito tempo quando não se está feliz!

E pouco, quando se sabe cultivar o amor.

Koll dá um passo à frente, recebendo Christina com um beijo na testa e se volta para o juiz de paz, que, como um bom mestre de cerimônia, torna o momento poético:

— Uma flor, sempre tão delicada, necessita ser regada com uma dose de amor, e iluminada com gratidão. Enraizada na confiança! Assim é o amor de Christina e Koll Gardner, que passaram por inúmeras provas para provar que o amor genuíno existe. Cultivaram o seu amor na paciência, acreditaram que "para quem tem fé, o impossível é só questão de opinião". E que amar, significa ter seus olhos voltados para o verdadeiro e belo: o amor! E hoje estão aqui diante de todos, para oficializar aquilo que seus corações já fizeram há muito tempo! Hoje, Christina e Koll encerram a história de dois enamorados e iniciam as páginas secretas de dois amantes, que prometem nesse momento serem eternos companheiros enquanto a chama do respeito e do amor continuar queimando.

Após o discurso do respeitado juiz, a música "A Thousand Years" começa a tocar e todos se voltam para trás, vendo Melissa que, aos seus dois anos, entra, usando um lindo vestido de princesa, acompanhada por seu fiel companheiro, Loki — seu cão — que traz na coleira as alianças penduradas.

Um coletivo "wow" se espalha.

Koll avança alguns passos à frente junto a Christina. Se abaixam, dão

um beijo em sua menina e pegam as alianças. Tesha, orgulhosa por ser responsável pela proeza daquele momento, abre um enorme sorriso e vai ao encontro deles, ajudando a levar a menina e o cão para seus lugares.

— Obrigada, Tess, eu te amo! Foi uma linda surpresa. Bem, eu costumo ser ótimo com discursos, mas acredito que nem preciso dizer em voz alta o que está em meu coração, a não ser que eu amo você. E hoje eu lhe pergunto, Christina Beckham, você aceita se tornar oficialmente uma Gardner? — pergunta o noivo.

— É claro que eu aceito! — Ela oferece a mão e ele coloca a aliança. — É impossível não refletir sobre o que representa uma aliança. Que é a ideia de formar uma aliança com a pessoa que você ama. E que tudo que é verdadeiro não tem fim, assim como sua forma circular.

Christina respira profundamente, embora ainda se sinta desconfortável em falar em público, aprendeu a controlar, nos últimos anos, sua fobia.

— Você, para mim, Koll, tem o mesmo significado, eu o considero um aliado, que em momentos difíceis me ajuda a superar qualquer coisa apenas com sua presença. E, quando eu estou com você, não importa o que acontece, porque o amor que tenho por ti, é infinito! Koll, você aceita se tornar o meu marido?

— Com certeza! — Christina coloca a aliança no dedo de Koll.

— Pelo poder investido a mim, e perante a todas as testemunhas presentes, eu os declaro marido e mulher! — diz o juiz. — Pode beijar a noiva!

Os dois se beijam, alguns convidados atiram pétalas de rosas brancas sobre o casal, enquanto outros estouram garrafas de champanhe.

— Alguém me traz uma garrafa de vodca! — pede Koll, e o irmão mais que depressa lhe entrega dois copos de shot e os enche. — Há cinco anos, eu disse que você só voltaria a beber vodca quando se tornasse uma Gardner! — Pausa. — Hoje é esse dia! — Os dois entrelaçam os braços, ouvindo os convidados iniciando a contagem regressiva: “*Três, dois, um*”.

Eles viram a dose. E esse lindo momento se eterniza em uma fotografia que, Para Sempre, poderá ser admirada na cabeceira da cama, como tantas outras espalhadas pela casa, que remontam e relembram o porquê de se amarem tanto.

Também para lembrar que, quando as coisas estiverem difíceis, simplesmente, dê um salto de fé!

Fim!

Se você sentiu-se tocado por esse livro e quer ajudar a torná-lo disponível a outros em um nível mais amplo, nós o convidamos a participar do...

Projeto Semear

Nós, um grupo de leitores que se sentiu tocado por *Apenas 24 Horas*, estamos convencidos de que este livro merece ser lido pelo maior número de pessoas possível. Não é somente uma história envolvente e inspiradora, mas tem uma qualidade literária que faz dela um presente especial. Oferece uma nova forma de ver a vida e encará-la com fé.

Editoras já expressaram o interesse em publicar esse livro, e farão isso depois que um número considerável de livros estiver em circulação. A divulgação boca a boca ainda é a ferramenta mais eficaz para que um livro como esse possa causar transformações.

Se você, como nós, foi tocado pela mensagem desse livro, talvez já tenha algumas ideias de como fazer que outros o conheçam.

Dê o livro de presente a amigos e até mesmo a estranhos. Eles receberão não apenas uma história empolgante, mas também um vislumbre magnífico de como Deus age milagrosamente em nossas vidas.

Se você tem um site ou um blog na internet, fale um pouco sobre o livro e como ele te tocou. Escreva uma resenha para um jornal de sua cidade ou em sua rede social: Facebook, Instagram ou Whatsapp. Se você tem uma loja, exponha o livro com a maior visibilidade possível.

Se for dono de uma empresa, considere a possibilidade de presentear, com o livro, seus clientes preferenciais ou fazer um

patrocínio conosco pela lei Rouanet.

Doe o livro para escolas, abrigos femininos, prisões, lares de reabilitação, casas de repouso e outros lugares onde as pessoas possam se sentir tocadas pelas mensagens dele.

Em reuniões e encontros, fale do livro e conte do impacto que ele causou em sua vida. Você estará prestando um grande favor aos que o escutarem.

Para mais informações e ideias de como você pode ajudar o Projeto Semear, entre no nosso site e fale conosco.

Obrigado por plantar essa semente do bem!

SITE

<http://escritoraestefaniacristina.blogspot.com.br/>

SKOOB APENAS 24 HORAS:

<https://www.skoob.com.br/apenas-24-horas-sem-voce-621287ed622055.html>

FACEBOOK APENAS 24 HORAS:

<https://www.facebook.com/apenas24horaslivro/>

LISTA DE MÚSICAS

1. All Of Me — John Legend
2. Non Dimenticar — Nat King Cole
3. Por Una Cabeza — Carlos Gardel
4. Don't — Ed Sheeran
5. Get Me Bodied — Beyonce
6. Halo — Beyonce
7. Crazy — Gnarls Barkley
8. Pony — Ginuwine
9. Day 'N' Nite — Kid Cudi
10. Rehab — Rihanna (Cover Julias Moon)
11. Secrets — One Republic
12. Fire — Bangtan Boys (BTS)
13. Rebelde — RBD
14. Silêncio — RBD
15. Salva-me — RBD
16. Counting Stars — One Republic
17. Spring — Vivaldi
18. A Thousand Years — Christina Perri
19. The One That Got Away — Katy Perry
20. Earned It — The Weeknd
21. Speechless — Michael Jackson
22. Talking To The Moon — Bruno Mars
23. Say You Won't Let Go — James Arthur
24. Skinny Love — Birdy
25. Photograph — Ed Sheeran
26. I Love It — Icona Pop
27. Ciara — Ride
28. I Hate U, I Love U — Gnash e feat. Olivia O'brien
29. Stay — Rhianna

30. Can I Be Him — James Arthur
31. O Rappa — Auto-Reverse
32. O Rappa — Anjos
33. Coldplay — The Scientist
34. Me Hold You — Bow Wow
35. Shorty Like Mine — Bow Wow
36. Só os Loucos Sabem — Charlie Brown Jr.
37. Te assumi para o Brasil — Mateus e Kauan
38. Jess Glynne — Take me Home.
39. Say Something. — Christina Aguilera feat. A Great Big World.

^[1] Hashi: Palito japonês, utilizado nas refeições.

^[2] Na tradução literal é “Coração Doce”. É uma expressão americana, para dizer: Docinho, querida, amor e amada.

<https://www.significados.com.br/sweetheart/>

^[3] Todas as mensagens são de leitores reais, que participaram de um sorteio para ter sua mensagem na caixa de mensagem do Koll.

^[4] Gíria gamer. Expressa a ideia de “bônus”.

^[5] * Pesquisa do site UOL "Ao falarmos dos outros, revelamos muito sobre nós mesmos":

<https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2014/08/19/ao-falamos-dos-outros-revelamos-muito-sobre-nos-mesmos.htm>

*Curiosidade 1: O capítulo respeita as gírias utilizadas no Brasil, conforme são usadas.

*Curiosidade 2: O capítulo foi inspirado no episódio de “Lapada” do Youtube Cauê Moura, entrevista com Renan do 4FitClub.

(Escala de coma de Glasgow) É uma escala neurológica que parece constituir-se num método confiável **com** objetivo de registrar o nível de consciência de uma pessoa, para avaliação inicial e contínua após um traumatismo craniano. Seu valor também é utilizado no prognóstico do paciente e é de grande utilidade na previsão de eventuais sequelas. (Wikipédia)

[7] Desenho animado com a história de Buda:
<https://www.youtube.com/watch?v=HyXJvUWrkn0>

[8] Curiosidade 3: Santa Rita de Cássia, é uma santa italiana. Seu corpo repousa intacto no túmulo de cristal na Basílica da Cássia – Itália.

Table of Contents

[PARTE 1 — A PRIMEIRA ILUSÃO](#)

[PARTE 2 — DE VOLTA PARA SEUS BRAÇOS](#)

[PARTE 3 — O PESADELO CONTINUA](#)

[PARTE 4 — ADEUS CAROLINA](#)

[PARTE 5 — O VELHO SONHO DA XÍCARA](#)

[PARTE 6 — 24 MESES COM VOCÊ](#)

[PARTE 7 — VIDA A DOIS](#)

[PARTE 8 — PRISÃO SEM GRADES](#)

[PARTE 9 — YOU TUBE](#)

[PARTE 10 — PERDENDO TEMPO](#)

[PARTE 11 — A BORDO](#)

[PARTE 12 — VOLTE A VIVER](#)

[PARTE 13 — ENTRELACAMENTO DO AMOR](#)

[PARTE 14 — BATE-BATE](#)

[PARTE 15 — É MENINA](#)

[PARTE 16 — APENAS UM FANTASMA](#)

[PARTE 17 — O ÚLTIMO GIRO](#)

[PARTE 18 — CAINDO DO CÉU](#)

[PARTE 19 — O MILAGRE](#)

[PARTE 20 — PARA SEMPRE VOCÊ](#)

[Projeto Semear](#)

[LISTA DE MÚSICAS](#)